

IRENE MARIA FERREIRA BARBOSA

ENFRENTANDO PRECONCEITOS :

Um estudo da Escola como estratégia de superação de desigualdades.

Tese de Doutorado apresentada
ao Departamento de Antropologia
da Faculdade de Filosofia,
Letras e Ciências Humanas da
UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO.
Orientador : Prof. Dr. TEÓFILO
DE QUEIROZ JUNIOR

SÃO PAULO
1994

INDICE

INTRODUÇÃO.....	1
QUADRO GERAL DE REFERENCIAS.....	13
O CENARIO DA HISTORIA.....	29
O PERSONAGEM PRINCIPAL.....	72
O So. Antonio	81
Nos tempos do "Ginásio do Estado.....	89
Mudanças de sonhos.....	110
Volta para a cidade.....	116
Novamente em São Paulo.....	133
O Homem.....	141
O PROFESSOR CESARINO.....	146
DIREITO SOCIAL.....	165
MIRAGEM POLITICA.....	198
A CARREIRA INTERNACIONAL E A MEDICINA.....	226
A TRAJETORIA E A RECONVERSAO.....	240
BIBLIOGRAFIA REFERIDA.....	256
BIBLIOGRAFIA CONSULTADA.....	264
FONTES PRIMARIAS E AFINS.....	269
ANEXOS.....	275

Três espécies de almas, três orações:

a) Sou um arco nas suas mãos, senhor;
curva-me se não apodrecerei.

b) Não me curves demasiado, senhor;
posso quebrar.

c) Curva-me até onde desejares, senhor;
e tanto pior se eu quebrar.

NIKOS KAZANTZAKI (*)

(*) KAZANTZAKI, NIKOS. Carta a Greco. Lisboa, Ulisséia. 1956.

Este trabalho foi feito com grande prazer, uma vez que não foi um trabalho solitário: contei com a ajuda de muitos colegas e amigos a quem gostaria de agradecer: Profa. Dra. Olga M.M. von Simpson, Prof. Dr. Renato Silva Queiroz, Prof. Dr. Carlos Serrano, Prof. Leonel Melo, Prof. Dr. Kabenguele Munanga, Profa.Dra. Maria Isaura Pereira de Queiroz, Prof. Dr. José de Souza Martins, Prof. Dr. José Roberto Amaral Lapa, Dra. Maria Luiza Pinto de Moura, Dr. José Waldemar Junqueira Cleto, Profa. Maria Helena Trigo, Profa. Dra. Lucia Salvia Coelho, Profa. Dra. Liana S. Trindade, Prof. Dr. Francisco Benjamim de Souza Neto, Profa. Dra. Yoshiko T. Mott, Prof. José Marangoni de Camargo, Prof. Francisco Corsi, Prof. Dr. Sebastião Jorge Chamé, Prof. Orlando Martineli Junior, Profa. Célia M. Tolentino, Profa. Dra. Zeila Demartini de Brito, Prof. Ermelindo Tadeu Giglio, Profa. Dra. Maria Lúcia R. Ricci, Profa. Maria Helena Salek, Sra. Maria Alves de Paula Ravaschio, Cassia Denise Gonçalves, Fernando Antonio Abrahão, Magnólia Aparecida Ferraz; ao meu irmão Sérgio Luiz; aos sobrinhos: Rafael e Marcela.

Agradeço ainda a todos que prestaram depoimento, enriquecendo o trabalho.

A todos, muito obrigada.

INTRODUÇÃO

O projeto inicial deste trabalho era "Escola e Relações Raciais em Campinas", e eu pretendia estudar a escola e as relações raciais a partir de um detalhado levantamento do contingente de estudantes negros nas escolas da cidade.

A importância de tal projeto já havia sido percebida em trabalho anterior _"Socialização e Relações Raciais: um estudo de família negra em Campinas"¹ elaborado como dissertação de mestrado e que revelou fortes indícios das dificuldades enfrentadas por camadas negras da população para sua escolarização.

Inicialmente, o objetivo do trabalho era saber quantos eram os estudantes negros e em que tipo de escolas estavam concentrados, para, posteriormente, verificar a extensão do espaço ocupado pela população negra, identificando os problemas

1. BARBOSA, I.M.F. Socialização e Relações Raciais: um estudo de família negra em Campinas F.F.L.C.H. - U.S.P. 1983

raciais e estudando o modo como estavam sendo enfrentados.

Era um trabalho que necessitava de um contato inicial com os diretores das escolas da cidade, quando seriam explicados os objetivos do projeto e solicitada autorização para entrada em salas de aulas, com possibilidade de conversar com os alunos.

As investigações foram muito bem sucedidas nas escolas da rede particular de ensino, principalmente nas pré-escolas e grandes colégios, onde foi possível até mesmo ter acesso às famílias das crianças negras. Nas escolas dos projetos de educação alternativa das Sociedades Amigos de Bairros, mantidas em convênio com a Prefeitura Municipal, a pesquisa também foi bem sucedida. Esses dois tipos de escolas constituem os extremos da situação do negro, pois as primeiras mostram que o número de crianças negras não é expressivo, embora revele uma grande preocupação das famílias de classe média para manter seus filhos matriculados em boas escolas, e as segundas mantêm um alto contingente de estudantes negros e enfrenta muitos problemas de evasão e repetência.

Quando o levantamento começou a ser efetuado nas escolas estaduais de primeiro e segundo graus, as dificuldades começaram. Foi dispendido muito tempo à espera de diretores para a obtenção de autorização para as pesquisas nas escolas. Dificilmente era possível ter acesso imediato ao diretor em uma primeira visita. Quando conseguia, o diretor ou não via utilidade no trabalho, ou permitia a entrada da pesquisadora desde que fosse apenas para observar, acompanhada por inspetores de alunos, sem tocar na questão racial. Cheguei a ouvir coisas como: " Eu

fico com pena das alunas negras, elas podem ficar constrangidas com a pesquisa", ou "você pode levantar um problema onde não existe, aqui na minha escola todos se dão muito bem."

Mesmo diante dessas dificuldades foi feita a investigação em dois ginásios, onde conhecimentos pessoais com diretores e professores possibilitaram até mesmo encaminhar algumas discussões em salas de aula com os alunos negros e brancos. Aí, os estudantes negros pareciam estar desabafando as tensões reprimidas e muitos brancos acabaram por declarar que "nunca podiam imaginar que as brincadeiras que faziam eram discriminatórias e que podiam trazer conseqüências tão sérias para os colegas negros".

Embora reconhecendo a importância dos dados obtidos, a pesquisa era lenta e desanimadora, uma vez que sua relevância estava na quantidade das escolas pesquisadas e a cobertura necessária dificilmente seria conseguida.

Numa dessas incursões ao Colégio "Culto à Ciência", foi possível ter acesso aos arquivos de secretaria, aos livros de matrícula e de notas, assim como ao arquivo morto do colégio, que guarda uma documentação desde 1872.

A descoberta dessa documentação coincide com a chegada ao Centro de Memória da UNICAMP, onde estava sendo feito o levantamento bibliográfico dos arquivos doados pelo professor Cesarino Júnior, material que me atraiu de imediato, uma vez que na casa de meus pais o professor Cesarino era considerado como uma entidade mítica. Muitas vezes ouvi meu pai comentar que minha avó fez questão de transferi-lo de escola para que pudesse ser

aluno de Cesarino Junior! Uma sumidade!

Eu também havia ouvido alguma coisa a respeito de problemas raciais que ele tivera no Culto à Ciência.

A riqueza dessa documentação pareceu-me extremamente atraente, e foi colocando novos desafios: Colégio Culto à Ciência e Cesarino Júnior pareciam ser uma ótima combinação para estudar "Escola e relações Raciais em Campinas", por suas respectivas representatividades: ele, negro destacado como intelectual, e o Colégio, pelo papel que tem desempenhado no conjunto dos estabelecimentos de ensino da cidade.

Assim, foi proposto ao orientador, Prof. Dr. Teófilo de Queiroz Júnior, o redirecionamento do trabalho anterior e, compreensivamente, ele aceitou.

O trabalho continuava com a mesma preocupação; só que, agora, por outros caminhos. O problema central continuava sendo a questão racial e a escola, mas agora seria estudado através da vida de um personagem historicamente ligado a ela e de um importante colégio.

A medida em que a documentação ia sendo desvendada, mais a ligação do personagem com o objeto se estreitava, maior quantidade de fatos novos exigia explicações.

As fontes de pesquisa utilizadas foram documentos como: arquivos de escola (atas de notas, livros de matrícula, atas de reuniões de congregação, fotografias escolares e cartas), registros de cartório, escrituras e testamentos; do arquivo pessoal de Cesarino Júnior, foram consultados: cartas, telegramas, fotografias, artigos, propaganda política, originais

de trabalhos, reportagens e entrevistas a respeito de pareceres jurídicos, uma série de reportagens sobre a vida do personagem principal e uma autobiografia.

Ao lado de fontes escritas, a reconstrução da trajetória pôde ser complementada por inúmeros depoimentos de ex-alunos, companheiros de escola, amigos pessoais, da assistente na Faculdade de Direito e do escritório de advocacia, do irmão, e conversas informais com a esposa, com fitas de depoimentos gravados por sua assistente e por depoimento dado ao C.P.D.O.C. da Fundação Getúlio Vargas. Mas a principal fonte de informações é uma série de entrevistas gravadas pela pesquisadora, em 1989, quando Cesarino Júnior contava 83 anos.

A natureza diferenciada do material obtido impõe algumas reflexões sobre as possibilidades de articulação.

As fontes escritas, por exemplo, fornecem dados de natureza impessoal: documentos de cartório, atas, notas, estão lá, independentes de nossa vontade, não envolvem nenhum tipo de emoção, são registros, enquanto que os dados do arquivo pessoal, a auto-biografia, são documentos revestidos de emoção e refletem o modo como o personagem se auto-representa, e como auto-representação vai se alterando através do tempo. Há ainda as reportagens, os testemunhos e depoimentos que revelam como o pesquisado é visto por terceiros e pela pesquisadora.

De qualquer forma, os documentos pessoais foram selecionados pelo pesquisado, que os tornou públicos, portanto, passou-os por um filtro (mais ou menos consciente), para tornar conhecidas apenas as informações desejáveis. Ai, "a auto

justificação como valorização do sujeito por ele mesmo, pode conduzir o pesquisador a descobrir um tipo ideal em lugar de um tipo real".¹ Nota-se que esta é uma questão a ser posta; entretanto, contando com fontes de outra natureza, o risco poderá diminuir.

Assim, para a recuperação do percurso, as fontes disponíveis fornecem dados que se complementam e se contradizem. É um procedimento que, se por um lado pode ampliar as possibilidades de interpretação, esclarecendo pontos obscuros, por outro, pode abrir lacunas que dificultarão a coerência de toda a trajetória. Entretanto, a dificuldade poderá ser contornada pela utilização de literatura complementar.

A diversidade das fontes, depois de maior familiaridade com os dados, acabou por se mostrar vantajosa, na medida em que me permitiu perceber as "entrelinhas" da história de vida, pois a própria natureza da questão a ser enfocada, a discriminação racial na escola, não vai ser explicitada na documentação. Ela é um tabu, em princípio, não se fala abertamente da "cor" do personagem central, principalmente depois que ele se tornou um eminente professor; as manifestações de preconceito e de discriminação aparecem dissimuladas, encobertas pelo preconceito contra o preconceito de se ter preconceito² e pelo fato dele jamais ter sido militante de movimento negro, nem ter-se referido

1. MORIN, F. Pratique Anthropologique et Histoire de Vie Cahiers Internationaux de Sociologie, vol. LXIX, 1980, pag. 328.

2. FERNANDES, F. A Questão racial vista por três professores : F. Fernandes, Oracy Nogueira e J.B. Borges Pereira S.P. 1971, Universidade de São Paulo, Escola de Comunicação e Artes .

direta e abertamente à própria cor.

A auto-biografia é, de todos, o instrumento mais preciso, mais ordenado; recebendo um tratamento linear, reconstrói a trajetória escolar e de trabalho. É um instrumento valioso, pois "é o narrador que sozinho manipula os meios de registro...foi ele também que por motivos estritamente pessoais se dispôs a narrar sua existência, fixar suas recordações; deu-lhes o encaminhamento que melhor lhe pareceu... o narrador se dirige diretamente ao público, e a única intermediação está no registro escrito, quer se destine ou não à publicação"¹. Assim, a auto-biografia é o instrumento em que o quadro social da memória fica melhor explicitado e indica como o percurso do pesquisado é por ele colocado no contexto da sociedade mais ampla.

A entrevista foi preparada com a leitura dos instrumentos referidos anteriormente, e a partir do levantamento da trajetória escolar do pesquisado; assim, acabou sendo a concretização de uma espécie de conversa entre as diferentes fontes. Fica a clareza de que foi um momento construído pela relação pesquisador/pesquisado, em circunstâncias também construídas pela situação de pesquisa; contudo, dessa experiência surgem aspectos de grande importância para completar o quadro histórico.

Dessa forma, à medida em que a entrevista estava sendo preparada, com informações dos mais diferentes aspectos da vida

1. PEREIRA DE QUEIROZ, M.I. Relatos orais: do "Indizível" ao "Dizível" in Olga M. M. Von Simson (org.) Experimentos com Histórias de Vida, S.P. Vértice, 1988.

do pesquisado, a pesquisadora também havia construído uma versão da história, que, ao nortear a conversa, pode ser refeita à luz dos novos dados e da visão do informante, pois, ao mesmo tempo que a versão construída conduzia o fio da conversa, servia para estimular-lhe a memória. Algumas vezes, diante da indagação da pesquisadora, o interlocutor observava: "A senhora sabe mais da minha vida do que eu, eu já nem me lembrava mais disso!" e, então, seguia-se uma retomada dos acontecimentos, sempre acrescidos de novas informações. Esses fatos contribuíram para deixar claro o interesse e a importância dos assuntos referidos, desenvolvendo uma relação de simpatia e de confiança por parte dele, ao narrar aspectos não publicados de sua história e algumas questões pessoais que continuarão sendo preservadas, sem nenhum prejuízo para o trabalho.

A entrevista ainda permitiu cobrir período posterior, não incluído nas outras fontes, em que a carreira do entrevistado atinge momentos importantes, e a narração de sua última experiência profissional, que será especialmente tratada no decorrer deste estudo.

A reportagem, a auto-biografia e a entrevista serão os instrumentos centrais para a reconstrução proposta, pelo fato de fornecerem as informações mais detalhadas e por tratar de três níveis de reconstrução da história de vida: o do repórter, o do entrevistado e o da pesquisadora. Além disso, vai representar uma oportunidade ímpar para a complementação das eventuais lacunas, possibilitando a compreensão de três momentos diferentes do processo formador da memória do informante: a reportagem

publicada em 1952/1953, a auto-biografia escrita em 1982, trinta anos depois, e a entrevista realizada em setembro/outubro de 1989, portanto sete anos mais tarde.

A reportagem é o instrumento mais detalhado a respeito do passado, da família e dos dias da infância. Aí, o repórter parece reproduzir as imagens de uma narrativa que rememora o passado da família, desde sua origem na cidade, que passava "como uma fita de cinema"; esses quadros parecem muito importantes para as lembranças mais antigas, possivelmente por ter sido a primeira oportunidade que o entrevistado teve de organizar sua história, quando ainda possuía uma pasta com recortes de jornal de um tio-avô sobre "aquele tempo" e que na auto-biografia declara irremediavelmente perdida.

No decorrer da investigação, foram sendo desvendados aspectos da vida de Cesarino Júnior que surgiam de modo surpreendente, impondo desdobramentos imprevistos; assim, novos levantamentos foram feitos, novos arquivos foram procurados, uma vez que assuntos não diretamente ligados à escola, que é a preocupação central deste trabalho, surgiam para oferecer um quadro complementar que enriqueceu a compreensão do conjunto de seu percurso. Essa complementação foi obtida através de informações da literatura relativa ao Direito Social e de investigação nos arquivos da FIESP e na Biblioteca Roberto Simonsen, além de depoimento fornecido ao CPDOC da Fundação Getúlio Vargas.

E aqui que cabe citar Simson, que cita Brioschi, Trigo e Pereira de Queiroz: " não é o indivíduo e sua história o objeto

do estudo e sim as relações nas quais se encontra imerso, pois o indivíduo é também um fenômeno social. Aspectos importantes de sua sociedade e do seu grupo, comportamentos e técnicas, valores e ideologias podem ser apanhados através de sua história".¹

Com esses instrumentos, a reconstrução pretendida foi conduzida pelo que Berteaux chamou de *Approche Biographique*, ou seja, a aproximação biográfica, pois permite conjugar a observação e a reflexão na medida em que se constitui de um "método necessariamente histórico (a temporalidade contida nos relatos individuais remetem ao tempo histórico), dinâmico (apreende as estruturas de relações sociais e os processos de mudança) e dialético (teoria e prática são constantemente colocadas em confronto durante a investigação)".²

O objeto do estudo é construído pela relação existente entre a escola e o personagem negro, que fica explicitado em dois momentos: a Escola e Cesarino Júnior aluno, e Cesarino professor e a Escola, que aparecem no processo de investigação. O desenrolar da reconstrução que conduziu à compreensão dessa relação será efetuado considerando duas memórias: a memória da história, constituída pela cidade, pela escola, pelo cenário e pelos processos que dão conta dessa construção e pela memória do ator, constituída pela vida vivida, que terminam na construção de

1. VON SIMSON, O.M. Folgado Carnavalesco, *Memória e Identidade Socio-Cultural* (mimeo). 1980.

2. BERTEAUX, D. *L'Imagination Sociologique*, XV (92) 269-279, 1985 in Trigo, M.H. e Brioschi, L. *Relatos de Vida em Ciências Sociais: Considerações Metodológicas* S.P. *Ciência e Cultura* 39(7), 1987 pag. 632.

uma única história.

A articulação dessas memórias será trabalhada a partir das categorias que aparecem nos discursos, tanto nos documentos escritos quanto nos relatos de vida e nos depoimentos: preconceito, discriminação racial, pobreza, relações de poder, competição, socialização de um negro em um dado tempo e em um dado lugar.

Como já foi referido, nem sempre essas categorias são explicitadas nos discursos: é preciso descobri-las. A sugestão de Tourraine no texto escrito por M.H. Trigo e por L. Briochi, parece auxiliar no esclarecimento: " O Objeto da Sociologia, as relações sociais, não se apresenta jamais de forma imediata à observação. A relação é recoberta pela regra, pelo discurso e pela ideologia"¹. Dentro dessa perspectiva é importante que não se confunda o objeto real com o objeto do conhecimento; este último é a representação do primeiro.

"A relativa opacidade do objeto exige um trabalho de construção por parte do investigador, que, através de suas reflexões sobre as informações disponíveis, vai construindo paulatinamente o objeto do conhecimento."²

No decorrer da análise dos dados, as questões relativas a problemas raciais poderão ser percebidas através daquilo que é dito, daquilo que não é dito e daquilo que é interdito, e para isso a articulação das fontes empíricas é de

1. TOURRAINE, A. Em defesa da Sociologia R.J. Zahar 1976 in TRIGO e BRIOSCHI op.cit. pag. 634.

2. TRIGO, M. H. E BRIOSCHI, L. op. cit. pag. 634.

grande valia.

QUADRO GERAL DE REFERENCIAS

O PRIMEIRO DIA DE AULA

O dia 15 de abril de 1918¹ foi decisivo para a família Cesarino. Residindo em uma casa simples na Rua José de Alencar no.71², Antonio Ferreira Cesarino, sua mulher, dona Júlia, e seus oito filhos menores viviam momentos de grande

1. Arquivo do Culto a Ciência - Livro de Atas.- 1918 - sem numeração visível.

2. CESARINO JUNIOR, A. F. Memórias de um Pajem, original datilografado, 1982. (Arquivo CESARINO JUNIOR Centro de Memória da UNICAMP.)

expectativa, dado que naquela manhã ocorreria um passo decisivo para a história da família: o menino Antonio, o filho mais velho do casal, teria seu primeiro dia de aula no colégio onde trabalhava seu pai, o "Culto à Ciência".

A simplicidade das roupas que usavam, embora muito bem cuidadas, revelavam a pobreza em que viviam.¹ Eram tempos difíceis para o pai e o filho, que se prepararam para cumprir o trajeto que fariam juntos por muitos anos.

O trajeto efetuado levava por volta de vinte minutos para ser cumprido,² da rua José de Alencar até a rua do Colégio, então já denominada Culto à Ciência, em homenagem ao tradicional estabelecimento de ensino. No passado, era a Rua da Alegria,³ local onde existiam prostíbulos. O silêncio entre pai e filho era carregado de ansiedade, pois ambos sabiam da importância daquele momento, mas não queriam falar a respeito; tudo aparentava tranqüilidade. O silêncio entre eles era quebrado por cumprimentos a pessoas conhecidas com quem cruzavam e pequenos comentários sobre os transeuntes e sobre as impressões da cidade. A aparente tranqüilidade com que ambos caminhavam acaba sendo

1. A simplicidade das roupas foi declarada por Cesarino, em depoimento gravado por sua assistente, Dra. Marli Cardone. Informação colhida a partir da narrativa de um encontro com antigo companheiro de escola que, mais tarde, encontra Cesarino elegantemente vestido e declara ter pensado que, no tempo de ginásio, ele "se vestia mal por algum princípio e não por necessidade", uma vez que na escola havia outro negro que vivia sempre elegante.

2. Trajeto feito por mim. Considerando as mudanças na cidade, o cálculo é aproximado.

3. Almanaque de Campinas para 1871 - José Maria Lisboa Tipografia a Gazeta de Campinas.

interrompida, quando já estavam quase chegando a escola, pela interpelação de um conhecido do colégio que pergunta ao bedel Antonio: "_Você não tem vergonha de ser bedel da classe onde seu filho vai estudar?", ao que ele respondeu:" _ Não, tenho ¹ orgulho!".

Apesar do constrangimento, o menino continuou em silêncio, o pai nada comentou e ambos continuaram o trajeto; faltava pouco para chegarem ao colégio, já divisavam ao longe o prédio de tijolos vermelhos.

Naquele ano, 1918, o prédio do Culto à Ciência já havia passado por sua segunda reforma, a de 1911. O edifício já não tinha mais o telhado em duas águas dos tempos de sua construção, agora eram quatro águas, e não apareciam mais as janelas do sótão, que, em outros tempos, havia sido dormitório, quando funcionava ali o internato. O sótão dos velhos tempos desaparecera quando da transformação do velho Culto à Ciência para o Ginásio do Estado; a modernização também já havia retirado da fachada os vasos de terracota que enfeitavam o balcão com gradil da sacada da biblioteca e os lampiões de ferro que iluminavam a porta de entrada encimada por uma bandeira de ferro batido colocada ali na reforma de 1895.² No entanto, as janelas em madeira pintadas de verde ainda permaneceriam por mais algum

1. CESARINO JUNIOR, Depoimento gravado que confirma reportagem de O Tempo, dezembro/janeiro de 1953.

2. Descrição baseada em comparação de fotografias e desenhos de bicos de pena publicados por AFFONSO, C.M.L. e PINTO, M.N. Culto à Ciência, Cento e Treze anos a Serviço da Cultura Campinas, 1986.

tempo, assim como o famoso roseiral do jardim.

Nesse quadro, pai e filho entram pelos portões de ferro para uma grande experiência! O primeiro dia de aula!

Em meio à algazarra dos alunos que chegavam, o menino Cesarino dirige-se para o pátio, em silêncio, enquanto o pai se encaminhava para o trabalho. Logo a seguir, volta o pai com alguns livros para o filho, pois um amigo, Brasília Machado da Luz, que era porteiro do estabelecimento, havia emprestado os livros que sua filha não mais usava. Alguns dias antes, o bedel havia lamentado diante do porteiro que não teria como comprar os livros para o filho que se portara tão brilhantemente no exame de admissão. Assim, o porteiro ofereceu-se para ajudar, só que os livros não chegaram todos nesse primeiro dia, e alguns chegariam no dia seguinte. Cesarino inicia as aulas com apenas alguns livros emprestados.²

O início das aulas é anunciado pelo tocar dos sinos. Os grupos de estudantes se formam e lentamente entram nas salas de aulas, passando pelo corredor de entrada que tinha as paredes pintadas em ocre, com barras de gregas em tons de marrom e bege; a sala do primeiro ano era no andar térreo, a primeira à direita, logo na entrada.³ O menino Cesarino, timidamente, entrou com os companheiros e ocupou sua carteira, ao lado dos colegas;

1. Depoimento de meu pai, que conhecia a localidade.

2. CESARINO JUNIOR, 1982 op. cit. pag. 12.

3. Descrição baseada em restauro recente que recuperou aspectos internos do colégio depois da reforma de 1910. A referência da sala está nos arquivos do Culto à Ciência - atas da congregação.

era o unico aluno negro na sala, junto dos "filhos das melhores familias da cidade."

Eram seus colegas: Blenda Linnea Enge, Maria José Coelho, Josefina Rovere, Zuleika de Oliveira, Alvaro Marcílio, Décio Aguiar de Souza, José Ferraz do Amaral, Mario Ferraz Brochado, Omar de Assis, Oswaldo Ribeiro Franco, Silvio Pereira da Silva, Pedro Antonio Pierro, Maria Esther Soares Bueno, Jandira Marques de Oliveira, Odilon Araújo, Paschoalino Nucci, Eunice Penteado Steavenson, Nilo Ferraz de Abreu, Clemente Vieira Alves Braga, Talvino Egidio de Souza Aranha Júnior, Jorge Florence Teixeira, Teodoro de Souza Campos Júnior e Carlos de Souza Ribeiro.¹

Dessa relação de alunos, apenas Antonio Cesarino e Zuleika de Oliveira estavam dispensados do pagamento de uma taxa de matrícula; essa informação consta da ficha de inscrição dos alunos.²

Assim que os alunos entraram na sala de aula, receberam a visita do diretor, o Professor Amadeu Mendes.³ Todos se levantaram ante sua entrada, como era de praxe, e o diretor entrou para saudar os novos alunos e desejar que pudessem tirar melhor proveito dos ensinamentos que iriam receber; o diretor retirou-se e os alunos voltaram a se acomodar em seus lugares; a

1. Arquivos do Culto à Ciência - Atas de Matrícula. - 1918 livro sem numeração visível.

2. Arquivos do Culto à Ciência - fichas de matrícula. pasta sem numeração

3. PAULA, C.F.de Culto à Ciência - Monografia Histórica Campinas 1946.

seguir, entrou em cena o bedel, Antonio Cesarino, pai do menino assustado, que se mantém silencioso, mas responde ao olhar de carinho que o pai lhe dirige. É o pai quem traz para a sala a lista em que o professor vai registrar a freqüência dos alunos.

As dificuldades do menino estavam apenas começando.

Nesse primeiro dia, logo depois da retirada do bedel, com a relação dos alunos presentes, entra na sala de aula, pela primeira vez, o professor de Italiano, para sua primeira aula, Professor Camillo Vanzolini, que, sem maiores rodeios, deu as primeiras lições, utilizando um livro que Cesarino ainda não havia recebido, a " Gramática Italiana," de autoria do próprio professor. O menino procurava prestar muita atenção, mas pouco podia entender a respeito daquilo que o professor estava falando. Por fim, o professor de italiano marcou exercícios para o dia seguinte.

Como o livro de Italiano chegara às mãos de Cesarino, apenas minutos antes do início das aulas (e estava todo danificado), o menino não tinha tido tempo para preparar os exercícios. No entanto, foi o primeiro aluno a ser argüido pelo professor; afinal, era o único aluno negro da classe. Já havia sido demonstrada a má vontade com que os professores do colégio viam a ambição do bedel em querer educar o filho. Pode-se supor, portanto, que essa chamada no segundo dia de aula era mais que mera coincidência, era um constrangimento sem disfarce.

Conta ele em suas memórias:

" Por azar maior ainda, a folha do primeiro exercício, embora no livro, estava solta em virtude de um pequeno rasgo no canto superior esquerdo. E, como desgraça pouca é bobagem, o professor me chamou. Era ele um napolitano cultíssimo, mas extremamente severo (a palavra crueldade aparece riscada neste momento da narrativa)... Chamou-me, mandando-me ficar em pé, a seu lado, na frente da classe e ler o exercício. Li-o, mas como a folha escorregava, lia um pedaço de uma linha e outro da linha inferior...Isto me valeu séria reprimenda. Intimado a traduzir, obviamente fui pior, se era possível... Assim, inventando, traduzi a frase "Pregheremo a Gesu" (Oraremos a Jesus) por "pregaremos a Jesus"... Zombou de mim o professor, afirmando que já bastava haverem os romanos e judeus pregado a Jesus na cruz...Tal zombaria fez-me odiar o professor e prometi a mim mesmo vingarme dele sendo seu melhor aluno de italiano. E consegui. Após estudar italiano por 3 anos, tínhamos o exame final - terminado este, como já então minhas mudadas relações com o professor o permitiam, pois ficáramos bons amigos, perguntei-lhe a nota. respondeu-me: Dei-te dez porque não havia maior".¹

1.CESARINO JÚNIOR, 1982 ja cit. pag. 13.

O fato de a palavra **crueldade** ter sido riscada durante a redação do livro de memórias revela certa dificuldade para encarar o problema que havia tido, uma vez que é o mesmo trecho que vai revelar o modo como conquistou o respeito do professor de italiano. É aí também que se pode perceber uma tendência a ser repetida no decorrer da trajetória, que é transformar os fatores adversos em questões circunstanciais, como o fato de transformar o incidente constrangedor em mero "azar".

Embora com desdobramentos para o segundo dia de aula, a descrição do primeiro ainda não havia terminado, uma vez que, depois da primeira aula de Italiano, ainda emocionado o menino Tosinho saiu para o recreio, em silêncio, não encontra o pai, que estava ocupado com o trabalho do primeiro dia de aulas daquele ano. Sozinho, aguardando o momento de entrar para a segunda aula do dia, assim que ouve o toque do sino, o jovem Cesarino volta para a sala de aula em silêncio e ainda meio atordoado aguarda a entrada do segundo professor do dia. Assim que entra na sala o professor Paulo Décourt, catedrático de História Natural, que já havia demonstrado ao bedel o absurdo de suas pretensões ¹ e que vai aparecer novamente nessa história, os alunos tornam a se levantar, para recebê-lo. O professor pede que se acomodem e inicia sua primeira aula, explicando como seria o curso e indicando o que seria exigido dos alunos com relação à disciplina e ao aproveitamento; "era um professor

1. CESARINO JUNIOR, 1982 op. cit. pag. 12.

imponente, ate um pouco distante,"¹ na descrição de Cesarino Júnior. O menino assistiu à aula em silêncio. Assim que ouviu o sino para a saída, respirou aliviado, aguardou que o professor saísse e retirou-se em seguida, indo procurar o pai, já em fins de expediente, aguardou algum tempo e seguiu com ele de volta para casa.

Na saída do ginásio, já na rua, foram novamente interpelados por alguém, que ele nem se lembrava mais quem era, que volta a dizer ao pai que o Culto à Ciência era lugar para gente graúda, e não para o negro filho do bedel.² O jovem Cesarino não se recorda da resposta do pai, mas segue de volta para casa com um sentimento de orgulho, misturado com receio, que se justificava pela insegurança que a situação impunha.

Em casa, a expectativa de dona Júlia era grande, para saber como o filho havia se saído, ao que o pai orgulhoso respondeu: "Muito bem!"

Para o menino, os problemas estavam apenas começando!

1. CESARINO JUNIOR, 1982 op. cit. pag 13.

2. CESARINO JUNIOR, Depoimento gravado por mim em 1989.

Para que se compreenda o significado do primeiro dia de aula, é preciso contextualizá-lo tanto quanto a história vivida pelo seu protagonista como em relação às discussões que se desenrolam no debate acadêmico em torno da questão raça e escola.

Já há algum tempo raça e escola vêm ocupando a atenção de estudiosos da questão, quer na academia, quer nos movimentos negros. Boa parcela dos trabalhos têm revelado as dificuldades de escolarização das populações negras e, de modo geral, têm mostrado como a escola vem operando como reprodutora dos preconceitos raciais e perpetuadora das dificuldades de escolarização para estudantes negros.¹

Essas dificuldades são tanto relacionadas ao acesso à escola (uma questão decorrente do fato de grande parte da população negra estar concentrada entre as parcelas de mais baixa renda, sendo o acesso difícil porque os negros são pobres, o que faz com que, de início, a questão da raça acabe se confundindo com a questão de classe)² como, também, relacionadas com os mecanismos, institucionais ou não, que a escola usa para dificultar e excluir a parcela da população que nela consegue chegar, ou seja, a expressão de preconceito que revela uma desigualdade entre as chances de escolarização de negros e

1. Cadernos de Pesquisa Fundação Carlos Chagas, Nov.1987 no.63 Raça Negra e Educação.

2.Sanfelice, L. I Encontro de Docentes, Pesquisadores e Pós-Graduados Negros das Universidades Paulistas, Marília 1988.

1
brancos.

São desigualdades que tem início na política colonialista portuguesa e que determinam a história das relações raciais no Brasil, definindo as relações de dominação e de subordinação estabelecidas entre senhores e escravos .

Muito se tem discutido sobre a maior ou menor leniência dos senhores com relação aos escravos, a maior ou menor integração do negro à sociedade.²

Estudos mais recentes sobre o período escravista têm considerado com maior atenção a presença de negros livres nesse período, embora a preocupação tenha surgido no início dos anos

setenta, com trabalhos de Mott³, citado por Pereira de Queiroz, onde os números já surpreendiam, pois davam conta de parcela significativa de negros livres com diferentes graus de inserção social.

A partir desses trabalhos sobre negros livres pode-se

1. ROSEMBERG, F. Relações Raciais e Rendimento Escolar e HASEMBALG, C. Desigualdades sociais e oportunidades educacionais, GONÇALVES, L.A.O. Reflexões sobre a particularidade cultural na educação das crianças negras, BORGES PEREIRA, J.B. Criança Negra: e identidade étnica e socialização e BARBOSA, I.M.F. Socialização e Identidade Racial in Cadernos de Pesquisa, op. cit. 1987.

2. CARNEIRO DA CUNHA, M.M. Negros Estrangeiros S.P. Brasiliense, 1985; CHALUB, S. Visões da Liberdade. S.P. Cia das Letras, 1990; PEREIRA DE QUEIROZ, M.I. Coletividades Negras. Ascensão Sócio-Econômica dos Negros no Brasil e em São Paulo Ciência e Cultura, 29 de junho de 1977 e outros.

3. MOTT, L. Pardos e pretos em Sergipe:1774-1851 Revista do Instituto de Estudos Brasileiros, U.S.P. in Pereira de Queiroz, M.I. Coletividades Negras. Ascensão Socio-Econômica dos Negros no Brasil e em São Paulo. Ciência e Cultura, 29 junho de 1977. pag. 649.

perceber quão diferenciada e heterogênea era essa população, pois mostram que, além daquela grande parcela de negros do eito, que eram cruelmente marcados a ferro e sofriam toda sorte de opressão e tortura, tão acentuada pelos livros de História do Brasil usados nas escolas, "o negro não foi rebanho", como acentua Piratininga Júnior no livro em que conta a história de sua própria família.¹

"O próprio fato de existir uma diferença de status dos negros, dos quais uns eram livres e outros escravos, coloca a questão da existência de coletividades negras, isto é, de alguns grupos manifestando uma consciência de sua posição de inferioridade".²

E ainda Pereira de Queiroz quem mostra como esses grupos eram diferenciados com "heterogeneidade com relação à cor, aos conhecimentos, ao tipo de trabalho, ao prestígio das ocupações; o status de escravo não era uniforme... todas essas diferenciações pesavam (o grifo é meu) no momento da passagem da situação de escravo para homem livre".³

A compressão dessa heterogeneidade é de grande importância para o quadro geral deste trabalho, uma vez que vai ser traçada uma trajetória que só pode ser explicada tendo-se em conta a possibilidade de uma família de negros livres e instruídos dar mostras de uma preocupação com a escola, que, num

1. PIRATININGA JUNIOR, L.G. Dietário dos Escravos de São Bento. São Paulo, HUCITEC/ P.M. São Caetano do Sul, 1991.

2. PEREIRA DE QUEIROZ, M.I. (1977) op. cit. pag. 649.

3. PEREIRA DE QUEIROZ, (1977) op. cit. pag. 655.

primeiro momento, pode parecer surpreendente se não for assim considerada.

E, nesse quadro geral, reconstruir uma trajetória particular de um negro bem sucedido, que constitui uma exceção diante da grande massa da população negra da cidade, não significa corroborar o mito da democracia racial brasileira que, ao ser colocado, "alimenta a ilusão das portas abertas", uma vez que, desde o passado colonial, a cor não apresenta obstáculo intransponível à ascensão social dos indivíduos (embora fosse para as coletividades)¹".

A importância de se acentuar uma trajetória escolar tão excepcional está em identificar os mecanismos de discriminação racial sutis e não explicitados que a escola impõe àqueles que nela conseguem chegar, e não aos que ficam de fora. Além disso, também indica que as instituições de dominação e de preservação das desigualdades raciais e sociais não conseguem uma eficiência absoluta, pois alguns indivíduos conseguem furar o bloqueio somente porque isolados não representam nenhuma ameaça à ordem estabelecida.

Assim, ao pretender essa reconstrução, quer-se compreendê-la no conjunto da história social da questão racial brasileira, preencher vazios da história social do grupo negro no Brasil.

Para isso, o instrumental teórico criado por Bourdieu parece ser uma referência útil, mesmo tendo sido pensado a partir

1. PEREIRA DE QUEIROZ, (1977) op. cit. pag 655.

de realidade histórica diferente da brasileira, pois, na França, no campo escolar, a reprodução das desigualdades parece ser muito mais visível do que entre nós.

A leitura cuidadosa empreendida por M.H. Trigo em seu trabalho: "Ser e parecer. Um estudo da reprodução social no grupo cafeicultor paulista"¹ facilita a compreensão dos estudos de Bourdieu, uma vez que dá conta da evolução ocorrida com o corpo de conceitos utilizados e o modo como este autor constantemente revê seu pensamento, ampliando as possibilidades explicativas.

Para este trabalho será usado o conceito de campo de Bourdieu. Este pode ser tanto um espaço de posições diferenciais que confere aos agentes individuais ou coletivos que o ocupam, papéis e status diferentes, quanto um lugar de luta entre os agentes.² Essa noção vai permitir compreender o campo das instituições escolares como aquele que assegura a reprodução do campo do poder³ (e a análise de uma exceção mostra que reproduz, mas não fecha inteiramente as possibilidades para as transformações).

Este seria, então, um campo onde ocorre o enfrentamento de diferentes agentes com diferentes interesses: os fundadores e dirigentes de uma escola conceituada (membros da elite dominante, ligados à aristocracia cafeeira, que representavam os interesses

1. TRIGO, M.H. Ser e Parecer - Estudo da Reprodução Social no Grupo de cafeicultores Paulistas. Dissertação de Mestrado F.F.L.C.H. U.S.P., 1989.

2. BOURDIEU, P. Questões de Sociologia Marco Zero. R.J. 1983. pags.: 90/91 e 156/157.

3. BOURDIEU, P. O Poder Simbólico. Lisboa, DIFEL 1989.

do campo do poder), os professores (que formam um grupo social que tem por objetivo a distribuição do capital cultural) e os alunos (que formam grupos sociais interessados em aumentar o capital cultural para, pelo menos, garantir a manutenção de sua posição). É exatamente a distribuição desigual do capital cultural entre os agentes que engendra a luta nos campos... Para Bourdieu, " os capitais, ou seja, os recursos que estão na base da estrutura dos campos, são de três ordens: econômico, cultural e social"¹

O personagem estudado vai circular entre diferentes campos no decorrer de sua trajetória; essa circulação vai mostrar uma predominância do capital cultural sobre o social e econômico, na medida em que se refere a um percurso escolar de alguém que, embora não dispondo dos bens culturais (livros, obras de arte, etc), que para Bourdieu aparecem relacionados com o sucesso escolar, teve um trajeto excepcionalmente bem sucedido.

Além do que, o campo cultural é privilegiado aqui, por absoluta impossibilidade de se recorrer ao social ou ao econômico.

O sentido dessa trajetória é em direção à utilização de estratégias de reconversão - conjunto de ações e reações a partir das quais a família e o personagem se esforçam para mudar sua posição na estrutura social.²

1. BOURDIEU, P. in Trigo, M. H. op. cit. pag.16.

2. BOURDIEU, P., BOLTANSKI, L. e SAINT-MARTIN, M. As Estratégias de Reconversão in DURAND, J.C.G. Educação e Hegemonia de Classe R.J. Zahar 1973.pag. 175.

Ainda é a leitura de M.H. Trigo que coloca: "Para o entendimento do comportamento dos agentes de um determinado campo, é preciso que se conheça a trajetória percorrida até a ocupação de uma determinada posição em um dado momento. A inclusão das linhas das trajetórias pelos agentes como propensões a agir e pensar de determinada maneira".

Mesmo reconhecendo a possibilidade da existência de casos individuais que contrariam a propensão geral, Bourdieu acha possível falar em "trajetória modal", ¹ isto é, "aquela que tem maior probabilidade de ser seguida pelos agentes do grupo ou segmento social". Assim, a história individual é considerada inscrita na história coletiva. Só que, no caso do personagem, é preciso descobrir a razão pela qual a trajetória não é percorrida.

1. TRIGO, M.H. op. cit. Pag. 17

O CENARIO DA HISTORIA

Neste capítulo, não pretendo fazer uma reconstrução da história da cidade de Campinas. Utilizarei as fontes históricas e literatura especializada apenas para permitir compreender aspectos da época em que ocorrem as condições que permitirão situar dois eventos importantes deste trabalho, ou o início de toda essa história: a fundação de duas escolas que coexistiram por algum tempo, uma fundada por um ex-tropeiro negro em pleno período escravista - o Colégio Perseverança ou Cesarino - e, a outra, por representantes da poderosa elite da cidade - o Culto à Ciência.

Embora equivalentes enquanto instituições de ensino formal, os dois estabelecimentos contrapõem-se duplamente: Primeiro, por suas origens (O Culto à Ciência procede da elite e destina-se a ela, enquanto que o Colégio Cesarino vem da fração mais desprovida); e, segundo, por seus objetivos(o colégio

Cesarino de algum modo alavanca os subalternos pela instrução e, assim, contribui para alterar o status pela preservação de posições e papéis sociais já conquistados).

A existência dessas duas escolas representa marco importante, e elas devem ser compreendidas em relação às grandes transformações que vinham ocorrendo e que se consolidaram na segunda metade do século XIX e transformaram a Vila de São Carlos na Cidade de Campinas.

O corte histórico do trabalho coincide com o processo que introduz as mudanças importantes e que vê uma vila, caracterizada pelo estilo de vida rural, com economia baseada na lavoura de cana de açúcar transformando-se em uma cidade enriquecida pela lavoura cafeeira que se modernizava.

O crescimento da lavoura cafeeira produz as transformações que se fazem sentir na medida em que os grandes proprietários de terras deixam de morar no campo e constroem os sobrados residenciais na cidade, exigindo, assim, adequações necessárias para sua modernização: "a água, bondes, calçamento, melhor comércio, medicina e hospitais, Santa Casa para os pobres, e as residências luxuosas que, de simples casas de fins-de-semana e festas religiosas, passaram a ser os lares amplos, cômodos, ricos, para a permanência da família, em permuta com as fazendas, que passaram a ser o refúgio para descanso e férias".¹

E Caio Prado quem observa: "o café deu origem à última das grandes aristocracias do país; depois dos senhores de

1. MELO PUPO, C.M. Campinas, seu berço e juventude. S. P. Revista dos Tribunais, 1969.

engenhos e mineradores, os fazendeiros de café se tornam a elite social brasileira. E, em consequência, na política também".¹

Os dados vêm demonstrar a força econômica que, aos poucos, vão assumindo os fazendeiros locais... que tinham hábitos urbanos desenvolvidos".² Em meio a essa efervescência é que entra em cena o primeiro personagem dessa história: um menino tropeiro, negro, chamado Antonio, que recebia ordens do pai, o negro Custódio, dono da tropa, acabados de chegar de Minas Gerais (Paracatu) e entravam em Campinas para ficar. O pai achava Campinas uma cidade de futuro e "queria que o filho fosse alguém".³

É importante notar, aqui, que essa história vai tratar de personagens negras muito especiais, que se diferenciam da grande massa de população negra escrava, e que, por essa particularidade, seu estudo, além de refletir aspectos dos processos culturais em que estão envolvidos, revela situações decorrentes das relações brancos/negros, às quais apenas pessoas especiais como eles estavam expostos, uma vez que passavam por enfrentamentos igualmente especiais.

Embora não dispondo de informações muito detalhadas da vida mineira desse tropeiro negro, sabe-se que ele ficou viúvo

1. PRADO JÚNIOR, C. História Econômica do Brasil. S.P. Brasiliense, 1973. pag.167.

2. VIDIGAL DE MORAES, C.S. O Ideário Republicano e a Educação - O Colégio Culto à Ciência (1869-1892) Dissertação de Mestrado, Faculdade de Educação, U.S.P. 1981.

3. O TEMPO Dezembro de 1951 a Janeiro de 1952. (Série de Reportagens publicadas quando da formatura de Cesarino Júnior na Faculdade de Medicina).

quando o filho Antonio nasceu, que o menino foi criado pela tia Mariana (irmã de Custódio), que o ensinou a ler e escrever; pode-se supor, também, que o tropeiro devia ter tido alguma instrução, pois, quando se fixa em uma fazenda de Campinas, é incumbido por sua patroa de ir à Bahia liquidar os negócios do marido falecido. Assim, é possível considerar o que representava para ele deixar de ser tropeiro, pensando no futuro do filho.

Em primeiro lugar, é preciso levar em conta que se trata de negros livres em pleno período escravista, e, qualquer que tenha sido sua história, ela vem mostrar que esse período não pode ser considerado linearmente, pois trata-se de uma categoria de negros que pode ser compreendida como aspectos das ambigüidades existentes no sistema. Fernando Henrique Cardoso já chamava atenção para o fato de

"A camada senhorial ter precisado aperfeiçoar o instrumento humano de trabalho para tornar a exploração escravista mais eficiente, criou o anti-escravo, potencialmente eficaz. O escravo-artesão.... capaz de dominar uma técnica mais refinada de trabalho, permitiu a revelação social dos atributos de pessoa humana que se encobriam na categoria de escravo... ao trabalhar, o escravo negava as representações que tendiam a fazer dele um anti-homem, e, ao mesmo tempo, permitia que ficasse socialmente evidente a necessidade de coação e de violência para transformar um homem em

1
escravo, coisa".

So que o tropeiro Custodio, negro livre, se diferencia da grande maioria dos outros negros que, alforriados, continuavam à margem do sistema produtivo, assim como da grande massa negra escrava.

Ainda é importante lembrar das colocações de Pereira de Queiroz, quando considera que

"mesmo no auge do período de escravidão, a camada dos escravos não era homogênea, tanto no que diz respeito a cor, aos conhecimentos, ao tipo de trabalho, ao prestígio das ocupações; o status de escravo não era uniforme, variava no interior de sua camada".²

Ela ainda retoma que havia uma quantidade apreciável de negros livres, com profissões e seus ofícios, que, anteriormente à libertação dos escravos, fazia parte desta "pequena burguesia".³

No entanto, mesmo livre, principalmente durante o império, havia restrição ao negro livre com relação ao acesso à propriedade da terra, o que, no projeto dos dominantes, garantia uma mão-de-obra de reserva. "Os homens livres tinham lugar,

1. CARDOSO, F.H. Capitalismo e Escravidão no Brasil Meridional S.P. Difusão Européia do Livro, 1962. pag. 270.

2. PEREIRA DE QUEIROZ, M.I. Coletividades Negras. Ascensão Socio-Econômica dos Negros no Brasil e em São Paulo. S.P. Ciência e Cultura, 29 de Julho de 1977 pag.651.

3. idem nota anterior pag. 651

portanto, no projeto dos dominantes, mas um lugar dependente".¹

Aparentemente, a família do negro Custódio havia escapado dos efeitos negativos da escravidão, não só devendo ter sido alforriada bem antes de sua chegada a Campinas, como também devia ser aquele tipo de família de negros que Fernando Henrique Cardoso chama de "não escravo". Agindo como trabalhador,

"o negro podia desenvolver alguma consciência crítica e o branco podia perceber, na própria ação dos escravos, as contradições encerradas nas representações que construía sobre o negro-²escravo".

Assim, enquanto ex-escravo, o negro livre não coisificado pela escravidão podia desenvolver atividades que lhe ofereciam boas oportunidades, como demonstra Maria Sílvia de C.F. Moreira: "Muito embora preso a esse mundo, o tropeiro foi um dos tipos humanos para o qual mais se abriram as possibilidades de integração na sociedade... Bem sucedido em seu negócio, o tropeiro "algumas vezes deixa-se seduzir pelo orgulho de fazer de seu filho um doutor".³

Mas no caso do tropeiro Custódio, ele deixa de lado a atividade rendosa. A determinação de querer dar uma vida melhor ao filho não é apenas orgulho, e pode ser compreendida se

1. CARNEIRO DA CUNHA, M. Negros Estrangeiros. S.P. Brasiliense, 1985. pag. 53.

2. CARDOSO, op. já cit. pag. 270

3. MOREIRA, M.Sylvia C.F. Homens Livres na Sociedade Escravocrata. São Paulo, I.E.B., 1962.

contextualizada no panorama desta história.

Ele era um negro livre, com alguma instrução, pois a família em Minas é que, mais tarde, vai fornecer as professoras para a escola fundada pelo filho. Portanto, poderia estar refletindo aquilo que Nelson W. Sodré vai denominar o "ranço do colonialismo", produto de uma ideologia comprometida com valores externos, ainda presentes na cultura brasileira, em que "a nobreza de títulos passou a ser substituída, entre nós, por outra espécie de nobreza, a do diploma e do anel de grau. Formar-se, ostentar diploma, era distinguir-se. Escrever, dar-se as letras, era outra forma de qualificar-se o indivíduo".¹

A raiz dessa mística, tão presente na cultura ocidental, pode ser buscada no significado da palavra trabalho, que na sua origem representa "a servidão do homem que só consegue sobreviver à natureza à custa de um esforço doloroso... Assim, para os gregos, o trabalho exprime a miséria do homem, não a sua nobreza."²

O dualismo platônico (mundo da idéias e mundo da matéria mutável) é a expressão do dualismo social: de um lado, os homens livres que contemplam as Idéias; de outro, os escravos ocupados em trabalhar dolorosamente sobre a matéria. Essa

1. SODRÉ, N. W. Ideologia do Colonialismo, Petrópolis, Vozes, 1984 pag. 107.

2. HUISMAM, D. e VERGEZ, A. Curso de Filosofia Moderna São Paulo, Saraiva, 1965 pag.196.

reflexão permeia todo o texto de "A Republica"¹.

Por outro lado, os latinos não deixavam de opor o "otium", o lazer estudioso, ao "negotium", o trabalho, os negócios. O trabalho assume, aqui, um significado puramente negativo. É a ausência de lazer.

Igualmente na tradição cristã, o trabalho é uma punição. Após o pecado, o Eterno diz a Eva: "Parirás filhos com trabalho"² e a Adão: "comerás teu pão com o suor do teu rosto".

Essa relação de trabalho como punição conduz a uma consideração a respeito da "escravidão": o vencedor não mata o prisioneiro, ao contrário, conserva-o cuidadosamente como testemunho e espelho de sua vitória. (servus é aquele que é conservado)³

Na Ideologia Alemã, Marx aponta como uma das forças capitais da história "pela divisão do trabalho, torna-se possível, ou melhor acontece efetivamente que a atividade intelectual e a atividade material _ gozo e trabalho, a produção e o consumo _ acabam sendo destinados a indivíduos diferentes; então, a possibilidade de esses elementos não entrarem em conflito reside unicamente no fato de se abolir novamente a divisão do trabalho."⁴

1. PLATON, La République tome VII 1ère. partie, Paris Sociéte D' Edition "Les Belles Lettres", 1933. Leitura feita com o auxílio do Prof. Dr. Francisco Benjamim de Souza Neto.

2. Gênese, III, 16 e 19.

3. HUISMAN E VERGEZ, op. cit. pag 197.

4. MARX, K. A Ideologia Alemã S.P. Martins Fontes, 1989. pag.28.

A divisao do trabalho intelectual e do trabalho material que se manifesta mesmo entre a classe dominante, "de tal modo que teremos duas categorias de individuos dentro dessa mesma classe (os ideólogos ativos que teorizam e fazem da elaboração da ilusão que essa classe tem de si mesma sua substância principal), ao passo que os outros terão uma atitude mais passiva e mais receptiva em face desses pensamentos e dessas ilusões".¹

A mística de desvalorização do trabalho manual é tão arraigada na tradição portuguesa, que aparece nos textos do "Estatuto da Ordem de Cristo e o Tribunal da Mesa da Consciência e Ordens", criado em 1532, que colocava o fato na letra da lei, uma vez que impedia de receber títulos honoríficos os "individuos de sangue infecto (no caso os cristãos novos), os bastardos, os de ofício mecânico (o grifo é meu), os menores de dezoito anos e acima de cinquenta. Assim, pelo que se vê, como lembra Oracy Nogueira," eles mantêm o espírito racista, o orgulho de classe e o menosprezo ao trabalho manual, inexistentes entre portugueses dos séculos anteriores".²

A partir dessas considerações, o comportamento do tropeiro pode ser compreendido, pois investir na escolarização do filho significava uma possibilidade de redenção para o grupo familiar, o distanciamento do trabalho identificado com a

1. MARX, K. op. cit. pag.48.

2. SALVADOR, J.G. Cristãos Novos, Jesuitas e Inquisição. São Paulo Ed. U.S.P./Pioneira, 1976 apud. Oracy Nogueira O Estatuto da Puritate Sanguinis e o Racismo no Brasil - U.S.P.

servidão, com desprestígio, com tudo que pudesse representar o passado escravo. Essa foi, pois, uma atitude que deve ser compreendida dentro do quadro ideológico daquele momento histórico, e que ainda continua impregnado nas mentalidades civilizadas, chegando a refletir-se em todas as trajetórias aqui estudadas.

No entanto, o sonho do tropeiro Custódio não se realiza plenamente: seu filho não chega a ser doutor, mas se torna um cidadão respeitável, parte do sonho por ele acalentado. Não obstante, o velho tropeiro não vive para assistir à realização do seu sonho, pois, pouco depois de instalados em Campinas, morre, deixando o menino, o ex-auxiliar de tropa, o negro Antonio, com 14 anos, sabendo ler e escrever, coisa rara numa vila em que, em 1838, numa população de 6.689 habitantes, apenas 205 sabiam ler e escrever.

As poucas informações sobre as aventuras do jovem Antonio merecem uma consideração especial, pois as fontes a respeito são contraditórias e intrigantes. A mais discutível constitui-se de um artigo em que o dono do jornal "O Diário de Campinas", Major Antonio Sarmiento, que era um abolicionista militante e tinha o nome frequentemente ligado aos movimentos de libertação do negro, solicita a um articulista - Henrique de Barcelos - que biografasse Antonio Cesarino, que havia falecido aos 92 anos.

O artigo de Henrique de Barcelos fazia parte de uma série que vinha circulando na primeira página aos domingos e tinha por fim render homenagem a pessoas ilustres, publicando

suas biografias.

Uma leitura cuidadosa, comparando a homenagem dirigida a Antonio Cesarino e a outros homens ilustres, deixa perceber uma nitida desigualdade de tratamento: o articulista não dedica ao negro Antonio a mesma consideração que é dada aos outros homenageados brancos, uma vez que apenas enfatiza aspectos curiosos ou pitorescos e até mesmo pouco lisonjeiros de sua história, de forma que o espaço dedicado ao trabalho por ele realizado ficou sensivelmente prejudicado. Mesmo sendo considerado um homem ilustre pelos serviços prestados à cidade, diferente dos demais homenageados, o velho Cesarino era pobre e negro, o que tornava seu trabalho menos relevante aos olhos do articulista. Este, ligado à intelectualidade local, professor do Colégio Culto à Ciência e grau três na maçonaria, não demonstrou interesse em reconhecer o valor do velho negro.

O artigo de Barcelos referente a Antonio Cesarino ressalta aspectos que dificilmente podem ser considerados como homenagem:

"A primeira viagem que o pequeno fez com o pai foi quando este veio para Campinas. Deram-se dous episódios curiosos - o farnel consistia em gordo xarque que revolucionou os intestinos do pequeno e deixou em triste estado o único capotinho de beatão que trazia; ainda por circunstância intestinal, metteu-se numa tapera, perdeu-se do pai que lhe applicou um remedio heróico _ desancou-o

com um feixe de varas de marmelo do campo...

... por montes e vales chegaram pai e filho à fazenda do Capitão Joaquim Teixeira, e dali seguiram para a fazenda do Capitão o João Franco de Andrade, onde o pequeno chuchou mais lambadas por causa dos bichos que lhe frequentavam os pés".¹

Mais que isso, esta "homenagem" volta a ser publicada em jornais da cidade em outros momentos, como em uma série de artigos a respeito das ruas da cidade. Em 1954, o jornal Diário do Povo limita-se a transcrever literalmente a antiga reportagem de Barcelos, que acabou se tornando a única fonte de informação a respeito do velho mestre na história da cidade.²

Entretanto, a importância de Antonio Cesarino foi

"reconhecida e proclamada pela Câmara Municipal de Campinas, homenageando, ainda em vida, o desvelado educador" ao aprovar a mudança do nome da rua da Boa Morte para Antonio Cesarino. Este é um gesto raro na época porque as Câmaras não facilitavam outorgas... com votos de republicanos e monarquistas, méritos partilhados pelas filhas Balbina e Bernardina que o secundavam naquele magistério".³

1. Diário de Campinas 15 de Janeiro de 1899.

2. Diário do Povo 28 de Novembro de 1954 - artigo A Rua Antonio Cesarino.

3. Correio Paulistano 24 de Junho de 1951 por Pelágio Lobo.

Em uma biografia de seu bisneto ha a informação de tentativa de um vereador para mudar o nome da rua depois de sua morte; no entanto, outro vereador, Antonio Alvares Lobo, tomou a palavra e defendeu a questão, dizendo: "Enquanto houver um membro da família Cesarino, a rua permanece"¹.

Independentemente do envolvimento do articulista Henrique de Barcelos na questão da discriminação implícita, tal artigo revela um Antonio Cesarino pouco responsável, que não conseguia firmar-se em nenhum emprego, passando por uma seqüência deles.

E preciso que se considere a concepção de trabalho e trabalhador própria do articulista, que, membro da elite dominante, vê como instável e irresponsável da parte de Antonio Cesarino a procura de um emprego melhor.

No entanto, o que parece sinal de instabilidade pode ser compreendido como busca de frestas na ordem social, pelas quais Antonio pudesse superar as limitações, contornando os obstáculos.

A mesma seqüência de trabalhos colhidas em outra fonte, em outro momento, mostra uma outra versão da história, e divulga dados fornecidos pela família, mostrando o grande esforço para sobreviver desenvolvido pelo jovem Antonio,

"aproveitando as horas vagas para alargar os estudos, entre eles o de música com Maneco músico

1. CESARINO JUNIOR, 1982. op. cit.

(Manoel José Gomes) pai de Carlos Gomes".¹

Com esses estudos, chega a tocar na banda do Jardim Público; mais tarde, serve as elegantes como alfaiate de ofício, torna-se feitor de engenho de um capitão-mór que o protegia, foi mascate, vendendo tecidos, "era um lutador!".²

Eram ocupações relativas a status intersticiais, que também podem ser compreendidas como ocupações dos únicos espaços possíveis para um negro livre e estudado em Campinas, naquele momento.

A reportagem de Henrique de Barcelos, apesar de parcial, deixa uma interessante descrição do velho Antonio:

"Não há muitos annos via-se passar pelas ruas centraes de Campinas, vestido de brim claro com um largo chapéu de palha, inclinado na nunca para o dorso, um velho alto, acostado a uma bengala. Tinha o rosto comprido, ornado de tradicional barba moldura, ou passa piolho, que foi característica em Portugal dos fidalgos do século XIII e que ficou sendo o tipo de classe nos Altivos Burguezes do Porto, lentos passos, ligeiramente vergado ao peso de seus honrados janeiros".³

E bom notar que em nenhum momento Barcelos refere-se a

1. Pelágio Lobo op. cit.

2. O Tempo Dezembro de 1952/Janeiro de 1953 op. cit.

3. Reportagem de Barcelos Diário de Campinas 15 de Janeiro de 1899. op. cit.

cor de Antonio, mais um modo de expressar seu preconceito através daquilo que não é dito.

É esse Antonio, filho do tropeiro Custódio, que passa por toda essa aventura, que, em 1860, portanto na maturidade dos seus 55 anos de idade, funda uma escola. Por essa razão, acho que a versão de lutador, dada pela família para explicar sua trajetória atribulada, é mais justa à sua pessoa do que a versão do jornalista parcial.

O Colégio Cesarino, ou Colégio Perseverança, fundado por Antonio, era situado à Rua do Alecrim, n: 1, esquina com a rua do Comércio (atual esquina da rua 14 de Dezembro com Dr. Quirino). Figura entre as escolas particulares da cidade que tiveram grande expressão na época; era um internato de meninas e, segundo o Almanaque de Campinas para 1871, era dirigido por D. Bernardina Cesarino e D. Amância e, segundo o depoimento do bisneto, também Antonio, era dirigido pelo bisavô, que havia mandado buscar as irmãs em Minas Gerais para trabalhar na escola. Havia ainda D. Balbina, que cuidava da alfabetização.

Ainda de acordo com o Almanaque, esta escola ensinava a ler, escrever e contar, gramática nacional e francesa, geografia, música e todas as prendas domésticas. Em 1871, contava com trinta alunas.

De acôrdo com uma reportagem a respeito da Rua Antonio Cesarino, publicada pelo Diário do Povo em 28 de novembro de 1954, aparece o movimento do colégio dando conta de que em 1875 frequentavam o colégio 51 alunas, algumas pertencentes às primeiras famílias da cidade, 8 nada pagavam; ainda de acordo com

1

a mesma notícia, seis meninas pobres saíram do colégio casadas.

O registro do colégio nos Relatórios do Presidente da Província aparece de forma irregular, uma vez que detalhes de seu funcionamento constam apenas na página 34 do relatório referente ao ano de 1865, relativo às escolas particulares do sexo feminino, com as informações, o nome de dona Balbina Cesarino e tendo 44 alunas. O que parece um número de alunas considerado elevado, uma vez que, examinando os dados de outras escolas na época, o número de alunos matriculados girava em torno de 35.²

Vidigal de Moraes encontra uma referência a esse colégio na Gazeta de Campinas de 29 de Dezembro de 1872, "em um artigo que trata das solenidades de final de ano para a entrega de prêmios às alunas aprovadas com distinção nos exames". Presentes, além do inspetor do distrito, o capitão Pimenta, o Sr. Diogo Pupo, o Dr. Américo Brasiliense de Almeida Mello e o Sr. Manuel Ferraz de Campos Salles, os dois últimos pertencentes à Sociedade "Culto à Ciência".³

Falando de improviso, o Dr. Américo Brasiliense, após cumprimentar o "progresso intelectual das alunas", as habilitações profissionais da diretoria e os esforços dos professores em seus encargos", aconselhou as premiadas, especialmente

1. Diário do Povo 28 de Novembro de 1955 A Rua Antonio Cesarino. op. cit.

2. Relatórios do Presidente da Província 1865. pag.11 e 1889 pag.55 referente à Instrução Pública.

3. VIDIGAL DE MORAES, 1981 já cit. pag. 74.

"as que dando por finda sua educação tinham que retirar-se do colégio para o seio de suas famílias, que não se divorciassem dos livros e se aplicassem sempre ao estudo e aquisição de conhecimentos úteis"

e termina o seu discurso:

"A mulher instruída é um poema para o homem e a sociedade".¹

As palavras proferidas pelo Dr. Campos Salles foram assim traduzidas pela Gazeta de Campinas:

"Depois de entrar em uma ordem de considerações tendentes a demonstrar quão benéfico é o influxo, que sobre os interesses sociais exerce a difusão das luzes, fez ver quanto pode a força de vontade para os mais aproveitáveis intentos.

Em prova dessa asserção disso,(sic.) que apresentava o Colégio Perseverança dirigido por uma família, que no seio das contrariedades da pobreza soube educar-se e elevar-se à nobre missão de preceptora da mocidade".²

Outra notícia encontrada sobre a escola Cesarino foi, seis anos depois, ainda na Gazeta de Campinas:

1. VIDIGAL DE MORAES 1981 op. cit. pag 19.

2. VIDIGAL DE MORAES 1981 op. cit. pag 19

"Foi realizado um leilão de trabalhos feitos no colégio, os quais alcançaram "altos preços", somando um total de 1 050\$00,¹ aplicado na compra da liberdade de uma preta idosa que presta serviços ao colégio".²

Mostrando que havia um compromisso por parte de Cesarino com a causa abolicionista, embora nunca claramente explicitada, como os "casos de solidariedade que atravessam a linha de liberdade, há casos de libertos que ajudam os membros da mesma etnia a comprar a alforria", lembrados por Manuela Carneiro da Cunha.³ Considerada de forma mais ampla e levando em conta o peso dessa população livre, essas "solidariedades mostradas pela população livre não branca eram politicamente decisivas: a população livre de cor podia ser o fiel da balança de forças".⁴

Ainda existe registrada em cartório (3o. ofício) uma questão em que Antonio Cesarino disputava a custódia de uma menina negra a ser adotada, porque estava sendo maltratada pela madrinha que detinha o direito de tutela.⁵ Por aí se vê o

1. A título de informação comparativa: na ocasião, um par de botinas de bezerro, inglesa, custava de 14\$000 a 4\$000; uma arroba de café bom custava de 5\$000 a 5\$500; uma arroba de café escolha custava 2\$500 a 3\$000, enquanto que um escravo era avaliado por 1:000\$000 a 2:000\$000. A Gazeta de Campinas de 19 de Dezembro de 1872.

2. A Gazeta de Campinas, 29 de Dezembro de 1872.

3. CARNEIRO DA CUNHA, 1985. op. cit. pag. 25.

4. CARNEIRO DA CUNHA, 1985. op.cit. pag 19.

5. Cartório do 3o. Ofício - Inventários - Arquivos do Centro de Memória da UNICAMP.(caixa 5511).

envolvimento do velho diretor com as questões sociais ligadas aos negros, como parte da solidariedade referida acima.

A reportagem do jornal "O Diário de Campinas", por Henrique de Barcelos, já referida anteriormente, acentua de modo insistente a preocupação de Cesarino com órfãs desvalidas, havendo mesmo referência a ele como precursor do Asilo de Orfãos.

O Colégio Cesarino desaparece no final de 1876, quando Antonio F. Maria Cesarino declara à Gazeta de Campinas que fechara seu estabelecimento de ensino de meninas, pois

"que é agora indeclinavelmente obrigado a por
1
termo em sua modesta carreira".

Antes disso, já devia haver alguma ameaça sobre o colégio, que identificava as dificuldades para sua manutenção, pois, a cada início de ano letivo, a Gazeta de Campinas, pelo menos nos três anos anteriores ao fechamento, publica anúncios que visavam comunicar à população que o colégio continuaria funcionando:

<p>COLLEGIO CESARINO</p> <p>Este modesto estabelecimento de ensino continua a receber alumnas para educação primária e secundária, começado seus trabalhos no dia 9 de janeiro corrente. As diretoras pedem a atenção dos senhores pais de família para a 2 conservação deste útil estabelecimento.</p>

Em entrevista, o bisneto de Cesarino declara lembrar

-
1. A Gazeta de Campinas 24 de Dezembro de 1878.
 2. A Gazeta de Campinas 1 de Janeiro de 1878.

comentarios de que alguém havia prejudicado seu bisavo, que teve que fechar a escola por razões financeiras, deixando a família na miséria.

Em reportagem de 1951, Pelágio Lobo lembra uma escola de D. Bernardina Cesarino, que funcionou à rua General Ozório, em frente ao jardim da Praça Imprensa Fluminense, sugerindo que a filha havia prosseguido a obra do pai depois da morte dele. Esta casa consta no inventário de Antonio como o único patrimônio de valor deixado para a família.

Como foi mostrado, o período havia sido de grandes transformações para Campinas, a cidade não mais se satisfazia com uma população analfabeta acostumada a atividades agrícolas; os serviços e o comércio desenvolvidos exigiam uma população minimamente escolarizada. Essas exigências eram respondidas com a criação de escolas.

A pouca preocupação do poder imperial com a educação abre a possibilidade para "as instituições particulares que encontram caminho aberto para desenvolver-se...¹ O cenário educacional campineiro, apesar de já apresentar algumas escolas particulares anteriores à década de sessenta, (...) realmente começa a modificar-se com o surgimento dos primeiros internatos² particulares.

Em uma notícia da Gazeta de Campinas, o Colégio

1. AZEVEDO, F. A Cultura Brasileira São Paulo Ed. Melhoramentos pag. 245 e 346.

2. FERREIRA, S.B.B.X. A Expansão Escolar Campineira e a Grande Lavoura no fim do Império. Dissertação de Mestrado. Fac. Educação da UNICAMP 1982 . pag. 171.

Cesarino ou Perseverança, juntamente com o conceituado Colégio Florence (fundado em 1863 e inaugurado em 1866) eram os primeiros internatos para o sexo feminino fundados na cidade, sendo que o segundo, dirigido pela mulher de Hércules Florence, de origem alemã, incluía em suas aulas ensino de doutrina cristã e língua alemã, o que tornava seu ensino diferenciado da primeira. Também não há registro de alunos pobres frequentando o Colégio Florence. Pelas notícias dos jornais da época, percebe-se o alto conceito conseguido por esses colégios, pois existe, segundo Melo Pupo, um registro, no diário do Imperador D. Pedro II, em que, em sua visita a Campinas, para inaugurar os serviços de iluminação a gás, anota entre outras referências:

"(...) O Colégio de Mme. Florense tem três professoras: Melles Schimidt, Kasselmen e Zoega, sueca. Ouvi meninas em alemão e francês. A filhinha de Hércules Florense respondeu bem em alemão... E espartíssima... Florense mostrou-me pinturas suas. O retrato por acabar de Carlos Gomes esta horrível... O Colégio Perseverança do Cesarino e sua mulher, pardos. Tem muitas meninas e é conceituado". (...)

Essa referência indica que o colégio foi visitado por D. Pedro II em 1876, um ano antes do seu fechamento. Por essa visita vê-se que, realmente, o colégio teve certa expressão; a

1. PEDRO II Diário - Museu do Arquivo Imperial de Petropolis apud. Melo Pupo, op. cit. pag. 171. (no Diário do Imperador, a grafia de Florence aparece com s enquanto que nos demais documentos com c).

referência à visita do imperador sempre aparece, nos depoimentos de negros, como motivo de grande orgulho.

Explicar a existência desse colégio em pleno período escravista pode parecer um desafio, mas considerando-se o quadro político e social em que aparece, compreendendo-se o seu momento na história da cidade, é possível entender seu significado.

Pode-se supor, então, que a criação do Colégio Cesarino foi possível não só pelo prestígio de seu diretor, ou pela capacidade demonstrada por ele e suas irmãs e filhas, mas pela oportunidade do empreendimento, pois no momento em que criar escolas era parte do projeto das elites dirigentes da cidade, qualquer iniciativa seria bem recebida.

O discurso da elite dirigente, formada por republicanos, que na época recebe ampla cobertura no jornal local, A Gazeta de Campinas, denuncia o descaso do governo imperial para com a instrução pública, como atestado por esses trechos do longo discurso que Campos Sales proferiu na solenidade de inauguração do Culto à Ciência e que foi publicado pela Gazeta de Campinas em 13 de Janeiro de 1874:

"Senhores: Em presença do fato que hoje solenizamos, quem há que não pressinta através do futuro a grande luz, a luz que ilumina toda a humanidade - o progresso?

O cidadão já não se limita a esperar do Estado aquilo que pode fazer por si e que constitui uma indeclinável necessidade sua.

... a educação intelectual de todo

monopolizada era um luxo da classe aristocratica, do que uma necessidade dos povos.

A escola era o apanágio exclusivo daqueles que, para garantia de supostos direitos, julgavam necessário avassalar tudo, sobrepujando o espirito, a alma, o cérebro do povo. E ao serviço dos inimigos da humanidade foi posto o braço prepotente do jesuitismo.

Extirpar a ignorância era, pois, combater de um golpe a absurda desigualdade pelos preconceitos no seio da sociedade, que assim se achava dividida em duas classes: uma feita para governar e outra para ser governada.

.....

E se é certo que hoje a necessidade da instrução popular é entre nós um ponto livre de controvérsia, e se é esta a verdade universalmente proclamada, cumpre, porque o momento urge, fazê-la baixar do realismo doutrinário para a realeza prática.

....

Não se espere, pois, indolente pela ação oficial, que o povo se associe para educar o povo".

Dois anos mais tarde, e o mesmo Campos Salles quem vai

1. A Gazeta de Campinas 13 de Janeiro de 1874.

repetir, e a Gazeta de Campinas vai publicar, em 23 de Janeiro de 1876:

.... ja se reconhece com justiça que aqui, na
provincia de São Paulo, a iniciativa particular,
suprindo a ação governamental opera grandes
resultados na ordem moral também, utilizando os
mais profícuos esforços no generoso intuito de
espalhar a instrução e levar a luz a todas as almas
(...)

E termina esse discurso com a frase:

"A instrução é um meio, o fim é a
liberdade".¹

Esse discurso, de início, parece confundir a educação de elite oferecida pelo Culto à Ciência com a educação popular, mas é preciso considerar que já nessa época o mesmo grupo que criou o Culto à Ciência já havia criado as escolas de Educação Popular.

Nessa ocasião há uma proposta para que o governo decretasse pensões para estabelecimentos particulares que admitiam moços pobres, o que foi feito.² A partir daí, ao se inaugurar na Corte uma política de subvenções para as escolas privadas, elas passam a assumir uma importância maior que as públicas, que ficam relegadas a um segundo plano. O ensino

1. A Gazeta de Campinas 23 de Janeiro de 1876.

2. HAIDAR, M.L.M. Ensino Secundário no Império Brasileiro. São Paulo, EDUSP/GRIJALBO 1972 pag. 164.

oficial público, segundo Haidar, era improficuo, professores vitalícios não eram incentivados, eram bem pagos e não receavam perder o lugar, enquanto na rede particular o professor ganha por número de alunos.

Embora não havendo possibilidade de comprovação com os documentos disponíveis, pode-se supor que o Colégio Perseverança ou Cesarino fazia parte dessa categoria de estabelecimento privado que, ao lado das alunas que podiam pagar, mantinha as pobres negras, e para isso recebia subvenção. Esse expediente utilizado pelo velho Antonio, de continuar o sonho de seu pai, o tropeiro Custódio, de fazer com que "o filho fosse alguém", revela, por um lado, a existência de um projeto de aproximação dos valores burgueses alimentado pela mística em torno da escolarização. Diante disso, realmente ele não podia explicitar seu compromisso com questões raciais, mas outro projeto encaminhava-se na direção de escolarizar as jovens negras pobres; este é revelado nas entrelinhas de sua trajetória. A manipulação desse jogo pode ser entendida através do que Bourdieu considera como estratégia, "a ação diretamente orientada em direção a um proveito primário que se duplica frequentemente em estratégias do segundo grau visando: dar uma satisfação aparente às exigências da regra oficial, e acumular assim as satisfações de interesses e de prestígio ou respeito que são quase universalmente prometidos nas ações sem outra determinação aparente que o respeito à regra".¹

1. BOURDIEU, P. Les Sens Pratique, Paris Ed. Minuit pag. 186.

Antonio Cesarino fazia o jogo da burguesia dominante e expressava uma aparente concordância com a "regra", assegurada pela respeitabilidade de seu comportamento exposto, ao mesmo tempo que, estrategicamente, levava em frente seu projeto particular, que só foi possível porque a utilização desta estratégia não feria os "interesses oficiais", e cuja eficácia foi comprovada "pela redenção" daquelas jovens negras que se tornaram "respeitáveis senhoras donas de casa".

No caso de Antonio Cesarino, as ações nunca ficam explicitadas, não há nenhum documento onde tenha deixado marcada sua posição frente às questões da abolição, de cor, mas há referências que sugerem seu compromisso, como o fato de ter sido um dos primeiros inscritos no partido republicano da cidade.

Outros testemunhos dessa posição e seus empreendimentos em nome da escola para a compra de alforria e a luta por custódia de jovens negras demonstram como era um personagem atuante com relação à possibilidade de "mudar a posição dos negros na estrutura social"; suas ações, assim, eram dirigidas a negros enquanto coletividades, não apenas com relação a sua família.

Com relação à adesão ao Partido Republicano, era compreensível, uma vez que circulava entre negros a promessa de que "com a república o governo iria por em prática medidas relativas à instrução popular e a educação dos libertos". Essa passagem é referente a documento de apoio à República, assinado pelos "homens de cor" e publicado no Diário de Campinas de 19 de

1
fevereiro de 1888 e registrado.

Ao mesmo tempo, o relacionamento com o grupo dominante parecia respeitoso, na medida em que esses líderes da cidade participavam das solenidades da escola, elogiando o trabalho através de discursos. A questão levantada na reportagem analisada mostra que, apesar do respeito, brancos e negros não partilhavam do mesmo mundo, o que faz lembrar a referência de Carneiro da Cunha, citada anteriormente: "Os homens livres tinham lugar no projeto dos dominantes, mas era um lugar que continua sendo dependente".

Como já se viu, o Colégio Cesarino, durante aproximadamente sete anos, foi contemporâneo da Sociedade Culto à Ciência, que era formada por iniciativa de respeitáveis cidadãos campineiros e composta por fazendeiros, industriais, comerciantes e bacharéis, tendo sido concretizada na criação do colégio que recebeu o mesmo nome. Esse empreendimento se torna possível graças à prosperidade da lavoura cafeeira que enriquece e desenvolve a cidade.

É interessante notar que todas as referências feitas a esse grupo chamam a atenção para o "empenho desinteressado dos particulares no campo da educação"², uma vez que, pelo estatuto, a sociedade deveria reverter qualquer lucro eventualmente obtido pelo empreendimento para o próprio colégio. A intenção explicitada era a de dotar a cidade de um estabelecimento de

1. Diário de Campinas 19 de Fevereiro de 1888.

2. Haidar, 1972. op. cit. pag. 195.

instrução primária e secundária, como se pode ver no manifesto que a sociedade torna público em 6 de fevereiro de 1869:

"convencidos de quanto é sensível nesta cidade a falta de um estabelecimento que se destine ao ensino primário e secundário, regularmente montado, de modo a poder realizar com aperfeiçoamento possível a educação moral e intelectual dos alunos; convencidos de que esta falta, dificultando a educação dos filhos deste município, embaraçada de modo extraordinário em seu progresso moral, e assim neutraliza os grandes elementos de prosperidade que já possui; convencidos, finalmente, de que é já tempo de providenciar decisivamente sobre uma tão palpitante quanto urgente necessidade, tem os abaixo assinados, para o fim de fazer edificar ou reconstruir um prédio com as acomodações especiais para o referido estabelecimento de ensino, se associado nas condições abaixo descritas".¹

Segue-se uma série de condições para participação na sociedade e as assinaturas. Este manifesto foi apresentado a pessoas representativas da cidade em uma reunião no Paço Municipal, em 19 de maio do mesmo ano.

Embora a leitura do manifesto não revele todas as intenções do grupo, algumas coisas ficam claras, como, por exemplo, o interesse em conduzir um ensino de boa qualidade para

1. de PAULA, Ç.F. Culto à Ciência - Monografia Histórica. Campinas. 1946. pag. 7 e 8.

suprir as necessidades do ensino imperial e com isso possibilitar para seus herdeiros uma boa formação intelectual, pois constituirão o futuro quadro dirigente do país. Se for levado em conta que todos os membros da sociedade, assim como os professores do colégio, participavam da maçonaria, será possível perceber que aí estava mais um veículo para difundir em pleno império idéias positivistas, abolicionistas e republicanas.

Assim, ao lançar a pedra fundamental do prédio em 13 de abril de 1873 e efetuar ato solene de inauguração do colégio Culto à Ciência em 12 de Janeiro de 1874, "entre grande entusiasmo e expansão de júbilo, a sociedade vinha concretizar os ideais desse grupo que garantia para os filhos de Campinas "Uma casa de instrução que fosse modelar sob o triplice aspecto intelectual, moral e físico".¹

Na solenidade de inauguração, "o vigário da paróquia de Santa Cruz (hoje Matriz do Carmo), padre Francisco de Abreu Sampaio, procedeu, com toda cerimônia do ritual católico, ao benzimento do novo edifício, percorrendo todas as salas".² Concluída esta solenidade, (...) a diretoria e os convidados reuniram-se em uma sala de aula, onde o comendador Joaquim Bonifácio do Amaral declarou inaugurado o Colégio, seguindo-se uma série de discursos e recitativos, entre os quais os de Campos Sales e Francisco Quirino dos Santos. A seguir, foi servido um farto lanche e levantados brindes.

1. de PAULA. 1946. op. cit. pag 7.

2. de PAULA, 1946. op.cit. pag 15.

Teve início, assim, a vida de um estabelecimento de ensino destinado a representar papel fundamental na história do ensino na província, como formador de quadros dirigentes da política da cidade.

Os preços das anuidades do Culto à Ciência eram muito elevados para os padrões da época ¹, e por si só já selecionavam a clientela; entretanto, havia uma porcentagem de estudantes de quem eram cobradas prestações reduzidas, por serem parentes ou protegidos dos acionistas e havia também certo número de vagas destinadas a estudantes de curso primário que nada pagavam. Mas não há notícias de que o colégio recebesse o subsídio do governo por esses alunos, como se supõe ter ocorrido com o Colégio Cesarino.

As preferências esboçadas nas escolhas do tipo de ensino, na organização dos currículos e na formalização dos programas e métodos educativos evidenciam a preocupação básica de atender à necessidade de formar a nova geração, proveniente das frações da classe dominante (que podiam pagar os altos preços do ensino), fazendo com que dela saíssem representantes "capazes e competentes". ² Mais que isso, a programação era dirigida a preparar os alunos para os exames de ingresso nas academias da província.

As notícias e editoriais da Gazeta de Campinas vêm atestar o êxito da missão proposta, uma vez que oferecem ampla

1. de PAULA, 1946. op. cit. pag 15.

2. Ver estudo comparativo feito por VIDIGAL DE MORAES op. cit. pags. 289/294.

cobertura jornalística ao sucesso dos alunos saídos do Culto a Ciência para as academias; assim, também são muito frequentes os editoriais a respeito do tipo de ensino aí ministrado, juntamente com editoriais contra a miséria e contra o analfabetismo.

As histórias da maçonaria - Loja Maçônica Independência, do Colégio Culto à Ciência e do Jornal "A Gazeta de Campinas" parecem entrecruzar-se, uma vez que fazem parte da estratégia da elite dirigente da cidade para a articulação da propaganda republicana.

Uma vez fundada a Loja Maçônica Independência, com sua primeira ata datada de 23 de novembro de 1867, pode-se supor que era este o espaço onde se deflagra a articulação de toda campanha republicana na cidade. Definidos seus quadros, os princípios norteadores de sua política, vai desencadear-se uma série de ações estratégicas para o sucesso da campanha. Entre essas ações estão a criação da Sociedade Culto à Ciência, fundada em fevereiro de 1869, e a fundação do jornal A Gazeta de Campinas, em Novembro do mesmo ano, cujo proprietário era o Grão-Mestre da Loja e membro da Sociedade; o jornal acaba por se tornar fundamental para dar cobertura às atividades do colégio e para, influenciando na opinião pública, difundir idéias e princípios que garantem o sucesso da empreitada.

É Vidigal de Moraes quem evidencia:

"o batismo maçônico era imperativo para aqueles que ocupam a direção da sociedade e os cargos do

colegio".¹

Ser maçom parece significar o selo de uma aliança em torno da defesa de ideais e interesses comuns, que só seriam concretizados com a Proclamação da República.

Entre o noticiário publicado por Francisco Quirino dos Santos, o grão Mestre da Loja Independência, na Gazeta de Campinas, em sua edição de 1 de março de 1874, está uma petição a ser apresentada à Câmara Legislativa, que vem requerer à Assembléia Geral:

"A plena liberdade e igualdade de todos os cultos; a abolição da igreja oficial e sua emancipação do Estado, com a supressão dos privilégios outorgados aos sectários dessa igreja.

O Ensino da escola pública separado do ensino religioso, que aos pais incumbe no seio da família, e na igreja aos ministros de cada seita particular.

... A instituição do casamento civil obrigatório, sem prejuízo das cerimônias religiosas conforme o rito de cada conjuge;

O registro civil dos nascimentos e óbitos; a secularização dos cemitérios e sua administração² pela municipalidade".

Essa publicação mais tarde acabou fazendo parte do

1. VIDIGAL DE MORAES, op. cit. pag.193.

2. A Gazeta de Campinas de 1 de Março de 1874, também citada por VIDIGAL de MORAES, 1981. op. cit.

programa do Partido Republicano e deve ter causado polemica entre a população, uma vez que o caráter secreto e velado da atuação da maçonaria (que internamente enfrentava problemas de divisão em torno da questão religiosa) fazia pairar certa desconfiança entre a opinião pública da cidade com relação às suas atividades; pelos termos do editorial intitulado "Educação Popular", assinado pelo mesmo Francisco Quirino dos Santos, respondia a uma publicação anterior que expressava fortes reservas com relação à atuação da Maçonaria no campo da educação:

"E por esse modo eloqüente e significativo que a maçonaria pode mostrar aos olhos dos insensatos que a caluniam, que ela, como fonte de caridade em sua mais sublime expressão, tomando dos lábios de Jesus aquelas divinas palavras que chamam para a comunhão da vida pelo espírito a todos os pequenos e a todos os infelizes... Não é somente a esmola que alimenta e cura; a ignorância é também uma doença, para o pobre pode levar até a atrofia de todos os sentimentos pelos estragos com que ela invade a consciência sepultando entre sombras fatais do erro e do vício os raios vívidos do entendimento.

... A educação é a garantia de família: família é
1
a base da sociedade...

Os relatórios das Assembléias Gerais onde se reuniam os acionistas da Sociedade Culto à Ciência para apreciação das

1. VIDIGAL DE MORAES, 1981. op. cit. pag 197.

contas da instituição revelam uma trajetória feita de altos e baixos. Fases de crise sucedem fases de prosperidade, acompanhando o mesmo ritmo da lavoura cafeeira e podiam ser agravadas por surtos sucessivos de febre amarela que chegavam a interferir no funcionamento do colégio e, como consequência, em sua situação financeira, assim como também na vida da cidade.

Todas essas crises a sociedade soube superar, conduzindo o colégio até 1892, quando se fecham suas portas. As alegações dos diretores da sociedade sobre seu desaparecimento referem-se às dificuldades econômicas, à falência da sociedade.

Mas se as constantes crises financeiras sempre puderam ser superadas, pode-se supor que também desta vez seria possível sanar as dívidas se os mantenedores do colégio assim o quisessem. No entanto, parece que não era esse o desejo.

O desaparecimento do colégio como entidade particular ocorre no justo momento em que as frações oligárquicas em luta com setores militares conseguem sair-se vitoriosos e alcançam a hegemonia política nacional. Não havia, assim, interesse na manutenção do colégio.

O patrimônio do Culto à Ciência passa a pertencer à municipalidade de Campinas. Conforme previsto nos estatutos:

"No caso de dissolução da sociedade ficara o patrimônio pertencendo a municipalidade de Campinas para fins unicamente de instrução".(art. 61).¹

1. VIYDIGAL DE MORAES, 1981. op.cit. pag. 30

E em outro paragrafo estabelece que:

"a municipalidade jamais consentirá que o ensino e regime interno se faça, por meios diretos ou indiretos, a propaganda de princípios políticos ou religiosos; cuidando muito particularmente em que o ensino seja ministrado debaixo do ponto de vista leigo, positivo e científico; preceito este... observado desde já pela diretoria e pelo corpo docente"¹.

Vê-se, aqui, que o grupo poderoso tinha plena confiança de que as estratégias de reprodução utilizadas para mantê-los como grupo hegemônico estavam garantindo-lhe posições no governo municipal.

Em 1896, o Culto à Ciência volta a funcionar como Ginásio do Estado.

Assim, pode-se compreender a empreitada do ex-tropeiro negro, que consegue fundar um colégio conceituado em pleno período escravista, porque não se afastava do grande projeto da classe dominante dos líderes políticos campineiros: o desenvolvimento da população através da instrução escolar _ parte do projeto republicano.

É interessante notar que no campo educacional _ campo aqui considerado como locus onde se trava uma luta concorrencial

1. VIDIGAL DE MORAES, 1981. op. cit. pag. 170.

entre atores em torno de interesses específicos¹ - os mesmos nomes ligados aos interesses dos cafeicultores da elite dominante que aparecem ligados a fundação da Sociedade Culto a Ciência aparecem também ligados às escolas de instrução popular, significando que tudo fazia parte do mesmo projeto - a articulação da campanha republicana dentro de ideais positivistas, tanto nas escolas de elite quanto nas escolas para o povo.

A diferenciação entre os tipos de escolas demonstra que a atuação dessa elite se dá através daquilo que Bourdieu/Boltanski chamam de "estratégias de reprodução mediante as quais membros das classes detentoras de capital tendem, inconsciente ou conscientemente, a manter ou melhorar sua posição na estrutura das relações de classes"². : o Culto à Ciência, como colégio fundado para formar membros da elite dirigente, diferenciando-se nitidamente das outras escolas, quer particulares de bom nível, quer públicas ou gratuitas.

Na ocasião em que o Colégio Cesarino coexistia com o Culto à Ciência havia na cidade os seguintes estabelecimentos de ensino:

- O Colégio Internacional, ligado à Igreja Presbiteriana, que atendia meninos e meninas, e inovava com

1. ORTIZ, R. Pierre Bourdieu, São Paulo, Atica 1983 pag. 44 e Bourdieu apud Trigo já cit. pag 19.

2. BOURDIEU, P., BOLTANSKI, L. e SAINT-MARTIN, M. As estratégias de Reconversão in DURAND, J.C.G. Educação e Hegemonia de Classe, Rio de Janeiro, Zahar. 1973.

relação aos métodos de ensino, uma vez que não estavam preocupados com a preparação de alunos para as academias; era altamente seletivo, pois cobrava altas taxas. Depois do Culto à ¹ Ciência era a instituição mais conceituada.

_ O Colégio Ghirlanda era conceituado por ser extremamente rigoroso com relação à disciplina. Em artigo publicado na Gazeta de Campinas de 25 de Dezembro de 1878 encontramos, depois de elogios aos resultados obtidos nos exames pelos alunos, a seguinte crítica:

"Seu sistema de prêmios e castigos ainda tem um pouco que expungir, um resto dos tempos duros do passado - a fêrula, a terrível fêrula, exspectro dos meninos e meus colegas de escola e de mim mesmo!"

_ O colégio Florence, já referido, que, como o colégio Cesarino, ensinava meninas a ler, escrever e contar, gramática nacional, francesa, inglesa e alemã, geografia, história pátria, aritmética e geometria, desenho, música, doutrina cristã e prendas domesticas. Dona Carolina Florence era de origem alemã e tinha entre suas colaboradas inúmeras pessoas estrangeiras.

_ O Colégio São João Baptista foi um internato para meninos e funcionava na Fazenda Laranjal (Joaquim Egídio, a duas léguas da cidade). Ensinava: ler, escrever, contar, gramática francesa, latim, geometria, geografia e doutrina cristã. Segundo

1. VIDIGAL DE MORAES, 1981. op. cit. pag. 89.

informa João Lourenço Rodrigues, na Monografia Histórica de Campinas, neste colégio estudaram importantes nomes da história de Campinas, como: Candido Ferreira de Camargo, Francisco Teixeira, Bento Quirino dos Santos, Bernardino de Campos, Manuel Ferraz de Campos Sales e Avelino de Oliveira Valente. Este colégio fecha as portas depois que o Culto à Ciência entra em funcionamento.¹

— Escola Alemã de Instrução, fundada pela colônia alemã, já numerosa na cidade a partir de 1870; distinguiu-se "no esforço de propagar a instrução não só entre os membros da colônia mas também entre os brasileiros", criando a escola Alemã de Instrução, dirigida pelo Dr. Huffen Baecher.² Esta escola mais tarde fundiu-se com outra de origem alemã, que funciona até hoje com o nome de Colégio Rio Branco.

Todas estas escolas eram particulares, destinadas, portanto, a filhos das famílias que podiam arcar com o alto custo dos estudos, porque, para a população de baixa renda, negros livres e escravos, havia por volta de cinco escolas públicas.

O Almanaque de Campinas para 1871 relata a existência na cidade de cinco escolas públicas primárias, sendo duas para o sexo feminino e três para o masculino. De acordo com o

1. RODRIGUES, J.L. Subsídios para a História do Ensino em Campinas, in ____ . Monografia Histórica do Município de Campinas, R.J. I.B.G.E. 1952. pag. 398.

2. RODRIGUES, J.L. 1952. op. cit. pag.399.

Regulamento para a instrução publica da provincia de São Paulo, o currículo dessas escolas deveria constar de: leitura e escrita, noções essenciais de gramática portuguesa, principios elementares de aritmética, sistema métrico de pesos e medidas, doutrina da religião, do Estado e principio de moral.¹

Vê-se, pois, que a diferenciação entre a instrução popular e a instrução para a elite baseava-se não apenas no preço elevado e na gratuidade, e no tipo de instalação das escolas, mas com relação principalmente ao conteúdo e qualidade de ensino. Um tipo de diferenciação ainda maior foi observado por Zeila de Brito F. Demartini: quanto ao ensino rural, ela considera que "se os ideais republicanos eram amplos e dirigidos a toda a população, a política educacional adotada durante esse período foi de atendimento restrito e preferencial às populações urbanas, em detrimento das populações rurais, vistas como avessas à educação escolar".²

Aqui ainda vale lembrar que não havia ensino secundário gratuito; a única possibilidade de um estudante saído das classes populares (pobres e negros livres e escravos) chegar até o ensino secundário era ser protegido por algum poderoso ou disputar as poucas vagas gratuitas das escolas particulares. Possivelmente era essa a brecha deixada no sistema para

2. ALMANACH de CAMPINAS para 1871 também citado por VIDIGAL DE MORAES, 1981. op. cit. pag. 66.

2. DEMARTINI, Z.B.F. Cidadãos Analphabetos: propostas e realidade do ensino rural em São Paulo na 1a. República S.P. Cadernos de Pesquisa, Fundação Carlos Chagas (71):5-19, novembro de 1989.

possibilitar a emergência das raras exceções de homens vindos do povo que conseguiram conquistar projeção política ou social.

Diante da precária situação em que se encontrava o ensino público, aquela parcela da elite dominante que militava pelo projeto republicano articulado na maçonaria acaba por colocar à disposição da população pobre, livre e escrava, escolas particulares. Trata-se da mesma elite que frequentemente dirigia críticas ao governo imperial através da Gazeta de Campinas, mas que, por outro lado, era agraciada pelo Império com títulos de nobreza, como o de Visconde de Indaiatuba, Barão de Atibaia, Barão de Itatiba etc, etc...

— A mais importante das escolas construídas para esse fim era a Escola do Povo", construída por Ramos de Azevedo para o comendador Joaquim Ferreira Penteado, um dos fazendeiros mais prósperos da região, que mais tarde recebeu o título de Barão de Itatiba, "que fundou a escola para comemorar o 50o. aniversário de seu feliz consórcio, e fundou-a para os filhos do povo. Falando a um jornalista da época:

"nunca aprendi nada e vi a falta que isto me fez para minha vida. Outros que aprendam, já que eu não aproveitei".¹

Segundo João Lourenço Rodrigues, A Escola do Povo coube ministrar o ensino primário em moldes novos: teve o mérito da prioridade na aplicação do Método João de Deus para o ensino de

1. VIDIGAL DE MORAES, 1981. op. cit. pag. 101.

leitura¹.

Ha ainda uma referência a comemoração havida na "Escola do Povo" depois de exames finais, para entrega de prêmios aos alunos, em que, depois de discursos e saudações, "os assistentes foram convidados para um copo d'água, (o grifo é meu) que já se achava preparado na sala de jantar do palacete".²

_ Outra escola foi mantida por Joaquim F. de Camargo Andrade, filho de B. de Itatiba, que funcionava nos baixos de sua casa e que ficou conhecida como escola Ferreira de Camargo e aproximava-se do programa do Culto à Ciência.

_ O outro filho do Barão de Itatiba, homônimo do pai e que recebeu o título de Barão de Ibitinga, também construiu uma escola, que ficou conhecida por Escola Ferreira Filho e funcionava nos moldes da escola Ferreira Penteado.

_ Há ainda entre as escolas de instrução popular a conhecida como Monumento a Correa de Melo, que foi criada por uma associação popular e acabou ficando às expensas de Joaquim Quirino dos Santos,³ pai de Francisco Quirino dos Santos, dono da Gazeta de Campinas e Grão-Mestre da maçonaria, que mantém a

1. RODRIGUES, 1952. op. cit. pag.97.

2. VIDIGAL DE MORAES, 1981. op. cit. pag 100.(não foi possível descobrir se a expressão "copo d' água" era usada literalmente nesse momento, mas, quanto à referência, era ao Colégio Culto à Ciência: sempre era servido "um lanche").

3. VIDIGAL DE MORAES, op. cit. pag. 104.

escola até 1886, quando a transfere para ser mantida pela Associação benemérita **Circolo Italiani Uniti**, passando depois à municipalidade.

Além dessas escolas, e ainda dentro do grande projeto republicano, a Loja Maçônica Independência havia criado a Sociedade Propagadora de Instrução, que estava incumbida de sustentar aulas gratuitas de ensino primário e de cursos noturnos, também gratuitos, destinados a homens livres e escravos. Embora a Loja não tivesse conseguido manter regularmente esses projetos, teve um papel muito importante para a propaganda republicana. Há, ainda, queixas dos maçons de que as aulas não eram frequentadas por quem precisava aprender, dando a entender que percebiam uma certa reserva quanto ao fato de ser mantida pela maçonaria.

Considere-se a peculiaridade da formação histórica brasileira, em um período de transformações fundamentais, pois o país passa em curto lapso de tempo de colonizado com regime escravista, para uma república com regime de trabalho livre e, portanto, com as relações de classes pouco consolidadas. Nessa sociedade era possível a coexistência de um negro pobre, vestido de brim, mas instruído, fundando e dirigindo uma escola para as "filhas das melhores famílias", ao lado de um senhor, grande proprietário de terras, mas sem instrução, que funda uma "escola para o povo".

Essa situação especial da formação histórica e cultural brasileira ainda revela que as atitudes em relação à escola não

obedecem necessariamente a padrões relacionados com situação de classe social. A mística em torno da escolarização persiste tanto para o negro pobre, que se utiliza da escola como estratégia para garantir a respeitabilidade dele, da família e de negros enquanto grupo, considerado a escolarização como a redenção para negros, quanto para o senhor rico, que, embora não tendo recebido a instrução, pretendia "dar aos filhos aquilo que ele não teve", demonstrando assim uma atitude positiva em relação à escola frente às futuras gerações - todos os seus filhos tiveram sucesso escolar e se ligaram a projetos educacionais.

O velho Cesarino teve seis filhos: três mulheres, que se tornaram professoras da escola, e três homens: um foi jornalista, outro advogado e outro, o carteiro Bartolomeu, vai continuar a ter um papel importante para essa história.

O PERSONAGEM PRINCIPAL

Antonio Ferreira Cesarino Júnior, filho do outro Antonio, o bedel do Ginásio do Estado; neto do carteiro Bartolomeu, bisneto do velho Antonio, fundador do colégio, trineto do tropeiro Custódio, herdou da família a respeitabilidade e a pobreza.

Este Antonio, nascido em 1906, numa fase de grande pobreza da família, vai poder concretizar todos os sonhos acalentados pelos outros Antonios Cesarinos que o antecederam: o do bisavô, "de ser alguém na vida", e o do pai, de ser "professor no Ginásio do Estado".

Este Antonio consegue atingir a mais alta posição da carreira universitária e grande projeção no cenário internacional na área em que foi especialista: o Direito do Trabalho, posição que os outros Antonios jamais teriam imaginado.

Assim como seus antecessores, este Antonio vai ter sua trajetória situada no campo educacional e teve que lutar para enfrentar aquela parcela da classe dominante que continuava procurando garantir a hegemonia através da escola pela estratégia

de reprodução anteriormente referida - que fazia perpetuar na escola as mesmas desigualdades existentes fora dela. O Culto à Ciência, mesmo depois de ter se tornado Ginásio do Estado, continuava como um colégio altamente seletivo, destinado aos filhos da elite da cidade.

Na leitura que Maria Helena Trigo faz de Bourdieu,¹ ela lembra que, para o entendimento do comportamento dos agentes de um determinado campo, é preciso que se conheça a trajetória percorrida até a ocupação de uma determinada posição em um momento dado, no caso de Cesarino, no momento de sua retirada da vida pública.

Como já foi referido, é o próprio Bourdieu quem fala da possibilidade de se considerar uma trajetória modal² como aquela que tem maior probabilidade de ser seguida pelos agentes de um grupo ou segmento social. Entretanto, o que se tem aqui é a possibilidade de discutir as razões pelas quais Antonio Cesarino foge da trajetória modal do segmento a que pertence: negro e pobre, nascido no início deste século, na cidade de Campinas, saber porque ele desenvolve uma trajetória particular, num campo educacional onde as forças contrárias sempre conspiravam contra seus desejos e, pior que isso, nem sempre eram explicitadas.

E preciso notar que sua infância transcorre num período em que a cidade de Campinas era palco de grandes dificuldades

1. TRIGO, M.H. Ser e Parecer - Estudo de Reprodução Social no Grupo de Cafeicultores Paulistas, Dissertação de Mestrado F.F.L.C.H. U.S.P. 1989 - pag. 18.

2. BOURDIEU, P. apud Trigo op. cit. pag. 18.

para a população negra pobre, agora livre, mostrando que a passagem para a nova ordem de trabalho se fazia às custas da pauperização dessa população que enfrenta todo tipo de discriminação social e racial.¹

Cleber da Silva Maciel, em um trabalho, "Discriminação Racial - Negros em Campinas (1888-1921)", a partir de exame nos jornais e na documentação da época, consegue reconstruir uma importante dimensão da história da cidade, revelando as manifestações de racismo explícito normalmente não percebidas pela história oficial.²

A cidade de Campinas continua a progredir, passando, no período, por intensas transformações decorrentes do acentuado crescimento urbano e industrial. O desenvolvimento das estradas de ferro, o surgimento de novas fábricas, o aparecimento de bondes elétricos e dos automóveis são sinais desse progresso.

Essas transformações também produzem uma alta densidade demográfica, que empurrava a população pobre para os cortiços insalubres, em uma época em que febres e epidemias fazem dessa população as principais vítimas, uma vez que, como lembra Maciel, apenas poucos privilegiados tinham atendimento médico para tratamento de suas doenças. Além das taxas altas de mortalidade, principalmente entre crianças, existiam também os problemas de

1. A maneira adversa de inculcação do segmento negro na sociedade de classes (anômico e despreparado para a cidadania e o trabalho assalariado), é bem estudada por Florestan Fernandes em A Integração do Negro nas Sociedade de Classes S.P. Dominus 1965.

2. MACIEL, C.S. Discriminações Raciais - Negros em Campinas (1888-1921). Campinas Ed. UNICAMP 1987.

abandono de cadáveres insepultos.¹

Embora essa situação fosse comum a todos os pobres, vale lembrar que a maioria da população pobre, nesse momento, era constituída de negros recém libertos.

As dificuldades encontradas pela população negra na época eram de tal monta que motivaram essa população a organizar, a partir das mais variadas razões, desde sociedades de benemerência, para tratar de auxílio-doença e funeral, como a "Liga Humanitária dos homens de Cor", fundada em 1915 e que até hoje ainda funciona, a entidades de caráter recreativo, como o "Patrocínio". Este era conhecido entre os negros como o "Grêmio Recreativo Dançante Familiar José do Patrocínio", que foi fundado em 1917 e promovia festas e bailes, assim como mantinha um time de futebol que disputava com times de brancos. Cria também entidades com objetivo de unificar uma ação política de todas as entidades negras locais, como pretendia o "Centro Cívico dos Palmares". E ainda Maciel quem consegue localizar informações de aproximadamente quinze entidades funcionando entre os anos de 1902 e 1925.

A criação dessas entidades ocorria não apenas em função das dificuldades de sobrevivência sentida pela população negra, mas também decorria de necessidades de ordem cultural e associativa possibilitada pelas condições históricas do momento, pelo "clima" da época.

Eram criadas paralelamente às entidades brancas,

1. MACIEL, 1987. op. cit. pag. 196.

constituindo o que, em outro trabalho, denominei de mundo paralelo¹ e que representam, na opinião dos próprios negros, um passo inicial para que as distâncias sociais fossem gradativamente diminuídas, tornando o mundo de negros e o de brancos convergentes, como sugere Borges Pereira.²

Entre essas criações está o aparecimento da Imprensa negra no Estado, que ocorre em Campinas; segundo Roger Bastide, em seu trabalho sobre "Imprensa Negra em São Paulo", publicado em Estudos Afro-Brasileiros,³ o "primeiro jornal preto paulista foi 'O Bandeirante', em 1910".

Entretanto, Maciel, posteriormente, vai identificar um outro jornal ainda mais antigo: "O Baluarte", órgão oficial do Centro Literário dos Homens de Cor, dedicado à defesa da classe, já em 1903. O Baluarte era organizado por Benedito Florêncio, que participou também de jornais da grande imprensa, e por Francisco José de Oliveira, que mais tarde vai dirigir o Colégio São Benedito e que ainda vai desempenhar um importante papel nesta história, a ser tratado mais adiante.⁴

A criação da Imprensa negra na cidade tem importância

1. BARBOSA, 1983. op. cit.

2. BORGES PEREIRA, J.B. - questão dos mundos convergentes não foi escrita, trata-se de idéia a partir de discussões em sala de aula com este autor.

3. BASTIDE, R. A Imprensa Negra no Estado de São Paulo in ____ . Estudos Afro-Brasileiros, Perspectiva 1973 pag. 131.

4. De acordo com Maciel, o único exemplar encontrado foi de 15 de Janeiro de 1904, embora já houvesse referência elogiosa ao Baluarte, no jornal da grande imprensa o Comércio de Campinas de 20 de Dezembro de 1903.

na medida em que revela as dificuldades da população negra, que sentia falta de um espaço para tornar públicas as denúncias das manifestações raciais encobertas pela grande imprensa; além disso, é a única fonte de informações a respeito desse assunto.

A grande imprensa, na maioria das vezes, era instrumento de manifestações racistas, publicando queixas dos cidadãos incomodados com a presença de negros na cidade, como "A Cidade de Campinas" que, em sua edição de 20 de Dezembro de 1910, publica um artigo intitulado "Pretos vagabundos":

"todas as noites reúnem-se nos botequins da Rua Conceição, trecho compreendido entre as ruas Francisco Glicério e Barão de Jaguará, uma malta de pretos vagabundos que embriagando-se cometem toda sorte de tropelias, por aquele trecho não podem transitar senhoras que na sua passagem se vêem obrigadas a presenciar cenas escandalosas além de um sem número de provocações e às vezes pequenas desordens.

Ontem à noite, dois pretos divertiam-se em frente a um dos botequins daquele trecho no jogo de capoeiragem provocando um ajuntamento de desocupados e impedindo o trânsito.

Dois policiais avisados do ocorrido efetuaram a prisão dos capoeiras levando-os para o xilindró onde pernhoitaram.

Convém que o trecho referido seja policiado rigorosamente para se evitar cenas dessa

natureza".

Referências desse tipo são identificadas na grande imprensa por Cleber da Silva Maciel desde 1900, quando encontra no Diário de Campinas um pedido para que a polícia prestasse atenção em uma

"aglomeração de gente de cor, que durante o dia e uma parte da noite perturba a ordem pública, escandalizando a vizinhança e as famílias"².

A família Cesarino, nesse início de século, apesar da extrema pobreza, parecia não enfrentar esse tipo de dificuldade: não eram recém libertos, uma vez que continuavam o projeto de aburguesamento iniciado pelo velho Antonio Cesarino, o que os distancia dos grupos negros que sofriam com a pobreza e com a discriminação racial. Afinal de contas, esta família já era incomum, já fazia parte da história da cidade. Tinha nesse passado a conquista de instrução, de prestígio e de respeitabilidade que, de alguma forma, precisavam garantir.

Tinham um nome a zelar!

Assim, do mesmo modo como não é relatado nenhum compromisso com movimentos negros, presentes de forma tão clara na vida da cidade, também não há referências a situações de constrangimento vividas por eles, por causa da cor, o que a maioria dos negros sofria.

A família Cesarino estava longe de problemas como, por

1. A Cidade de Campinas 9 de Maio de 1900. in Maciel 1987. op. cit. pag. 211.

2. MACIEL, 1987. op. cit. pag. 33.

exemplo, a discriminação em espaços públicos, a "interdição de áreas como o Jardim Carlos Gomes, que só permitia aos negros estacionarem na parte extrema",¹ ou problemas com barbeiros que se recusavam a atender negros, e outras tantas violências policiais denunciadas pelo "O Getulino", órgão da Imprensa Negra de grande atuação na cidade.

Seus componentes ficavam longe desses problemas, possivelmente porque tinham clareza do que acontecia aos negros e não se expunham a situações que, eventualmente, pudessem trazer algum tipo de constrangimento. Uma atitude muito comum na história das famílias de elite negra já estudadas por Florestan Fernandes² e João Baptista Borges Pereira,³ quando se referem ao modo como os negros "ordeiros" desenvolvem um tipo de comportamento puritano na medida em que, num processo de ascensão social, procuravam distinguir-se da maioria da população.

Essa atitude também pode ser compreendida pelo que Pierre Bourdieu chama de "estratégia de evitação, que são as estratégias que podem ser decorrentes de uma evitação não consciente e não desejada, seja porque resulta automaticamente de condições de existência (como aquela que é efeito de segregação espacial)⁴ ou tenha sido produzida por uma intenção estratégica".

1. MACIEL, 1987. op. cit. pag. 33.

2. FERNANDES, F. A Integração do Negro na Sociedade de Classes S.P. Ed. Dominus/U.S.P. 1965 pag.597.

3. BORGES PEREIRA, J.B. Cor, Profissão e Mobilidade, S.P. Pioneira 1966 pag. 256.

4. BOURDIEU, P. Les Sens Pratique. Paris, Minuit 1980. pag. 102.

Desse modo, a família já se distinguia da maioria das outras famílias negras não apenas pela sua história, mas por suas ações. Além do que, como já foi mostrado anteriormente, era constituída de negros libertados muito antes da abolição, e possivelmente deve ter havido alguma mestiçagem (infelizmente impossível de ser precisada com os documentos existentes) ao longo desse período, pois há uma fotografia do velho Cesarino, na reportagem de Barcelos, já referida antes, que mostra um velho de barbas brancas com nítidos traços negróides (nariz achatado, lábios grossos, cabelos e barbas encarapinhados), mas a cor da pele não parecia carregada; assim, ele poderia fazer parte daquele tipo de negros que, segundo Maria Isaura Pereira de Queiroz, "tiveram sempre mais facilidade na ascensão social-econômica, auferindo privilégios em relação ¹aqueles cujos traços podem ser finos, mas cuja cor da pele tende para o negro".

Todos esses aspectos servem para caracterizar a família Cesarino como muito especial, embora extremamente pobre, diferenciada da maioria das outras famílias negras da cidade na época, que, recém saídas da escravidão, encontravam-se igualmente pobres e enfrentavam problemas de subsistência decorrentes da situação econômica, como desemprego, falta de moradia e serviços de saúde, e estavam mais expostas às violências explícitas da discriminação racial.

1. PEREIRA DE QUEIROZ, 1977 op.cit. pag. 648.

O Terceiro Antonio

Se forem consideradas apenas as condições de negro e pobre do menino Cesarino, do mesmo modo que outros meninos negros e pobres ele deveria cumprir o destino que essa condição lhe reservava, ou a trajetória modal prevista para seu grupo. Uma vez que a classe dominante continuava com a estratégia de reprodução para garantir sua hegemonia, utilizando-se da escola como um de seus instrumentos primordiais, a tendência era a manutenção das desigualdades selando os destinos de negros e pobres.

Entretanto, é o próprio Bourdieu quem admite que, mesmo nessas situações, embora com chances reduzidas, com a perpetuação das desigualdades há possibilidades de filhos das classes populares conseguirem chegar até o ensino superior porque

pertencem a famílias que diferem da maioria de sua categoria. Pois, como foi mostrado, a família Cesarino era especialmente diferenciada. Além disso, o menino vai se revelar, bem cedo, uma criança particularmente dotada, demonstrando grande precocidade, sendo alfabetizado aos cinco anos de idade pela tia-avó, dona Balbina, ex-professora do Colégio Cesarino ou Perseverança e, naquela época, professora da escola pública, o que vai dar o impulso inicial a sua trajetória excepcional.

O fato da presença da tia e vizinha nesse momento da alfabetização precoce revela como a herança cultural, formada no campo escolar, vai ser importante para distinguir a peculiaridade da trajetória.

Pierre Bourdieu, mesmo tendo feito sua análise de escola em uma realidade muito diferente de nossa, observa algumas situações análogas, como a respeito "das vantagens e desvantagens transmitidas pelo meio familiar, que deveria levar em conta não somente o nível cultural do pai e da mãe, mas também dos ascendentes de um e outro lado (e também, sem dúvida, a do conjunto dos membros da família extensa)".²

Algum tempo depois de alfabetizado, para atender a um pedido da tia, o menino Antonio copiou uma comédia a ser representada por seus alunos, iniciando seu primeiro trabalho, quando foi recompensado pela tia com uma moeda de prata.

1. BOURDIEU, P. L'École Conservatrice- Les inégalités devant l'école et devant la culture. Revue Française de Sociologie, VIII, 1966 pag. 327.

2. BOURDIEU, 1966. op. cit. pag. 326.

Essas informações são extremamente valorizadas na auto-biografia de Cesarino Júnior, escrita em 1982, onde as palavras "moeda de prata" aparecem grifadas; seguidas de: "Que bons tempos aqueles!", indicando o grande significado que teve para o menino, extremamente pobre, filho de bedel, que já bem pequeno mostrava gosto pelos livros, no que era estimulado pela família.¹

O menino assim preparado não teve nenhuma dificuldade para destacar-se entre seus colegas quando entrou para a escola pública Santa Maria, onde a tia lecionava, e mais tarde para o 4: grupo Escolar (hoje o Francisco Glicério). Conta ainda sua auto-biografia que era "muitas vezes incumbido de proferir recitativos nas festas escolares", o que desenvolveu nele a facilidade para falar em público.

Durante o período em que o menino Antonio frequenta o curso primário não há nenhuma referência a problema de discriminação racial, mesmo porque se tratava de escola pública, onde as relações estabelecidas eram entre pessoas de categorias sociais semelhantes e onde havia maior número de negros, e, aí, o menino sobressaía-se, uma vez que já demonstrava ser uma criança muito inteligente, um aluno brilhante que recebia dos professores frequentes reforços de aprendizagem pelo seu sucesso, podendo assim progredir sempre no campo educacional, apesar da pobreza.

A pobreza da família era indicada pela necessidade que o menino Antonio, ou Tosinho, como era chamado quando criança,

1. CESARINO JUNIOR, 1982. op. cit. pag 6.

teve, desde bem cedo, de ajudar no orçamento doméstico, pois, na escola, vendia pontos (resumo de aulas) por tostões, assim como auxiliava nas igrejas como coroinha, confessando que preferia sempre as "missas de pano" (de sétimo dia, com recomendações especiais), que lhe rendiam sempre mais algum dinheiro.

A precocidade demonstrada pelo menino intelectualmente bem dotado foi o indicativo para que sua família depositasse nele grandes esperanças. A mãe, dona Júlia, filha de nordestinos, de origem humilde, apenas alfabetizada, era inteligente e ativa, "de espírito ambicioso e de grande amenidade no trato e uma infatigável dedicação ao trabalho".¹ O pai, contínuo do Culto à Ciência,² figura tão pobre quanto respeitável, pareceu ter tido uma formação escolar razoável, como já foi dito. Filho do carteiro Bartolomeu, recebeu instrução no Liceu de Artes e Ofício em São Paulo, mas foi obrigado a deixar os estudos por razões financeiras. Aí, no Liceu, foi, entre outros, colega do Prof. Américo de Moura, e foi onde recebeu grande parte de seus conhecimentos de Francês e bons conhecimentos de Português que faziam com que fosse frequentemente requisitado para cuidar da biblioteca na ausência do bibliotecário e muitas vezes substituíria professores ausentes. Era autor de elogiados discursos para políticos e autoridades locais, sem, contudo, jamais ter conseguido pronunciar algum, por timidez.

1. CESARINO JÚNIOR, 1982 op. cit. pag. 7.

2. Termo contínuo é usado algumas vezes no discurso de Cesarino Júnior para se referir ao pai, outras vezes é usado o termo bedel. Nos arquivos do Culto à Ciência, há documentos de sua nomeação para o cargo de contínuo.

A timidez que o filho atribuía ao pai deve-se ao fato de ter sido sempre bedel e pobre.

"Meu pai não tinha ambição, havia ficado sentido por nunca ter sido promovido no Ginásio do Estado, o secretário também havia começado como bedel e mais tarde foi promovido apesar de ter menos instrução que meu pai, eles eram muito amigos mas ele tinha essa mágoa".¹

Há dúvidas quanto à cor do secretário; na entrevista, Cesarino disse achar que também era negro, mas na monografia do Culto à Ciência, escrita por Carlos Francisco de Paula, há uma fotografia do secretário que não indica nenhum traço negróide.²

Contudo, pai e filho, mesmo na pobreza, tinham paixão pela leitura. O pai, frequentador das bibliotecas da cidade, possuía exatamente 33 livros, dos quais os menino devorou 30, uma vez que os outros três eram guardados em cima do guarda-roupas; um deles era "Da saúde das pessoas casadas", os outros eram em Francês: "Les Aventures de Telemaque", de Fenelon e "Narratives Françaises" de Fillon. Mesmo assim, foram lidos às escondidas, com auxílio de uma escada improvisada com caixões.

Aqui, vale a pena transcrever as palavras da autobiografia:

"Embora não os entendesse, a falta de outros, li-os e reli-os tantas vezes que passei a compreender

1. Depoimento gravado por mim. 1989.

2. de PAULA, C.F. op. cit. pag. 41.

alguma coisa e isto me ajudou muito quando no primeiro ano ginásial comecei a estudar Frances. Há males que vêm para bem!"¹

Nesse mesmo tempo, Tosinho também ganhava algum dinheiro como coroinha na igreja de São Benedito. Nessa ocasião havia aprendido com a tia como fazer terços de contas, o que ainda ajudava a ganhar mais algum dinheiro quando conseguia vendê-los.

Tal como nas leituras dos livros do pai, a experiência com a Igreja também lhe valeu algum aprendizado. Conta em suas memórias:

"A minha convivência com os padres e suas cerimônias, principalmente com os Salesianos do Externato São João e mais tarde no Liceu Salesiano N. Sra. Auxiliadora de Campinas, fez com que eu me interessasse não somente pela religião, como pelo culto, então grandemente celebrado em Latim, o que me facilitou, mais tarde, seu aprendizado no ginásio. Tão grande era minha dedicação que o bispo D. Neri falou a alguém em me fazer sacerdote. Preferi porém, não entrar para o Semanário e sim, em 1918, para o Ginásio do Estado, em que meu pai trabalhava".²

1. CESARINO JUNIOR, 1982, op. cit. pag. 7.

2. CESARINO JUNIOR, 1982, op. cit. pag. 6.

Pelo modo como a opção pelo ginásio foi narrada em seu depoimento, deixa entender ter se tratado de uma decisão pessoal, não tendo havido pressão explícita da família, mas havia a sugestão de que esse era o grande sonho do pai:

"Quando comuniquei a meus pais a minha decisão,
1
meu pai ficou exultante!"

No entanto, admite a interferência do pai nessa decisão, quando diz:

"Devo tudo a meu pai que não quis que eu logo arrumasse um emprego e quis que eu fosse para o Ginásio!"

Esse momento de escolha foi da maior importância para o desenvolvimento de sua trajetória.

Por um lado, como observa Bourdieu, "as escolhas operadas no momento da entrada na sexta série (ele está se referindo ao sistema de ensino francês) selam, de uma vez por todas os destinos escolares, convertendo a herança cultural em
2
passado escolar".

Por outro lado, ainda vai representar o momento traumático para a aquisição da identidade racial.

A família parecia, até então, estar afastada das situações discriminatórias com relação à cor ou à pobreza. O menino, até aqui, parecia estar protegido pelo que Goffmann chama

1. Depoimento já citado.

2. BOURDIEU, (1966) op. cit. pag. 334.

de cápsula protetora.¹ Como já foi por mim observado em trabalho anterior, realizado com famílias negras em Campinas nos anos 70,² a cápsula protetora aparece como uma constante, retardando por maior tempo possível o aparecimento do problema racial, que vai trazer sempre decepções e choques que podem, em maior ou menor medida, influir decisivamente nas relações com brancos e com negros".

1. GOFFMAN, E. Estigma: Notas sobre a manipulação da Identidade Deteriorada. R.J. Zahar, 1975. pag. 42.

2. BARBOSA, op. cit. pag. 61.

Nos tempos do "Ginásio do Estado"

O "Ginásio do Estado", antigo Culto à Ciência, vai ser reaberto em 1896, quando passa para as mãos do Estado mediante acordo com o município, pelo decreto lei n: 284, de 14 de março de 1895:

"Fica criado um Ginásio para o ensino secundário,
científico e literário, na cidade de Campinas".¹

O estabelecimento tornar-se-á o segundo instituto oficial de ensino secundário fundado no Estado.

Com isso, o Ginásio passa a funcionar depois de realizadas provas dos concursos para provimento das diversas

1. de PAULA, op. cit. pag 15.

cadeiras, o que se tornara critério para escolha do corpo docente, substituindo a velha prática de convites aos ilustres membros da maçonaria.

Mesmo assim, a presença de maçons em seu corpo docente vai continuar por quase toda sua história.

Na Monografia Histórica, escrita por Carlos Francisco de Paula, antigo Professor do Ginásio, há nomes de professores, alunos e funcionários dos primeiros anos de funcionamento, assim como também há notícias sobre concursos e nomeações.

O nome de Antonio Ferreira Cesarino (o pai) aparece em 1901, quando é nomeado para a função de contínuo, o que está de acordo com a portaria de nomeação existente nos arquivos do ¹ Ginásio.

Em 1911 aparece a notícia do concurso do Dr. Bento de Assis, advogado que vem preencher a 7a. cadeira de Latim. Nas investigações efetuadas nos arquivos da Biblioteca do Culto à Ciência, foi encontrada uma fotografia onde aparece esse professor e constata-se que era negro, com cor da pele bem carregada e traços nitidamente negróides, e aparecia elegantemente trajado junto a outros membros do corpo docente. Em depoimento, Cesarino Júnior declara lembrar-se da figura do Dr. Bento de Assis, que era muito competente, respeitado e muito reservado em suas relações.

1. Na portaria de nomeação está indicado o cargo de contínuo, mas, como vai se verificar, Antonio Cesarino vai desempenhar a função de bedel, cuidando dos alunos, levando listas de chamada para os professores, etc..., entretanto ambos os termos serão utilizados nos discursos e nos depoimentos aqui apresentados.

Isso vem mostrar, como lembra Maria Isaura Pereira de Queiroz, em referencia ja citada, que sempre houve possibilidade de ascensão social de negros enquanto individuos, e que, no ginásio, Antonio Cesarino (o pai) não era a única exceção. Este, pela fotografia existente sobre o piano, na casa do filho, era mulato, com pele mais clara e com traços mais finos que os do Dr. Bento de Assis.

Assim, o Ginásio seria o palco de experiências inter-raciais muito particulares, embora não exclusivas, para os Cesarinos, que não eram os únicos negros, mas eram os únicos negros pobres, uma vez que informações a respeito da família de Bento de Assis dão conta de que tinham boas condições econômicas, moravam numa boa casa, a filha cursava a Escola Normal¹ e, na fotografia em questão, o professor aparece elegantemente trajado.

A experiência do aluno Antonio Ferreira Cesarino Júnior no Ginásio do Estado não vai significar apenas a decisão de não ser tornar padre; antes, é a realização do sonho de seu pai: ter um filho na escola onde era bedel! Mais que isso, vai significar o momento decisivo de enfrentamento de uma realidade racial e social da qual sempre esteve protegido - o momento de aquisição de sua identidade, o momento em que se deu conta do significado de ser negro e pobre. Mas, embora único negro em sua turma de ginásio, não demonstrou ter percebido a discriminação do professor de italiano já referida quando da descrição do primeiro

1. As informações a respeito da família de Bento de Assis foram fornecidas pela Sra. Aglayde F. Freire, que foi aluna, primeiro do Culto a Ciência, e, posteriormente, colega da filha de Bento de Assis na Escola Normal.

dia de aula.

Nos depoimentos de Cesarino e em sua documentação pessoal não há referência ao modo como entrou no Ginásio do Estado. Entretanto, examinando os documentos e atas dos arquivos do ginásio, foi encontrado o registro do exame de admissão prestado por ele no período compreendido entre os dias 2 a 6 de abril de 1918, com resultados publicados em 9 de abril.

A banca examinadora desse exame era presidida pelo prof. Henrique Vogel e formada por Carlos Francisco de Paula, autor de uma monografia sobre o Culto à Ciência, e que vai manter sempre uma atitude de hostilidade velada com relação ao jovem Cesarino, e pelo prof. Ernesto Kuhlmann que, ao contrário, vai desempenhar papel importante em sua carreira.

Assim, tendo prestado um exame de admissão em condições extremamente desfavoráveis, uma vez que concorria com os "filhos das melhores famílias",¹ crianças que jamais tiveram que se preocupar com questões de sobrevivência e que, portanto, poderiam estar muito bem preparadas para concorrer pela vaga desejada, o menino mais uma vez é bem sucedido.

Cesarino, mesmo diante dessas condições adversas, foi classificado com a segunda melhor nota: 8,33, sendo que, acima dele, estava classificado o menino Oswaldo Ribeiro Franco, que recebeu a nota: 8,81 e, logo abaixo, Nilo Ferraz de Abreu, com 8,27; os demais classificados tiveram notas abaixo de 8 (oito). Dos mais de sessenta candidatos que prestaram o exame, foram

1. Expressão freqüentemente empregada por Cesarino Júnior em seu depoimento.

matriculados apenas 25 alunos.¹ Examinando a relação dos candidatos ao exame, percebe-se que havia inúmeros meninos com sobrenomes importantes na cidade que foram desclassificados, com notas muito baixas, o que não deve ter representado nenhuma grande tragédia para suas vidas, uma vez que, por pertencerem às classes abastadas, podiam contar com a certeza das escolas particulares que exigiam menor qualificação.

Essa situação vem mostrar que o jovem Cesarino era mais inteligente que a maioria de seus colegas, o bastante para se destacar nos exames de admissão, o que permitiu que ocupasse um status vazio, ou seja, um "vazio demográfico"² das classes superiores, o que acabou por abrir a possibilidade de ascensão social individual e nunca no plano coletivo. Aí, ele teve sucesso, pois faltavam concorrentes de igual qualidade.

Dessa forma, Cesarino inicia seus enfrentamentos com companheiros representantes das elites da cidade que, por deterem o capital cultural necessário, procuravam, através das estratégias de reprodução, continuar a garantir sua hegemonia.

Essa entrada no ginásio representa para o menino o desencadeamento dessa luta, dá-se no campo educacional que, segundo Bourdieu, pode ser considerado como "sistemas específicos de relações objetivas que podem ser de aliança, de concorrência

1. Arquivos do Culto à Ciência, livro de protocolo da Secretaria - Registro de Notas. 1918. sem número.

2. STAVENHAGEN, R. Estratificação social e Estrutura de Classes in (org.) VELHO, O.G., PALMEIRA, M. E BARTELLI, A.R. Estrutura de Classes e Estratificação Social, R.J. Zahar, 1981. pag. 145.

ou de cooperação entre posições diferenciadas".¹ O jovem estudante dá início a uma luta pela apropriação de um capital cultural que irá orientar as estratégias subsequentes - as estratégias de reconversão.

Compreendendo as estratégias de reconversão como o conjunto de ações e reações permanentes a partir dos quais cada grupo, no caso a família Cesarino, se esforça para manter ou mudar sua posição na estrutura social,² pode-se avaliar o significado que essa entrada no ginásio teve para a família, que vinha, de certo modo, investindo e depositando todas as esperanças para a mudança de vida no êxito esperado do jovem Antonio.

E preciso observar também que a mesma escola que reproduz as desigualdades da sociedade mais ampla vai servir de instrumento para a ascensão social do menino negro e pobre, que em sua luta vai enfrentar as fortes reações produzidas pelas estratégias de reprodução utilizadas pelos membros da elite dominante, e vai, ao mesmo tempo, poder contar com alguma simpatia e apoio de pessoas que se tornaram amigas do pai, ou ficaram impressionadas com o seu desempenho no exame de admissão.

O sentimento e a impressão que o depoimento de Antonio Cesarino deixa transparecer é de que, do mesmo modo como havia pessoas inconformadas com sua presença "em um lugar que não era para ele", como sugere a ação de Carlos Francisco de Paula e de

1. BOURDIEU apud TRIGO op. cit. pag. 15.

2. BOURDIEU, BOLTANSKI e SAINT-MARTIN op. cit. pags.: 175/176.

outros que dificultaram sua trajetória, também havia aqueles que gradualmente foram sendo conquistados pelo brilhante desempenho, acabando por se solidarizar com sua luta. Como o professor de Italiano, que se tornou um amigo, que o ajudou. Cabe lembrar novamente a idéia de Borges Pereira, já referida, de que os "mundos paralelos entre negros e brancos, acabam por se tornar mundos convergentes uma vez que, conquistados os espaços iniciais, gradualmente as distâncias são diminuídas".¹

A entrada no Ginásio coloca grandes modificações na vida do menino; a seriedade com que ele encarava essa conquista revelava que tinha clareza da responsabilidade que pesava sobre seus ombros: promover a reconversão das posições sociais da família.

Daí em diante as relações com o pai também foram estreitadas, uma vez que estava estabelecida uma ligação cotidiana intensificada pela rotina de irem juntos para a escola.

"Muitos não podem compreender a razão de o contínuo, filho do carteiro Bartolomeu, ter tanto desvelo pelo garoto, um adolescente espigado, de testa alta, cabelo escovinha, e olhos profundos que parecem ver tudo e que procuram, com ansiedade, o porquê das coisas e dos homens".²

Para o pai, a instrução é que vale!

1. BORGES PEREIRA, op. cit.

2. Reportagem de O TEMPO 30 de Dezembro de 1952.

Nessa época, a pobreza da família era tanta, que quatro das crianças faleceram por doenças agravadas pela alimentação insuficiente, num período em que o pai, com varíola, era hospitalizado. Nesse tempo, a família fora "jogada na rua" por não poder pagar o aluguel, e foram recebidos pelo senhor Benedito de Oliveira, secretário do Ginásio, muito amigo do bedel Antonio, que permitiu que toda a família, por volta de nove pessoas, ficasse morando na sala de visitas de sua casa até que as coisas melhorassem.

Benedito, mais tarde, teria um papel importante no desenrolar da trajetória do menino Cesarino.

Diante dessa dramática situação, o menino Antonio, então com 14 anos, o filho mais velho dos nove do casal, cogitava em abandonar os estudos para trabalhar. A mãe, alegando ser ele a maior esperança da família, impede-o, dizendo:

"Se você sair do Ginásio agora, será sempre um João Ninguém. Pelo amor que você tem a seu pai, que está quase à morte,¹ termine o ginásio".

Frente ao apelo da mãe, o menino resolve continuar estudando, mas decide que daria aulas para alfabetização, anuncia e logo recebe o primeiro aluno, um sírio-libanês de nome Yaub Lais, dando, assim, início a uma carreira de professor que só vai findar aos setenta anos, com a aposentadoria compulsória, como professor titular de Direito da Faculdade de Economia da Universidade de São Paulo.

1. O Tempo op. cit.

Esse fato, ou seja, o papel desempenhado pela mãe, permite refletir, como Bourdieu: "ainda que o êxito escolar, diretamente ligado ao capital cultural legado pelo meio familiar (e o autor aqui falava de acesso a bens culturais como literatura, concertos e visitas a museus) represente um papel na escolha da orientação, parece que o determinante principal do prosseguimento dos estudos seja a atitude da família a respeito da escola, ela mesma função das esperanças objetivas do êxito escolar encontradas em cada categoria social"¹.

Logo que o pai se restabelece da varíola, fica sabendo da nova carreira do filho, que, além disso, ajudava a mãe com entregas em uma quitanda que acabara de abrir para ajudar na sobrevivência; o menino, nas horas vagas, ainda trabalhava como sacristão na Igreja São Benedito, Coração de Jesus e no Externato São João.

É importante notar que, em todas as fontes pesquisadas, todas as vezes que há referência às condições sociais da família, aparecem também comentários que eram frequentemente feitos quanto à pretensão do bedel que quer que seu filho seja um grande homem:

"Ele deve pôr o filho para trabalhar de caixeiro. Esse pessoal (o grifo é meu) quando dá para ser intelectual fica impossível. Olha o Aprígio Cesarino (irmão de Antonio, o pai, que era jornalista), é metido a escrever nos jornais de São

1. BOURDIEU (1966) op. cit. pag.86.

1

Paulo e do Rio de Janeiro! Lorotas!"

As referencias e representações feitas a respeito da família podem ser compreendidas, até esse momento, como relacionadas à sua pobreza. Realmente, era difícil para a maioria das pessoas compreender como essa família tão pobre e tão humilde poderia valorizar tanto a instrução. Assim, todos os comentários referentes à pretensão de Cesarino para fazer estudar o filho podem ser explicados como uma questão de classe social. Só que esta família não é apenas mais uma família pobre. É uma família pobre que se distingue das demais, que além de pobre é negra, e como tal também se distingue das demais famílias negras porque é instruída e tem uma parte do passado inscrita na história da cidade. E, dessa forma, insiste em não cumprir "o destino" reservado às famílias negras e pobres, expondo-se, assim, a uma situação incomum de relacionamento social e inter-racial.

Quando o comentárista faz a referência empregando "esse pessoal", aparece novamente na história aquela manifestação preconceituosa que não é explicitada, que não é dita abertamente, pois essa expressão não está se referindo à pobreza, e sim àquilo que continua a distinguir "esse pessoal", que é a cor. Esses termos, quando empregados a respeito de negros que começavam a se distinguir da população comum, que aqui vai se referir ao jornalista que se sobressaía fora da cidade, tem um sentido altamente negativo. Essa expressão pretende ignorar as qualificações que distinguem a família, assim como qualquer outro

1. O TEMPO já cit.

negro que pudesse ser distinto.

O bedel parecia desconhecer, ou fingia que não ouvia, o que diziam. A única coisa importante era a formação e o sucesso do filho. Quando perguntado se não tinha vergonha de ser bedel na classe do seu filho, respondia: "Tenho orgulho!"¹

A importância do pai na formação do menino Tosinho foi especialmente acentuada no ginásio, pela proximidade e convivência até mesmo na hora do recreio, nos intervalos das aulas: enquanto os demais colegas iam para o pátio para jogos e brincadeiras, o menino ia para a biblioteca, onde muitas vezes o pai substitua o bibliotecário. Aí, passou a ter familiaridade com ela, sob influência do pai, chegou a ter paixão pela leitura, recusando-se a ir ao cinema para ficar lendo.

Embora não houvesse por parte do pai nenhuma resposta agressiva com relação aos comentários desagradáveis feitos a respeito de sua pretensão, e não houvesse nenhuma referência a conversas entre pai e filho a respeito dessa situação, o fato de o menino se afastar dos companheiros na hora do recreio para ficar ao lado do pai poderia significar, por um lado, o empenho em aproveitar o tempo para garantir a aquisição do capital cultural necessário para a viabilização de seu projeto mais amplo - a reconversão da situação social da família. Mas, por outro lado, essa atitude também podia significar um afastamento deliberado do grupo dos companheiros que poderiam impor-lhe o mesmo tipo de constrangimento a que o pai estava constantemente

1. O Tempo janeiro de 1953. Narrativa também repetida em seu depoimento gravado em 1989.

exposto. Era uma forma de continuar protegido.

O sucesso de Antonio Cesarino Junior se deveu a um conjunto de situações na vida da família: o fato de ter sido identificado bem cedo que se tratava de um menino bem dotado, a presença da tia-avó influenciando na escolarização, as pressões exercidas pela mãe para que não deixasse de estudar, a disponibilidade do pai e de alguns amigos do Ginásio, tudo isso implicava para o menino em uma grande carga de responsabilidade, pois todas as esperanças de desenvolver a estratégia de reconversão da família pesavam sobre seus ombros.

Tal fato impedia que ele se tornasse popular, cercado de amigos, como era seu irmão e como são, em geral, os alunos muito estudiosos. Por outro lado, sua atitude poderia também significar, novamente, o reflexo de uma estratégia para preservá-lo dos comentários desagradáveis.

A mãe aparece em vários momentos dessa história, procurando amenizar o isolamento ao qual o menino se impunha.

Cesarino era um menino que levava a sério tudo quanto fazia, e por isso não era um companheiro muito bom para brincadeiras. A reportagem que traz algumas revelações para este trabalho foi escrita para o Jornal "O Tempo", em 1952, com informações do próprio Cesarino e de um antigo companheiro de infância, que então era diretor da sucursal do jornal em Campinas, e conta que:

"Quando Carlos Frazatto entrou (sic) na quitanda, fazendo barulho com a chuteira no chão de cimento e batendo a bola com a mão, quase sempre lá estava

Cesarino Junior atrás do balcão, sentado na cadeira, lendo um livro

- Vamos jogar uma partida?

convida Fazatto, apanhando uma mexerica,

- O time esta completo. Só falta um beque.

Cesarino Júnior, como arrancado de um sonho, levanta a cabeça, mostrando o livro ao garoto Frazatto:

- Sabia que a importância de José Bonifácio talvez tenha sido maior que a de D. Pedro na consolidação da Independência? Cada vez fico gostando mais da História.

- Estamos em férias, Antoninho. Eu também tiro minhas boas notas, mas agora é hora de brincar um pouco. Quanto é a mexerica?

Dona Júlia (a mãe) está chegando, vem das compras:

- Não adianta tirar o Tosinho dos livros. Eu também já disse que ele precisa brincar um pouco. A mexerica é de graça. Você é amigo do meu filho.

O menino Frazatto ganha a mexerica de Dona Júlia e sai sem o companheiro.¹

Toda essa seriedade obstinada encaminha o menino para

1. Diálogo transcrito da Reportagem de O Tempo op. cit.

uma trajetória escolar apenas de atividades intelectuais; além do que, o futebol representava um tipo de atividade ligada aos estereótipos negativos referentes ao negro, como lembram Bastide e Fernandes: "o futebol, o rádio e agora também o teatro constituem esferas de sucesso marcante para os negros. A idéia de que os pretos são especialmente dotados para 'certas coisas' está substituindo as antigas noções de que não o seriam 'para nada', ou que o seriam, mas no mal sentido, ou que só seriam aproveitáveis no serviço doméstico"¹. E isso era tudo o que Cesarino queria negar.

O mesmo não ocorreu com seu irmão dez anos mais moço, João Climaco, que conta em seu depoimento:

"E que quando chegou minha vez de estudar, os tempos eram outros! Meu irmão Antonio já estava no ginásio, e tinha feito muito esforço para estudar; aí, minha mãe era considerada a melhor doceira da cidade, trabalhava fazendo doces para as festas de casamento de famílias ricas e ganhava muito bem, chegando a ter muitas ajudantes, juntando o que ela ganhava com o ordenado de meu pai, mais a renda de um bar da Companhia Mogiana de Estrada de Ferro a família teve o orçamento doméstico sensivelmente aumentado. Assim, minha mãe fez

1. BASTIDE, R. e FERNANDES, F. Brancos e Negros em São Paulo, S.P. Cia. Ed. Nacional, 1955. apud. BORGES PEREIRA, op. cit. pag. 21.

questão que eu fosse para uma escola particular. Então eu fui estudar no colégio Diocesano Santa Maria, mesmo contra a vontade do marido; como eu era bom jogador de futebol, era muito querido e ajudava a projetar o nome do colégio na cidade, com os campeonatos com outras escolas, assim não exigiam que eu fosse bom aluno, assim acabei não estudando como meu irmão Antonio".¹

De certo modo, já não havia tanta pressão para a escolarização, uma vez que os problemas econômicos já não eram tão sérios e a estratégia de reconversão da família estava praticamente garantida pela trajetória bem sucedida de Antonio. Desse modo, a trajetória de João Climaco passa a corresponder à trajetória modal, revelando que as expectativas em relação à ascensão social através da escola também já haviam diminuído. Essa correspondência ficava evidenciada ainda mais, porque ele estava se dedicando exatamente ao tipo de atividade que atendia às expectativas da sociedade em relação ao negro: o futebol. Assim, "ele estava no seu lugar".

A relação dos negros brasileiros com o futebol fica acentuada na literatura através de uma referência ao livro "O Negro no Futebol Brasileiro", de Mario Rodrigues Filho, segundo quem,

"foi o futebol que aproximou o Brasil dos seus negros e mulatos, tornou-os brasileiros como os

1. Depoimento gravado por mim em 1992.

brancos e liberou-os do estigma de moleque de recados. E logo o futebol, que começou não apenas branco no Brasil, mas louro e de olhos azuis, desde o inglês que trouxe a primeira bola."

E continua:

" Mas não foi uma assimilação suave. Quando os negros se impunham, os brancos se vingavam culpando-os por derrotas cruciais _ como a Copa do Mundo de 1950, em que os responsabilizados foram dois negros de carapinha, Barbosa e Bigode, e um mulato de cabelos ondedados, Juvenal"¹.

A preocupação da mãe em colocar o filho João Climaco em escola particular pode ter sido também consequência do fato de ela ter demonstrado preocupação com o isolamento e sacrifício do filho mais velho e ter esperado um percurso menos penoso para o caçula.

Fica muito clara a questão do peso que recaia sobre os ombros do menino Antonio, o que vem confirmar a existência do projeto acalentado pela família, de investimento no primogênito para garantir a reconversão social para toda família, o que

1. RODRIGUES FILHO, M. Negro no Futebol Brasileiro apud. Ruy Castro O Anjo Pornográfico S.P. Ed. Schwarcz 1992.

"Em edições posteriores, Mario Filho teve tempo para atualizar a história, incluindo a aparição do negro e do mulato que iriam redimir toda a nação, inclusive os sofridos brancos brasileiros: Pelé e Garrincha." CASTRO, R. O Anjo Pornográfico op. cit. pag. 224.

realmente aconteceu.

De acordo com as palavras da auto-biografia, Antonio Cesarino Junior via o

"Ginásio do Estado daquela época como tendo o melhor corpo de professores intitulados lentes catedráticos que se poderia desejar, sempre admitidos por concursos, os expoentes na matéria que lecionavam, quase todos com livros publicados sobre ela... Em seis anos, com seis horas diárias seis dias por semana, estudávamos: Aritmética, Algebra, Geometria, Trigonometria, Mecânica e Astronomia; Português, Francês, Inglês, Italiano, Alemão, Grego e Latim, Cosmografia, História Universal, História Natural, Botânica e Geologia, Psicologia e Lógica. Nada menos que dezoito matérias. Esse diploma dava direito ao ingresso imediato nas Faculdades de Medicina e Engenharia (Escola Politécnica) sem necessidade de vestibular".¹

Tinham sido seus professores nomes respeitáveis, com obras conhecidas, entre eles: André Pires Y Marin e Carlos Francisco de Paula (Matemática), Otoniel Mota (Português), Camilo Vanzollini (Italiano), Jean Keating (Francês), Anibal de Freitas (Física e Química), Paulo Decourt (História Natural).

A qualificação que o Ginásio oferecia era a melhor que

1. CESARINO JUNIOR, 1981. op. cit. pag. 8.

o menino podia desejar naquele momento. As condições de desigualdades com que enfrentava a luta valorizavam ainda mais suas conquistas. Cesarino cumpriu todo o curso com as melhores notas da classe, conquistando o respeito e a amizade de alguns colegas e professores. Era assim que ele se firmava.

A obstinação com que se empenhava nesses enfrentamentos dava-lhe forças para vencê-los.

Ainda enquanto aluno do Culto à Ciência, o trabalho que desenvolvia na Igreja, na quitanda e nas aulas particulares, como já foi mostrado, possibilitava a ele ter livros novos, andar bem vestido e ainda oferecer presentes à mãe e aos irmãos. Era o início da reconversão, pelo menos no que se refere aos bens simbólicos.

Ainda nessa época, ele consegue arranjar um trabalho de garçom no clube da Mogiana,

"então os faladores ficaram satisfeitos: - Agora¹
sim, ele esta no seu lugar!"

Palavras ouvidas no Ginásio, por pessoas que não conseguiam compreender a obstinação com que o menino enfrentava os obstáculos que lhe eram impostos; a agressividade não era dissimulada.

Ainda nesses tempos fundou e dirigiu, juntamente com alguns colegas: Alvaro Marcílio, José Gati e João de Souza Ferraz, um jornal - "A Juventude", o órgão da Mocidade

1. O Tempo Dezembro de 1952/Janeiro de 1953.op. cit.

Campinense", que chegou a ter as próprias oficinas, circulando semanalmente. Restam informações da cópia de dois exemplares: de 5 de agosto de 1923, com o número 6 (seis), e de 6 de janeiro de 1924, com o número 28 (vinte e oito), significando que o jornal teve uma razoável duração para um trabalho de estudantes. Embora essa fosse uma época em que as associações negras e jornais ligados a questões raciais estivessem em plena efervescência na cidade, não aparece nenhuma referência a Cesarino e ao jornal relacionado com esses movimentos.¹

Em declaração na entrevista, Cesarino admitia que o jornal tinha um caráter um pouco patriótico, e visava estimular a juventude à cultura e ao civismo, declarando ainda:

"É claro que eu sempre defendi minha raça, mas esse jornal não tinha compromisso com a questão racial, era geral".

Essa experiência levou-o, ainda estudante, a procurar emprego na redação do "Diário do Povo", com Alvaro Ribeiro, que lhe ofereceu o emprego de repórter, ganhando 30 mil réis por mês, trabalho que era acumulado com os estudos e com aulas particulares.

Nessa atividade, acabou sendo redator-chefe. E aí ocorreu um fato que ele considera pitoresco, fato que no depoimento foi narrado duas vezes, de modo sintomaticamente diferente:

A principal narrativa conta que, certa vez, foi

1. CESARINO JUNIOR, 1982. op. cit. pag 11.

procurado na redação por um general que queria falar com o redator-chefe, e quando viu o rapazinho, certamente surpreso com sua juventude, disse:

- "Não é com o senhor que eu quero falar, é com seu pai!"

Na segunda narrativa, a interpretação foi diferente:

- "Não é com o senhor que eu quero falar, é com o redator chefe!".

Diversidade atribuída ao processo de formação da memória e a aspectos que, inconscientemente, não gostaria de enfrentar, e daí, a dificuldade em verbalizar a surpresa do general ao dar com um jovem negro dirigindo um jornal importante.

Logo depois dessa ocorrência, o jovem termina os estudos no Ginásio do Estado e se encaminha para seus momentos de triunfo: a festa de formatura, onde, vestido com um clássico "Smoking", recebe seu diploma, é o primeiro nome a ser chamado pela ordem alfabética e pela nota, recebendo elogios por ter terminado o curso em primeiro lugar.

De acordo com a reportagem de "O Tempo", já referida, depois de terminada a festa, Benedito de Oliveira, o secretário, que partilhava da alegria do bedel Antonio, pergunta:

"- O que vai ser do rapaz? Já escolheu a carreira?"

- Será engenheiro!

respondeu o pai, o orgulhoso Antonio Cesarino,

revelando ao amigo o sonho do filho.¹

1. Reportagem de O Tempo op. cit.

Mudança de sonhos

Certa vez, conta Cesarino, nas memórias,

"tinha grande vontade de aprender a tocar violino. Para isso, havia feito um bom curso de solfejo e juntado a pequena quantia para comprar meio violino. Quando meu pai soube disso, proibiu energicamente que eu continuasse na música. Sendo nosso contínuo, meu pai sabia que um colega meu, mais velho do que eu, era ótimo violinista, mas péssimo estudante... e temia que eu lhe seguisse o exemplo. Assim, o dinheiro economizado para o violino serviu para que eu comprasse o primeiro ¹ traje de calças compridas".

Essa experiência de menino seria para treiná-lo na mudança de sonhos. Ao mesmo tempo, o rigor da atitude do pai revela a preocupação em garantir a postura puritana que não

1. CESARINO JUNIOR, 1982, op. já cit. pags 9/10.

poderia ameaçar o projeto de branqueamento da família.

A opção pela engenharia deve-se ao fato de o jovem Cesarino ter uma grande paixão pela Matemática, e ter sonhado com a possibilidade de se tornar engenheiro ferroviário, considerando que Campinas naquele tempo era um importante centro ferroviário e teria um bom campo de trabalho. É interessante também notar que Cleber da Silva Maciel observa que foi na estrada de ferro que o negro em Campinas encontrou os melhores empregos nas primeiras décadas deste século. Em pesquisa efetuada nos anos setenta, também foi constatado por mim grande número de negros ferroviários.¹ Isso pode sugerir que o trabalho na ferrovia trazia a segurança de um emprego e um ambiente com considerável número de negros oferecia a possibilidade de não haver manifestação discriminatória.

Assim, levado pelo sonho de se tornar engenheiro ferroviário e atraído pela cidade de São Paulo, o jovem Cesarino inicia mais uma busca _ a Escola Politécnica. No entanto, a situação financeira da família vai novamente interferir nesse sonho, pois era obrigado a trabalhar e estudar ao mesmo tempo; o ordenado do pai era pouco para sustentar sete irmãos menores que ele.

Como lembra Bourdieu, "é necessário admitir que as escolhas precoces comprometem muito fortemente as oportunidades de atingir tal ou tal ramo de ensino superior e daí triunfar:

1. MACIEL, 1987. op. cit. pag. 170.

enfim, as cartas são jogadas muito cedo".¹

Assim, vê-se que até mesmo o ensino público, com a aparente cobertura democrática, continua a acentuar a desigualdade, mesmo para um estudante que havia demonstrado sucesso nos estudos secundários.

Na tentativa de fazer sua matrícula na Escola Politécnica, o jovem foi informado de que a presença às aulas era obrigatória e que as aulas tomariam o dia inteiro, sendo, portanto, impossível conciliar trabalho e estudo de engenharia. Daí seguiu para a Faculdade de Medicina, recebendo a mesma resposta. Só restava a Faculdade de Direito. Nessa, o secretário informou que ele poderia, em caso de impossibilidade de freqüência, fazer exames de segunda época. No entanto, informava o secretário, a Faculdade Federal exigia exame vestibular, e esse exame era muito difícil. De fato, o exame foi difícil. Cesarino prestou o vestibular juntamente com outro colega de Campinas; ele passou e o colega foi reprovado.

Novamente aqui, ocorre, como no exame de admissão, uma atuação brilhante de Cesarino, que ocupa "o vazio demográfico das classes superiores" já citado anteriormente em referência de Rodolfo Stavenhagen.

Uma vez matriculado na Faculdade de Direito do Largo de São Francisco, voltou a estudar ao lado de grandes nomes, que, em sua grande maioria, tornar-se-iam personalidades de renome na vida pública, quer em carreira jurídica ou administrativa, quer

1. BOURDIEU, (1966) op. cit. pag. 86.

acadêmica ou literária. Nomes como, por exemplo: Lineu Prestes, que teve, entre outros cargos, o de Reitor da Universidade de São Paulo em 1947/49, Secretário da Fazenda do Estado em 1949, chegando a ser prefeito da cidade de São Paulo em 1950 e senador da República; Cid Franco, que foi jornalista, exerceu o cargo de vereador pelo partido Socialista, foi deputado estadual e candidato pelo seu partido a vice-governador do Estado em 1958, e, em 1960, concorreu a governador com Adhemar de Barros, Jânio Quadros e José Bonifácio Coutinho Nogueira; Paulo Teixeira de Camargo, colega de Campinas, que também teve desempenho político como deputado estadual por duas gestões e exerceu o magistério superior; Caio Prado Júnior, que estudou na Inglaterra, foi Livre-Docente de Economia Política e também deputado estadual, historiador de renome, teve muitas obras traduzidas para outras línguas; José Pinto Antunes foi deputado à Assembléia Constituinte de São Paulo em 1939, fez carreira no magistério e mais tarde assumiu interinamente a direção da Faculdade de Direito, quando o titular Alfredo Buzaid foi nomeado Ministro da Justiça do governo militar em 1969; na ocasião de sua posse na reitoria foi saudado por Cesarino Júnior.¹

Entre os professores, estavam os nomes de João Arruda, Reinaldo Porchat, J.J. Cardoso de Melo Neto, Frederico Vergueiro Steidel, Francisco Morato, Gabriel Rezende Filho e José Augusto

1. RIBEIRO DA SILVA, R. A 1a. Turma do Novo Século, S.P. E.G.Revista dos Tribunais, 1971.pags. 22/23. Livro publicado a partir da reunião comemorativa dos 40 anos de formatura da turma de 1928.

Obra gentilmente cedida por Ecilda Silva Nunes, dos arquivos de seu pai, o jornalista Plínio Silva, grande amigo do autor.

Cesar, que já havia sido professor de Cesarino Junior no colégio Culto à Ciência.

Com todos esses nomes importantes Cesarino teve poucas oportunidades de uma convivência, pois precisava trabalhar.

Diante da realidade da cidade de São Paulo, percebeu que os conhecimentos de humanidades que tinha não lhe serviam de imediato; era muito jovem para ser professor, não sabia datilografia para trabalhar em escritório, acabou diminuindo as pretensões, indo procurar emprego em uma padaria, e ouviu:

"Moço, esse emprego não serve para o senhor, que vejo ser uma pessoa educada"¹...

A situação se agravava, quando chega um colega da Faculdade, pertencente a importante família, arranjando-lhe um emprego como revisor da edição de São Paulo do Jornal do Comércio do Rio de Janeiro, trabalho que era feito das 21 horas até quatro ou cinco da madrugada.

O trabalho, mais o tempo gasto com viagens de bonde elétrico para além do Largo da Penha, onde morava com a avó materna, com quem dividia uma sala alugada em uma casa de família, ia delineando uma vida muito sacrificada. Embora tentasse frequentar as aulas no período da manhã, não conseguia resistir ao sono, até mesmo nas aulas de brilhantes oradores. Diante desta situação, considerada por ele como absurda, continuou a procurar emprego, indo trabalhar no jornal "A Capital", como redator, trabalhando por vários meses, até que se

1. CESARINO JUNIOR, 1982, op. cit. pag.10.

convenceu do erro da ida para São Paulo, pois mesmo nesse jornal ganhava pouco e fazia todo o serviço, o que continuava a impedir a frequência ao curso de Direito. Decide voltar para Campinas, indo a São Paulo apenas para fazer os exames de segunda época.¹ Mais um sonho deixado de lado!

1. CESARINO JÚNIOR, 1982, op. cit. pag 12.

A Volta para a Cidade

De volta à cidade, às vésperas da Revolução de Isidoro, de 1924, passou a lecionar em vários colégios particulares de Campinas, entre eles o Liceu Salesiano Nossa Senhora Auxiliadora, o Colégio São Luis, que era Escola de Comércio, e o Colégio São Benedito, do qual chegou a ser vice-diretor. Vale a pena, aqui, abrir um parênteses para o Colégio São Benedito:

A história do colégio São Benedito é de especial interesse para revelar a importância que a população negra de Campinas atribuía à instrução. A compreensão, já no começo do século, da mística de que problema do negro é problema de instrução se tornava evidente.

Um dos pontos de encontro de grupos negros em Campinas era a Igreja de São Benedito e a Irmandade que aí existia. Sua história, como contada por Luís Roberto Benedetti na obra "Os Santos Nômades e o Deus Estabelecido", é "marcada pela presença

da classe dominante. Mestre Tito, curandeiro, conhecedor de ervas medicinais, famoso em todo município, ex-escravo de Floriano de Camargo Andrade, solicitou às autoridades eclesiásticas de São Paulo licença para construir uma capela, a São Benedito, no lugar onde fora o antigo cemitério de escravos.

Conseguida a licença, começou a erguer a Igreja com dinheiro de esmolas obtidas de casa em casa. Sendo vigário da cidade o padre José Joaquim de Souza Oliveira, organizou-se a Irmandade de São Benedito. A irmandade e o vigário ajudaram Mestre Tito a levar à frente a construção.

Mestre Tito morreu sem vê-la concluída e sem obter a licença para ser sepultado em seu interior, ao lado da imagem do santo de sua devoção. As obras foram retomadas muito tempo após sua morte, mas já não era mais dos pretos cativos ou ex-cativos. Pessoas influentes da cidade concluíram a obra que tinha como arquiteto de sua fachada o Dr. Ramos de Azevedo, recém vindo da Bélgica".¹

Mesmo assim, era em uma sala nos fundos da Igreja que a irmandade se reunia e que grupos de negros organizavam festas e quermesses, mas estavam preocupados com a precariedade da situação em que se encontravam e discutiam soluções para os problemas, tentando formar classes para escolarização de negros. Como as dificuldades eram grandes, conseguiram apenas a formação de classes para o ensino de música e a formação de uma banda que tocava nas festas e quermesses.

1. BENEDETTI, L.R. Os Santos Nomades e o Deus Estabelecido Ed. Paulinas, 1984 pag. 91.

Mas no início do século, por volta de 1902, um professor negro, Francisco José de Oliveira, vindo de Ribeirão Preto, onde lecionava, passa por uma visita à cidade, ocasião em que se hospeda com um negro de nome Chico Vilela, que era proprietário de um pequeno bar chamado Frege-Mosca, na rua Sacramento, perto da Matriz Velha, muito frequentado por homens negros ligados à irmandade de São Benedito, que, ao descobrirem que o visitante negro era professor, tiveram a idéia de convidá-lo a fundar uma escola para alfabetizar os filhos dos homens de cor na cidade. Aproveitando os fundos da Igreja São Benedito, onde já funcionava a escola de música, iniciaram-se as aulas no mesmo ano, ficando assim fundado o Colégio São Benedito.¹

A Associação Paulista dos Homens de Cor foi fundada em 1910, a partir de um Centro Literário dos Homens de Cor, ligado ao Colégio São Benedito e também criado por Francisco José de Oliveira, com apoio de homens ilustres da cidade que tinham interesse eleitoral no contingente negro, e, em 1911, com esse apoio, tanto a Associação quanto o Colégio ganharam personalidade jurídica e prédio próprio à Avenida Moraes Sales.

O historiador Cleber da Silva Maciel, quando analisa a irmandade de São Benedito e o Colégio, chama atenção para "a afirmação do não conflito, da subserviências que garantem a continuidade de entidades negras atreladas. Quando o Colégio São

1. Essas informações foram obtidas em um documento encontrado nos arquivos do Centro de Ciências Letras e Artes, de autor não identificado. Entretanto, pelo modo como foi redigido, acredito poder atribuir-las ao Sr. Benedito Evangelista, que forneceu um depoimento em estilo bastante semelhante. O documento foi cedido gentilmente por Maria Luiza Pinto de Moura.

Benedito fez seis anos, tinha 442 alunos e realizou uma festa em homenagem de gratidão e reconhecimento à imprensa local e ao ativo e generoso povo campineiro que tão heroicamente tem sabido amparar e proteger o Colégio São Benedito".¹

Mais do que considerar essa subserviência como um elemento negativo da parte dos negros, pode-se considerar como a única resposta possível à dominação exercida pelo branco, pode-se considerar como uma estratégia, como aquilo que Olga Maria M. Von Simson chamou de resistência inteligente, que é a capacidade dos grupos negros de utilizar o âmbito da cultura para se opor à dominação branca e conquistar espaços na sociedade branca.²

Dessa forma, a execução do único projeto deliberadamente pensado para escolarização das crianças negras pôde se tornar viável, mesmo às custas de concessões e elogios aos brancos dominadores.

O colégio conseguiu manter uma boa qualidade de ensino, muitos professores de grande competência passaram por ali, e muitas vezes sem cobrar honorários.³ Na documentação de Cesarino, não fica claro se houve ou não algum pagamento, uma vez que a situação financeira naquele tempo de 1926/27 ainda não era equilibrada. Mas, em seu depoimento, relata que chegou a fazer parte da diretoria, a título de colaboração como o dono da

1. MACIEL 1987. op. cit. pag.101.

2. VON SIMSON, O.R.M. Brancos e Negros no Carnaval Popular Paulistano Tese de Doutorado -Dep. Sociologia da F.F.L.C.H. - U.S.P. 1989.

3. Depoimento de Benedito Evangelista, gravado no Centro de Memoria da UNICAMP.1991.

escola, muito amigo do seu pai.

A estratégia usada pelo grupo que funda a escola para a escolarização de negros era a mesma do colégio Perseverança ou Cesarino, só que, dessa vez, os objetivos eram mais claros nos estatutos:

Artigo 1: Manter aulas de ensino primário e secundário para a educação da infância pobre e desvalida,

Artigo 2: A título de auxílio para a manutenção do collegio a Diretoria fixara a mensalidade de 5\$000 pelo ensino dos alunos cujos pais ou tutores não forem inteiramente pobres e necessitados.

1: As importâncias provenientes das mensalidades dos alumnos contribuintes inclusive donativos e esmolas destinar-se-ão, no pagamento do corpo docente, pessoal subalterno, aluguel de casa e despesas com fornecimento que for feito aos alunos
1
pobres.

Pode-se compreender pelos trechos extraídos dos estatutos da escola que a idéia era viabilizar a escolarização de crianças negras e pobres através daquelas "menos pobres" que, juntamente com cidadãos beneméritos e de escolas, pudessem pagar e manter a escola funcionando. Há referências a nomes de ilustres

1. Cópia dos Estatutos gentilmente cedida por Maria Luiza Pinto de Moura.

campineiros brancos que frequentavam o colégio e que não indicam terem sido tão pobres. A qualidade de ensino garantido pela escola parecia atraente para as famílias de classe média que não conseguiam vagas para seus filhos no Ginásio do Estado.

No entanto, pelo exemplo de exceção e das dificuldades de Cesarino Júnior no Ginásio do Estado, pode-se imaginar que aquela não era alternativa de escolarização para crianças negras. As escolas públicas não eram suficientes e não garantiam a mesma qualidade.

Embora Cleber da Silva Maciel, em obra já citada, tenha identificado que os interesses brancos permeavam a viabilização da escola, ela era resultado da conquista do grupo interessado num projeto de tirar o negro da situação precária em que se encontrava, e que via nesse tipo de escola o único caminho para melhoria de sua vida.

Quando se considera a passagem de Cesarino Júnior pelo Colégio São Benedito é que a dificuldade com que ele lida com a questão racial fica mais evidenciada.

No decorrer de sua trajetória, não aparece nenhum momento em que a questão racial seja negada, mas também não aparece nenhum compromisso e identificação clara com ela. As palavras negro, preto e de cor aparecem tanto no depoimento quanto na auto-biografia. A explicação para os problemas é muito mais ligada às questões de classe do que de raça. No entanto, quando ele se refere à passagem pelo Colégio São Bendito, transparece em sua fala um certo distanciamento com relação ao projeto da escola. Ele diz que nunca se negou a colaborar com os

negros, como se os negros fossem os outros.

Nesse momento, Cesarino, que havia sido protegido dos constrangimentos e, mesmo assim, teve que enfrenta-los silenciosamente, já conquistava respeitabilidade como professor, já se tornava conhecido por sua competência.

Se até aqui foi bem sucedido, foi graças a seu próprio esforço, ao investimento que a família fez nele e também graças a seu distanciamento das questões de negros.

Até com relação aos problemas de identidade étnica, Cesarino é um caso atípico, sendo produto de uma trajetória incomum, permeada de contradições e dificuldades para com as questões raciais. Tudo o que existiu com relação a problemas raciais foram insinuações indiretas facilmente mascaradas de questões de classe, e as insinuações eram muito mais ligadas às pretensões do pai do que com ele próprio.

Além do que, ele já havia incorporado o antigo projeto de aburguesamento da família, que vinha dos tempos do bisavô; assim, ele não se sentia parte do grupo daqueles negros do Colégio São Benedito, ele era muito mais um ex-aluno do Ginásio do Estado. Esse status adquirido (o de ex-aluno do Culto à Ciência, colégio respeitado, destinado a burgueses brancos) é o referencial maior que absorve o status atribuído de negro.

O Colégio São Benedito consegue se manter até a morte de seu fundador, quando se inicia um demorado processo de disputa de posse, que se arrasta até nossos dias.

Na ocasião em que Cesarino se instalava novamente na cidade, casa-se com Dona Flora, namoradinha de infância, que ele

conheceu no tempo em que fazia entregas para a quitanda da mãe; ela era filha de um escultor e arquiteto italiano que trabalhava na construção da Igreja do Rosário. Mesmo casado continuou os estudos, para fazer exames de segunda época na Faculdade de Direito. Já no último ano da Faculdade, é sobressaltado com a possibilidade de se tornar professor no Ginásio do Estado!

Era um outro sonho, muito mais acalentado pelo pai, "que quase enlouquece de alegria diante da perspectiva de talvez, ser bedel do filho-¹ professor, já que fora contínuo do filho-aluno".

O primeiro concurso, entretanto, era para a cadeira de Educação Moral e Cívica, sendo posteriormente abertas vagas para Matemática e Francês. O jovem professor se sentia inseguro para tamanha ousadia, chegando a consultar um antigo mestre aposentado, o Prof. João Keating, para se aconselhar. Este o animou, sugerindo até mesmo a tese para ser defendida.

Essa atitude lembra uma prática codificada, como a que Bourdieu refere quando fala da codificação em sua obra "Coisas Ditas", que codificar significa a um tempo colocar na devida forma e dar forma. Para ele, quanto mais perigosa for a situação, mais a prática tenderá a ser codificada. O grau de codificação varia de acordo com o grau de risco... Quanto mais a situação for carregada de violência em potencial, mais haverá necessidade de adotar certas formalidades, mais a conduta livremente confiada às improvisações do Habitus cederá lugar à conduta expressamente

1. O Tempo, 1952. op. cit.

regulada por um ritual metodicamente instituído e mesmo
1
codificado.

Pedir licença² para fazer o concurso passa a
caracterizar a formalização da ação, diante da insegurança e dos
riscos previsíveis na situação.

E nesse momento da história de Cesarino que o
secretário do Ginásio do Estado, Benedito de Oliveira, entra
novamente em cena. Este, segundo as memórias de Cesarino,
desaconselha a inscrição para os concursos, mostrando os motivos
que militavam contra ele.

Quando, durante o registro do depoimento, foi
perguntado a ele a respeito desses motivos, respondeu:

" Achavam absurdo não só um sujeito de cor, como o
filho do continuo ter essa pretensão!"

Mas, nessa ocasião, o secretário deveria saber a
respeito dos trâmites internos que poderiam atrapalhar Cesarino
no concurso, como, por exemplo, o nome de possíveis concorrentes
mais articulados aos interesses dos poderosos do Ginásio.

Entretanto, quando se abriu uma vaga para a cadeira de
História Universal, com a vitória de José Augusto Cesar em
concurso para cátedra da Faculdade de Direito, o Secretário foi o
primeiro a estimular Cesarino, mesmo havendo concorrentes de

1. BOURDIEU, P. Coisas Ditas S.P. Brasiliense 1990. pags. 98/99.

2. E Cesarino Júnior quem utiliza termos diferentes(em negrito
no texto) para indicar a mesma situação, **aconselhar** aparece na
auto biografia, e **pedir licença** aparece de modo enfático no
depoimento de 1989. Esta diferença é sintomática, uma vez que o
pedir licença, que significa maior submissão, aparece em uma
situação menos formal.

renome.

Mesmo com alguns estímulos, outras pessoas diziam que o jovem era um louco:

"quem é você? filho do continuo, aquilo é para
1
gente graúda!"

O jovem imaginava e respondia:

"Não custa nada tentar; naquele tempo, algumas
pessoas me conheciam, eu já havia dado aulas em
2
vários colégios particulares..."

continua em seu depoimento.

Mas havia certo constrangimento e insegurança, ele volta a tomar uma atitude codificada como a referida anteriormente, indo ao professor José Augusto César, que deixava a cadeira, e pedindo licença para fazer o concurso; conta Cesarino em seu depoimento,

" Eu fui falar com ele, eu já era advogado e disse: 'Olha professor, eu vim lhe pedir um conselho que é ao mesmo tempo uma desculpa. Eu estou com vontade de ter o atrevimento de fazer o concurso na sua vaga.' Ele foi muito amável embora um homem meio esquisito, secarrão, falava pouco, acho mesmo que era solteirão, era muito difícil ele rir, eu o admirava muito, mas apoiou minha decisão sem

1. CESARINO JUNIOR, depoimento gravado já cit.

2. CESARINO JUNIOR, depoimento gravado já cit.

mostrar muito entusiasmo!".¹

Assim, feita a inscrição, cumpridas as exigências legais, ocorre o concurso; nesse momento, vale a pena transcrever essa passagem da forma como foi contada por ele próprio na autobiografia:

"Naquele tempo (1928) os concursos para o ginásio do Estado constavam de três provas: a) defesa de tese de tema obrigatório, isto é, o mesmo para todos os candidatos, indicado pela congregação do ginásio; b) idem, facultativo, isto é, tema escolhido pelo candidato e c) preleção. O concurso era dirigido por uma banca de cinco professores e todos os professores que houvessem assistido às provas davam notas, apenas devendo orientar-se pelas notas dadas pela banca.

A Tese obrigatória era "Independência do México". Eu escolhi para a facultativa: "A Pré-História". Inscrevemo-nos três candidatos, mas um deles desistiu logo na primeira prova. Ao final desta, como não havia segredo sobre as notas, eu soube que estava em primeiro em relação ao candidato que permanecera no concurso. Na segunda prova, como os professores não faziam segredo sobre as notas, soube haver tido unanimemente a maior nota: 10. Assim, a minha perspectiva era a melhor possível.

1. CESARINO JUNIOR, Depoimento gravado, já cit.

Faltava apenas a aula para qual fora sorteado com antecedência de 24 horas o tema: "Causas e conseqüências da Guerra Européia 1914-18". Como eu me havia inscrito em primeiro lugar, sendo, portanto, o primeiro a prelecionar, pude assistir à preleção do meu concorrente. Em sã consciência, posso afirmar que pelo menos não era nada melhor que a minha. Por isso, ao se publicarem as notas finais fiquei profundamente surpreendido: estando eu em 10. lugar nas 2 primeiras provas, deveria ter tido nota pelo menos igual à do meu adversário, e com isso ganharia o concurso, como era previsão geral e não somente minha. Entretanto, houvera o seguinte: dos cinco membros da banca, cujas notas deveriam servir para orientar a Congregação de professores nas suas, três me haviam dado 10; um me havia dado 9 e o último 6. Pois bem, alguns professores, cujos nomes por motivos óbvios omito, seguiram a nota 6 e com isto eu passei, afinal, a ter a média 9, enquanto meu adversário obtinha 9,3, ganhando assim o concurso. Não preciso referir a minha decepção. Soube depois, inclusive através do próprio Secretário do ginásio, que tudo resultara de um conluio precedente ao concurso e - o que era mais importante - que o candidato, graças a ele vencedor, tinha até mesmo sua inscrição nula, por não ser Bacharel em Ciências e Letras por ginásio

oficial como exigia a lei. Assim, orientado em minha total inexperiência (acabara de me diplomar em Direito, antes de 22 anos) por meu antigo professor Dr. Ernesto Kulmman, grande advogado, recorri do resultado, alegando nulidade, que foi reconhecida pelo Governo. Realizado novo concurso, nele fui vitorioso, embora houvesse dois novos candidatos. E assim permaneci como Lente Catedrático 05 anos no Ginásio do Estado de Campinas, não apenas de História mas também conjuntamente de Geografia, substituindo meu antigo professor Dr. Gustavo Enge, que se aposentara. Realizei assim minha vocação para professor...¹"

A relevância da transcrição dessas palavras, embora longas, está no fato delas estarem em perfeito acordo com as atas da congregação que registraram o fato, mostrando a clareza que o então candidato tinha da situação. Só que, no segundo concurso, existem ainda alguns dados novos: depois da primeira prova, consta uma anotação de que o então diretor, Anibal de Freitas, também presidente da banca examinadora, não mais votaria nas provas desse concurso, apresentando por escrito declaração da justificativa de seu ato, no que foi seguido pelo prof. Paulo Decourt. Este não fazia parte da banca, era apenas o voto da congregação. O documento com essa justificativa não foi

1. CESARINO JUNIOR, 1982. op. cit. pag 13/14.

localizado nos arquivos do estabelecimento, mas comparando com as notas do primeiro concurso, pode-se notar que ambos deram nota 6 (seis), a mais baixa, a Antonio Cesarino, o que faz supor que o sucesso do segundo concurso não os deixava satisfeitos.¹

Na comunicação dos resultados do concurso em que Cesarino obtivera a melhor nota, (85,7) oitenta e cinco inteiros e sete décimos, há a notícia de que os candidatos derrotados interpuseram um recurso contra este resultado;² entretanto, não há registro dos desdobramentos de tal recurso; podemos supor que tenha caído no esquecimento.

Um exame detalhado nas atas das sessões da congregação a respeito do concurso possibilita identificar os membros que reagiram à presença de Cesarino.

No primeiro concurso, a presença de Ernesto Kuhlmann foi de grande importância para a decisão; Camilo Vanzolini e Henrique Vogel também apoiaram. No segundo concurso, Cesarino recebe os mesmos apoios, e contra ele estão Bento Ferraz e o presidente da banca examinadora, o diretor Anibal de Freitas, que se mostrou visivelmente contrariado com a vitória de Cesarino.

Examinando outros concursos, as votações em que esses membros da banca aparecem mostram que o modo como votaram não difere muito dos concursos de Cesarino, sugerindo que havia alguma divisão de forças entre esses membros da congregação e que o concurso servia para medir essas forças. Mas Cesarino reconhece

1. Livro de Atas de Congregação do Colégio Culto à Ciência.
2. Livro de Atas de Congregação do Colégio Culto à Ciência.

em Ernesto Kuhlmann um grande apoio.

Na Monografia Histórica, escrita pelo Prof. Carlos Francisco de Paula, já referida em outro momento, há registros de todos os concursos e nomeações do ginásio, mas não há nenhuma referência aos concursos de Cesarino, nem de sua passagem como aluno brilhante; no entanto, até 1915 há notícias do nome de todos os formandos. Seu nome aparece, apenas, numa relação final, onde são citados nomes de alguns ex-alunos que se destacaram em suas profissões.

Tal fato é compreensível, uma vez que o autor da monografia estava entre os professores membros da congregação que haviam dado nota baixa para Cesarino no concurso. E, mais uma vez, praticada uma violência simbólica através daquilo que não é dito. A omissão se agrava quando são citados nomes de professores inexpressivos que trabalharam por alguns meses no Ginásio. Verifica-se a discriminação pelo fato do autor ignorar por completo a passagem de Cesarino como professor pelo Culto à Ciência.

Dois meses depois dos registros referentes ao concurso, em 21 de setembro, há a portaria de nomeação do Sr.Dr. Antonio Ferreira Cesarino Júnior como lente catedrático da 6a. cadeira de História Universal, data em que tomou posse, prestou compromisso e entrou em exercício no referido cargo, realizando o sonho de dois Antonios: pai e o bisavô.

Ainda nessa data, pai e filho voltam a fazer juntos o antigo percurso até o Ginásio descrito no Primeiro dia de Aula. O bedel, agora cheio de orgulho, leva o professor, lente de

Historia Universal, para seu primeiro dia de aula. Na chegada, o novo professor foi saudado, como era de praxe, por ninguém menos que o próprio Carlos Francisco de Paula, que já havia demonstrado claramente que não concordava com a situação. Mas havia sido indicado para tal tarefa pela congregação. O jovem Cesarino havia sido aluno seu e agora se tornara colega!

Com relação ao pai, as pressões reacenderam-se:

_"Você não tem vergonha de ser bedel de seu filho?,

Ao que o bedel novamente responde:

Durante a tomada de seu depoimento, quando indagado sobre o concurso, Cesarino declarou que Nelson Omega, o candidato que venceu o primeiro concurso, venceu por que tinha uma "entourage" e era branco; tudo isso influenciou, só que lhe faltava o título.

Ainda segundo seu depoimento:

"O Ginásio do Estado era selecionado. Quando entrei, encontrei muita oposição, não só durante o concurso como depois de empossado, nomeado. Havia alguns que me olhavam atravessado - pela cor também, é claro. O Paulo Decourt é um que nunca me aceitou!"¹

Depois de tudo isso, o Prof. Cesarino Júnior lança-se ao trabalho, e continua a incomodar, na medida em que considera o ensino de história desvinculado da realidade do aluno, e propõe algumas inovações, fazendo seminários, propondo pesquisas,

1.CESARINO JUNIOR, Depoimento gravado, op. cit.

criando uma sala-ambiente onde havia uma galeria de mapas e figuras históricas estudadas, acabando por escrever um livro: História da Civilização.

O trabalho sério e inovador parecia não agradar a alguns. Na entrevista, o Prof. Cesarino declara que "há gente que não gosta de tudo que é inovação"¹; isso colaborava para desagradar seus opositores, uma vez que era considerado um inovador.

Professor rigoroso em sala de aula, enérgico com a cobrança a respeito das aulas dadas, amigo dos alunos fora da escola, conta que a mãe ficava entusiasmada com a visita dos alunos do filho em sua casa.

Cesarino ainda chega a ministrar aulas de Geografia e Cosmografia, fato para o qual alguns depoimentos de ex-alunos parecem desfavoráveis, achando que ele deveria ter ficado apenas com as aulas de História Universal.

Em seu depoimento, Cesarino declara:

"Para mim, o Culto à Ciência representa tudo: foi a base de minha carreira, tem valor sentimental e tem valor histórico"².

1. CESARINO JUNIOR, Depoimento gravado, op. cit.

2. CESARINO JUNIOR, Depoimento gravado, op.cit.

Novamente em São Paulo,

De volta para a capital, declara ele:

"Eu sempre penso para mim mesmo:

_ Você veio do nada, de modo que qualquer coisa que tenha está bem, contanto que você não se contente só com essa coisa. Você deve procurar

melhorar.

Levei esse pensamento de tal maneira a sério que me elevei a uma posição mundial!¹"

Cesarino demonstrava com isso que estava realmente decidido a proceder à estratégia de reconversão e realizar o empreendimento da família iniciado quando ele ainda era criança.

Assim, determinado a seguir em frente, consegue uma nomeação para o Ginásio do Estado da Capital, o Presidente Roosevelt.

De volta a São Paulo, agora em melhores condições, carregando na bagagem, além dos sonhos, uma família, o pai e a mãe. Estava satisfeito de poder dar-lhes algum conforto.

Nesse momento, já havia começado em sua trajetória um processo de transformação de todo capital cultural investido, em capital econômico.

Nessa outra realidade, agora como lente do Ginásio do Estado da Capital, volta para a Faculdade de Direito, para, nos anos de 1933 e 34, fazer o curso de Doutorado, agora em condições de se dedicar aos estudos, cumprindo todas as exigências, assistindo às aulas e fazendo amigos.

Em toda sua história, é primeira referência a amigos como realmente seus. A palavra amigo, até então, aparecia para designar os amigos do pai, que, de algum modo, foram importantes para ele, e os professores que, uma vez conquistados, "ficaram amigos", mas mantiveram sempre considerável distância

1.CESARINO JUNIOR, Depoimento gravado já cit.

estratégica.

Agora ele fala em amigos e admira a amizade!

Consegue uma consolidação de seu capital social,¹
importante para o sucesso de sua trajetória.

Cesarino volta a referir que passa a conviver outra vez com os filhos da oligarquia, seus amigos do doutorado são apenas três, mas são muito unidos: Ruy de Azevedo Sodré, Ernesto Mendonça Borges e Nicolau Naza. E considera que o doutorado serviu para reaproximá-lo da Faculdade de Direito, e despertar nele e nos amigos o desejo de conquistarem aí uma cátedra, o "velocino de ouro" (Toison d'or)² da Academia.

Terminado o curso de doutorado, cada um dos amigos tratou de fazer uma tese e publicá-la. A de Cesarino, "Sociedades Anônimas Estrangeiras", foi publicada em 1934 pela Saraiva & Cia. Mas, em lugar de defendê-la, cada um fez outra para concurso de livre-docência, para o qual se exigia concurso de provas e títulos, como é atualmente. Cesarino escreveu sobre "O regime das Sociedades Anônimas no Brasil e sua evolução histórica", publicada pela mesma editora que publicou o livro anterior em 1935. Tanto ele como os companheiros que prestaram o concurso

1. Segundo Bourdieu, em *Les Sens Pratique*, já cit., "Capital social é o conjunto de recursos atuais ou potenciais ligados à posse de uma rede durável de relações mais ou menos institucionalizadas de conhecimento ou inter-reconhecimento."

2. CESARINO JUNIOR, 1982 já cit pag. 14. Cesarino abre o capítulo referente à Faculdade de Direito com o título: VELOCINO DE OURO (Toison d'or), Cesarino explica em referência tirada da Enciclopédia e Dicionário Internacional: Em literatura o tosão de ouro symbolisa um thesouro precioso entre todos, trazido de um país longinquo à custa de mil perigos e sacrificios.

foram reprovados, o que desestimulou o estudo e tornou mais distante o sonho de ser professor da Faculdade de Direito.

Na saída da prova oral, o mais ilustre professor da congregação, Antonio Sampaio Dória, pos a mão sobre o ombro de Cesarino e disse: "Você sabe mais história do Direito Nacional que todos nós juntos. Você vai lecionar no Colégio Rio Branco", onde o professor era diretor-proprietário, o que aconteceu durante um ano.

Abalados com a reprovação no concurso de livre-docência, os três amigos decidiram organizar uma nova Faculdade de Direito: A Faculdade Católica de Direito. Tudo estava sendo providenciado, juntamente com o arcebispo de São Paulo, D. José Gaspar de Afonseca e Silva, que falece, vítima de um acidente aéreo, quando ia ao Rio de Janeiro tratar de assunto da fundação da Faculdade.

Entretanto, a Faculdade sonhada pelos três amigos acabou sendo fundada como Faculdade Paulista de Direito (que posteriormente passou a fazer parte da Pontificia Universidade Católica de São Paulo), por pessoas ligadas ao novo arcebispo Dom Carlos Carmelo de Vasconcelos Mota. Foi convidado para participar do corpo docente apenas Ruy de Azevedo Sodré, que, embora tendo o grande sonho de dar aulas de Direito, recusa o convite por não ter sido extensivo aos demais colegas. Cesarino, no entanto, acaba por convencê-lo a aceitar sozinho e considera essa atitude como prova de fraterna amizade.¹

1. CESARINO JUNIOR, 1982. op. cit. pag 16.

A verdade é que, durante o doutorado, procurou estudar Direito Comercial, possivelmente por achar que com isso conseguiria ganhar dinheiro, e durante esse tempo procurou se especializar nessa área, publicando livros e artigos em revistas especializadas. No entanto, ele tinha claro que esse ramo não abriria nenhuma perspectiva para ingressar como professor da Faculdade. Ser professor parecia ser mais importante que a carreira de advogado: era o que restava de seu sonho!

Quando, em 1937, a Faculdade de Direito, que era Federal, passa a fazer parte da Universidade de São Paulo, a partir do projeto de lei n. 3.023, de 15 de julho desse ano, assinado pelo então deputado Pinto Antunes, ex-colega de turma de Antonio Cesarino, há uma mudança e é incluída a cadeira de Legislação Social, para a qual foi aberto concurso.¹

Cesarino Júnior vê diante de seus olhos a possibilidade de concretizar o sonho de dar aulas na Universidade. Como já havia publicado trabalho sobre a "Demissão de Ferroviários", no tempo que advogava em Campinas, em defesa dos trabalhadores das companhias Paulista e Mogiana, utiliza essa experiência e se inscreve em mais esse concurso.²

Nesse momento, pode-se considerar, como Maria Helena Trigo, que

"a hierarquização dos grupos no espaço social se faz pela avaliação do volume de capital global e

1. RIBEIRO DA SILVA, 1928. pag. 22.

2. CESARINO JUNIOR, 1982. op. cit. pag.16.

pela espécie de capital que possuem”.

Para Cesarino, estava ocorrendo um deslocamento vertical, quer dizer, dentro do mesmo campo, em que

“o indivíduo passa de professor secundário a professor universitário, consolidando a reconversão”².

Essa reconversão, como foi visto pelo modo obstinado com que ele se entrega “a procurar melhorar”, era claramente deliberada, fazia parte de seu projeto desde o início da história. Até mesmo sem considerar as escolhas, uma vez que sempre acontece uma adaptação de sua vontade às novas possibilidades, ele já estava acostumado a abrir mão dos sonhos.

Dessa forma, Cesarino parte para mais um concurso, e esse especificamente concorrido: eram nove candidatos no início, restando apenas três na prova final: José Papaterra Limogi, Teotônio Monteiro de Barros Filho e Antonio Cesarino Júnior, tendo ocorrido um empate entre os dois últimos.

De acordo com o regulamento da Faculdade de Direito, o desempate deveria ser feito a favor do candidato com a maior média geral, que era Cesarino. Mas Vicente Rao, membro da banca examinadora, exigiu que se aplicasse uma lei federal, segundo a qual o desempate se deveria fazer por votação de todos os professores da faculdade presentes à sessão da congregação que deveria apreciar o processo do concurso. Ai, Cesarino recebeu

1. TRIGO, 1989. op. cit. pag 15.

2. TRIGO, 1989. op. cit. pag.18.

treze dos dezesseis votos dos membros presentes a reunião.

Mais uma vez, Cesarino vence o concurso, mas não sem uma contestação. Vicente Rao queria excluí-lo, alegando que sua tese "Natureza Jurídica do Contrato de Trabalho" era estranha à disciplina em concurso: Legislação Social. Do mesmo modo como em sua trajetória sempre há descontentes, também aparece alguém em sua defesa; dessa vez, foi o mineiro Carlos de Campos.¹

Em depoimento gravado por sua assistente, Cesarino Júnior declara reconhecer a má-fé de Vicente Rao, uma vez que estava protegendo abertamente o outro candidato. Durante esse concurso, ele recebe em sua casa a visita de Prof. Jorge Americano, que lhe diz que ia indo muito bem e deveria continuar assim, demonstrando-lhe solidariedade no concurso.²

Assim, Cesarino, que dizia, em tom de brincadeira, que desejava ser professor de Direito dos ricos _ Direito Comercial, _ acabou sendo professor de Direito dos pobres _ Direito Social.

Todas as escolhas e sonhos foram sempre sendo adaptados as situações e as concessões foram sendo feitas para que a estratégia de reconversão se realizasse definitivamente. O que não significou o fim das dificuldades e dos desencantos.

Segundo depoimento de seu irmão, João Clímaco, a aprovação nesse concurso deveu-se ao fato de Cesarino ter podido estudar questões de Direito do Trabalho e Legislação Trabalhista na "Carta Del Lavoro" que seu sogro havia recebido da Itália, e

1. CESARINO JÚNIOR, 1982. op. cit. pag 20.

2. CESARINO JÚNIOR, depoimento gravado op. cit.

como a cadeira de Direito Social estava ligada às propostas trabalhistas de Getúlio Vargas, extraídas do documento italiano, ele se achava em condições de discutir a respeito daquilo que fundamentava a criação da cadeira inaugurada.¹

1. Depoimento gravado op. cit.

O Homem

"Não subi muito alto, mas vim de muito longe".

Essas palavras são de Humberto de Campos e é com elas que Cesarino abre a Introdução do livro de memórias que estava escrevendo¹. Seus ex-alunos, que deram depoimentos para esse trabalho, contam que era uma frase frequentemente repetida em suas aulas.

Ao repetir essa frase, ele procurava justificar sua trajetória, ao mesmo tempo que reafirmava o próprio título da autobiografia, Memórias de um pajem, para explicar melhor o sentido que queria dar. Escreve uma nota ao pé da página, onde

1. O original datilografado das memórias anuncia no índice mais dois capítulos que não chegaram a ser escritos, um intitulado Memórias de um Pajem, que propunha estudar o Professor, o Jornalista, o Advogado, o Escritor, o Médico e o Homem. E o outro capítulo seria a Bibliografia do Biografado.

transcreve o verbete **pajem** de dicionários: "Na Idade Média, mancebo da nobreza que acompanhava um príncipe, um fidalgo ou uma dama, para prestar-lhes certos serviços e iniciar-se na carreira das armas (Enciclopédia Britânica do Brasil, 1976. pag 1262); PAJEM, mancebo que acompanhava o rei ou pessoa nobre e que na guerra levava a espada, a lança e o escudo". (Caldas Aulete, 1958 pag.3659). Com tudo isso, ainda explica:

"Atualmente com quase 80 anos, exerci, muitas vezes simultaneamente, as profissões de Professor, Advogado, Jornalista, Escritor e Médico e daqui a denominação deste livro biográfico: MEMORIAS DE UM PAJEM. Como se verá no prosseguimento, tendo em vista a abolição dos títulos de nobreza, não fica mal a denominação de "pajem" para um moço, embora plebeu, que durante toda a sua vida, procurou¹ aperfeiçoar-se em sua carreira intelectual."

Cesarino JÚnior sempre demonstrou extremo rigor em todas as atividades desempenhadas. A comprovação disso está no depoimento dos alunos, tanto daqueles que o admiravam quanto dos que não gostavam dele. Ele próprio chega a admitir que era muito rigoroso. Sua trajetória demonstra ainda que esse rigor não era apenas em relação às outras pessoas, os depoimentos de sua retirada da vida pública demonstram o quão rigoroso era para com ele próprio. Mais que isso, algumas passagens em sua história dão conta da extrema dificuldade que enfrentava em função desse

1. CESARINO JUNIOR, 1982. op. cit. pag.2.

rigor.

Conta ele que certa vez, já advogado e professor na Universidade, foi procurado para uma consulta jurídica pelo filho de um médico de Campinas que havia sido patrão de seu pai. A família havia morado nos fundos do consultório, como caseiros, quer dizer, o médico conhecia sua condição de pobreza. O pai, muito humilhado, havia procurado o médico para uma consulta sobre seus olhos. Esse médico cobrava dez mil réis pelas consultas necessárias, seu pai disse que só dispunha de cinco mil réis. O médico se recusou a atendê-lo. Entretanto, quando a situação se inverteu e o filho do médico veio procurá-lo, ele, que já cobrava preço elevado pela consulta, nada cobrou.

Noutra ocasião, já em São Paulo, quando precisou de ortopedista para o filho que havia quebrado a perna, foi-lhe exigido dinheiro adiantado para que o menino fosse atendido. O mesmo se repetiu em ocasião mais grave, em que seu pai e sua mãe foram atropelados por um ônibus, e foram levados para a mesma clínica. Outra vez, foi exigido um pagamento adiantado muito superior às suas possibilidades. Ele conta:

Salvou-me a lembrança de que há poucos dias eu havia terminado a redação de um livro... levado ao livreiro Saraiva... para a edição. Ele me ofereceu três contos de réis. Achando pequena a oferta, não concluímos o negócio, pois eu queria oito contos de réis pelos direitos autorais. Voltei com os originais. Mas na ocorrência desse tremendo desastre, deles me lembrei e os levei de novo ao

Conselheiro Saraiva, dizendo que aceitava os três contos de réis...expliquei-lhe a urgência do dinheiro. Cavalheiro, como sempre foi o livreiro, ...foi ao caixa e me entregou os tres contos de réis dizendo: _ Não faço negócio com o senhor agora, quando passar sua aflição conversaremos.

O pai de Cesarino faleceu no dia seguinte, e sua mãe ainda ficou um mês no hospital. Depois de passado o trauma, Cesarino volta ao livreiro, entrega os originais e nada exigiu a mais, agradecendo muito a generosidade do livreiro.

Continua ele:

Alguns anos depois, este ortopedista resolveu liquidar sua clínica e foi consultar-me para expor-me o plano de liquidação dos direitos dos empregados. Examinei-o e verifiquei que ele iria pagar, sem a isso estar obrigado, vultuosa importância. Agradeceu-me muito a enorme economia que ia fazer, perguntou-me o preço pelo serviço. Respondi que nada me devia. Não mereço elogio por isso. Talvez tenha sido essa uma forma muito íntima de vingar-me...

preservar o auto-respeito era uma forma ética, aparentando uma grandeza, que nem sempre é percebida pelos outros, mesmo contendo

1. CESARINO JUNIOR, 1982. op. cit. pag. 18a.

um sentimento de vingança.

O PROFESSOR CESARINO

"...se ele tivesse sido uma pessoa subalterna não teria tido problemas..." M.A. Cardone

Na Faculdade de Direito, Cesarino é nomeado em 7 de novembro de 1938 e, a 12 do mesmo mês, em sessão solene da congregação, enverga toga e recebe a saudação do Prof. Spencer Vempré, então diretor da Faculdade. Toma posse na cátedra de Direito Social.¹ Com isso, realiza de fato seu sonho: ser professor!

Todos os depoimentos e declarações a respeito de Cesarino Júnior como professor são unânimes em afirmar sua competência .

Em sua autobiografia, Cesarino, para confirmar sua vocação para o magistério, cita três ocasiões em que foi abordado

1. Depoimento gravado op. cit.

por antigos alunos que afirmam ter sido ele "o professor mais professor que conheciam"; a observação foi feita por Antonio Ulhoa Cintra, então reitor da Universidade de São Paulo, por Esther de Figueredo Ferraz, ex-ministra da educação, na ocasião reitora da Universidade Mackenzie e, mais tarde, por Geraldo de Ataliba Nogueira, então reitor da Pontificia Universidade Católica de São Paulo.¹

Alguns depoimentos, no entanto, dão conta de opiniões divergentes, em relação às cobranças e exigências e ao modo como ele avaliava o aproveitamento dos alunos.

Há mesmo uma notícia de um aluno que só termina o curso de Direito depois da aposentadoria do Professor Cesarino, uma vez que se negou a continuar a "ser perseguido por ele", levando assim dez anos para concluí-lo.²

Há ainda o depoimento de outro aluno, que guarda do professor Cesarino a lembrança de um mestre autoritário e repressor, extremamente rigoroso, de um rigor fora da realidade, e que muitas vezes formulava uma opinião a respeito do aluno a partir de suas atividades fora da escola e deixava que isso interferisse na relação professor/aluno de tal forma que acabava por prejudicar o curso. Esse depoimento é carregado de referências a problemas desencadeados pela questão racial. No caso, esse aluno, especialmente, acabou por abandonar a

1. CESARINO JUNIOR, 1982. op. cit. pag 13 a.

2. Diário da Noite 26 de março de 1975.

pretendida carreira no Direito.

É interessante notar que, nos depoimentos de alunos que não fazem nenhuma restrição ao mestre, não aparece nenhuma referência à questão racial. O respeito e a admiração acabaram branqueando a imagem construída. No entanto, nos depoimentos daqueles alunos que guardam algum tipo de ressentimento em relação a ele, sempre aparecem referências a brincadeiras relacionadas com sua condição de negro, e, nesse caso, são brincadeiras em tom ofensivo, atribuindo seus excessos ao "complexo de negro" ou à "vontade de ser branco".

Em depoimento, declara um aluno:

"Ele sempre foi duro, com aquela imagem de monstro, de grande homem! Estávamos acostumados a grandes homens, tínhamos grande respeitabilidade em relação ao corpo docente. Ele era um homem que fazia valer sua autoridade de catedrático.

Dentro da sala de aula, as aulas eram excelentes! Eu o chamaria de contraditório. A contradição em relação à pessoa dele. Por que em aula ele era sensacional! Aula agradabilíssima, objetiva, excelentes, a parte teórica, a parte prática, ele era muito ativo. Exigia dos alunos participação e tudo bem. Mas nas provas é que ele era um terror! Naquela época tínhamos exames orais, e é no exame

1. Depoimento gravado Renato Consorte, ex-aluno.

oral que ele se comportava de maneira contraditória. Porque sentávamos muito distantes, havia o famoso tablado com a mesa acima do nível, como no sistema clássico. Ele fazia a coisa mais solene!

Mas o pavor que tínhamos era de decorar o pensamento dele. Nos assuntos de direito do trabalho, principalmente definições, porque era tão injusto tirar zero quanto tirar dez. Aí ele era imponente, arbitrário e subjetivo.”¹

Parece que Cesarino era o grande terror do exame oral, há uma referência em uma crônica denominada "O Blefe na prova oral das arcadas" que narra:

" Como professor, Cesarino Júnior pontificou pela proficiência e pela eficiência. Como examinador, pelo rigor e pela inflexibilidade. Segunda época era regra, para alunos menos aplicados.

Conta a tradição acadêmica que, chegada a ora e a vez do futuro comediante, Cesarino, como de hábito, ofereceu-lhe o tão temido maço de fichas (para o sorteio de pontos). Com rapidez e destreza, de que só são capazes os melhores jogadores de cartas, embaralhou-as, todas, devolvendo-as ao catedrático intactas. E, num refinadíssimo jeu d' esprit que

1. Depoimento gravado Dr. Heitor Regina, ex-aluno.

lhe valeu a aprovação, disse, candidamente: "Agora
1
o senhor corta!!"

Na Faculdade de Direito do Largo de São Francisco, tal como já havia feito no Colégio Culto à Ciência de Campinas, Cesarino considerava o curso de Direito desvinculado da realidade do aluno, segundo palavras de sua autobiografia:

..." o sistema vigente de ensino jurídico era... exclusivamente teórico, palavroso, sem nenhuma participação do aluno, mero ouvinte de preleções e mero repetidor de suas frases por ocasião dos exames. Nenhuma preocupação com a realidade. A ele se poderia aplicar a frase:" Se a realidade contraria minhas teorias, tanto pior para a
2
realidade!"

Assim, quando assumiu a cátedra de Legislação Social, ainda de acordo com suas memórias, decidiu mudar essa situação, procurando colocar os alunos em contato com a realidade, fazendo ver que o direito vivia nas fábricas, nas administrações públicas e nos tribunais. Instituiu visitas a esses locais, onde os alunos elaboravam questionários e apresentavam relatórios." Das três aulas semanais, só a primeira era preleção teórica, as outras

1. Essa crônica foi enviada a mim sem o nome do jornal onde foi publicada, consta apenas referência ao nome da coluna: Fora dos Autos, datada de 9 de junho de 1991 e do autor, Carlos Alberto Marchi de Queiroz, que é delegado de polícia em São Paulo, no início do trabalho, faz referência ao Culto à Ciência e à cor do bedel, pai de Cesarino Júnior.

2.CESARINO JUNIOR, 1982, já cit. pag. 22.

duas eram exames de casos de jurisprudência e de exposições feitas pelos alunos, seguidas de debates. Tudo consta do livro "Reforma Universitária".

Há uma interessante referência na seção do "Correio Popular", jornal de Campinas, intitulada: "Correio há Cinquenta anos", que noticia que a 17 de junho de 1942, uma sexta feira:

"Está sendo esperada para hoje nesta cidade, uma caravana de estudantes chefiada pelo Dr. Antonio Cesarino Júnior, lente da Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo. Os excursionistas devem visitar o Museu de História Natural e o Parque Infantil da Praça Imprensa Fluminense".¹

Essa notícia vem reforçar as informações a respeito do modo como Cesarino se relacionava com os alunos: ele pretendia que o Direito não ficasse restrito às aulas e, sim, ultrapassasse os muros da Faculdade.

Dentro do mesmo espírito, Cesarino também instituiu Seminários de Legislação Social, que acabaram se tornando célebres. Para isso, solicitou uma sala na Faculdade de Direito e não foi atendido; alugou, por sua própria conta, uma sala, pagando do próprio bolso um aluno para ser secretário, e manteve uma biblioteca especializada, onde dava aulas fora do horário curricular. Os trabalhos aí realizados foram publicados pela

1. Correio Popular 17 de julho de 1942. É interessante notar que na hemeroteca do Prof. Cesarino consta um recorte do jornal correspondente 50 anos antes.

Imprensa Oficial do Estado, com o título de "Seminários de Legislação Social", onde foram noticiados os relatórios das visitas que os estudantes faziam para conhecer de perto os problemas ligados aos assuntos estudados.

Mais tarde, por compreensão do diretor, então Prof. Sebastião Soares de Faria, conseguiu, primeiro, um armário onde podia guardar os trabalhos e, depois, uma sala convenientemente mobiliada, que se transformou no Departamento de Direito do Trabalho, sistema posteriormente estendido às demais disciplinas e que levou a Faculdade de Direito a criar o Conselho Departamental, cujo Regimento interno foi criado pelo professor Cesarino.¹

Vê-se, pois, que todas as atividades desenvolvidas por ele acabaram por distingui-lo dos demais docentes, o que, por vezes, agradava a alguns, pois recebia alguns apoios, mas em geral desagradava a outros, pois, segundo palavras de seu depoimento,

" as inovações muitas vezes podem incomodar aqueles que temem mudanças".

E as dificuldades encontradas para conseguir realizar as mudanças aparentemente simples confirmam essa afirmação.

As programações do Professor Cesarino para o Seminário assumiram tal importância que eram frequentemente noticiadas pelos jornais da época. A Folha da Manhã publica a notícia da visita de acadêmicos de Direito ao Conselho Regional do Trabalho,

1. CESARINO JUNIOR, 1982. op. cit. pag 23.

para assistirem à instauração de inquéritos administrativos. Na ocasião, eram feitos discursos pelos alunos, acentuando a importância desse tipo de trabalho.¹

Foram muitas as atividades desenvolvidas por Cesarino Júnior enquanto professor de Direito Social.

Entre as que ele considerava especiais, está uma série de conferências proferidas por ele, sobre o "Novo Direito", durante todo o ano de 1939, por solicitação do presidente do Centro Acadêmico XI de Agosto, Samuel Swartzman. Essa atividade teve como assíduos assistentes o dr. Roberto Simonsen, Presidente da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo, e o Dr. Gofredo da Silva Teles, que havia sido prefeito de São Paulo. Esse evento foi importante porque aproximou-o de Roberto Simonsen, com quem desenvolveu importantes relações de amizade. Mais tarde, Cesarino tornou-se consultor jurídico da Federação das Indústrias e elaborou o anteprojeto que criou o Serviço Social da Indústria _SESI_, onde organizou e dirigiu cursos populares.²

Essa atividade assume grande importância para Cesarino, pois possibilitou a realização de um trabalho importante, ao qual ele se refere com muito orgulho, e permitiu estabelecer uma rede de relações que vai facilitar o desenvolvimento de suas atividades futuras.

Em 1960, Cesarino Júnior defende uma tese para a

-
1. Folha da Manhã 16 de Outubro de 1953.
 2. CESARINO JUNIOR, 1982. op. cit. pag. 21.

cátedra de Instituições de Direito Social, para a Faculdade de Ciências Econômicas e Administrativas da U.S.P., com a tese " Seguro Maternidade em Direito Comparado - O Pagamento do valor dos salários pagos pelo empregador, não pelo seguro social". Mas o surpreendente do noticiário da época foi o fato de ter o candidato à cátedra levado para o exame três malas com livros de legislação, revistas e documentos para serem consultados durante o concurso.¹

Esse sucesso também foi muito noticiado pela imprensa e o novo catedrático foi homenageado pelos amigos e colegas de trabalho, com um jantar no Automóvel Clube de São Paulo.

Logo depois de mais essa conquista, Cesarino, duas vezes catedrático, é convidado para participar de uma mesa redonda promovida pelos estudantes da U.N.E. de São Paulo, para discutir a questão da vitaliciedade da cátedra. Ele manifesta que

"admite a existência de catedráticos em minoria, que 'descansam sobre os louros' imprescindível para a manutenção da liberdade da Universidade... cursos paralelos seriam dados por professores livre-docentes".²

Mesmo tendo assumido posições avançadas e inovadoras

1. Folha de São Paulo de 21 de Dezembro de 1960.

2. Estado de São Paulo de 2 de maio de 1961. Na mesma mesa redonda há a participação de Florestan Fernandes e de Fernando Henrique Cardoso, que são abertamente contra as cátedras.

no decorrer de sua carreira, é possível entender que tenha manifestado resistência a essa mudança, pois tratava-se da luta de toda uma vida, tratava-se de sua vez de "descansar sobre os louros", é uma das raras ocasiões em que em suas opiniões prevalecem interesses pessoais. O que não pretende justificar, mas compreender sua atitude.

O exercício de suas duas cátedras (de Direito e de Economia) foi desenvolvido simultaneamente. Em ambas, como foi visto, imprimiu uma nova postura para o ensino, aliada ao rigor nas cobranças aos alunos. Mas a atitude de independência que sempre pretendeu manter parece ter sido a causa de seus problemas na Faculdade de Direito.

Conta sua assistente:

" Alguns alunos usavam a condição racial do Professor Cesarino para dizer que ele era rígido porque tinha necessidade de auto-afirmação por causa da condição racial" ¹ .

As razões dos problemas enfrentados nunca pareceram muito nítidas. A verdade é que, apesar do brilhantismo de sua carreira, teve que enfrentar situações traumáticas.

Ainda de acordo com o depoimento de sua assistente:

" Havia, na Faculdade, grupos que organizavam desordens durante as aulas. Eu me lembro que num 13

1. Depoimento da Dra. Marli Cardone, gravado por mim em 1992.

de maio, quando era diretor Pinto Antunes, os alunos ficaram batucando no Largo Sao Francisco, falando da escravatura e diziam coisas ofensivas, como 'por causa da abolição da escravatura a gente é obrigado a aturar professor como Cesarino!' Aí o professor me mandou pedir providências para o diretor, porque ele não podia dar aula. O diretor respondeu que não desgastaria a autoridade dele enfrentando alunos. E nada foi feito.

E continua, no mesmo depoimento:

Apesar de todo o sucesso de sua carreira, o Professor não tinha superado a questão de sua cor. Sempre que se falava a respeito ele ficava muito sensibilizado.

A turma de 1954 tinha escolhido Alfredo Buzaid para paraninfo da formatura. Ele era livre-docente; a congregação parece que temia o prestígio dos livres-docentes e impediu Buzaid de ser paraninfo. A turma, então, escolheu Cesarino. Muitos anos depois, eu me encontrei com um advogado formado nessa turma, que disse: 'Pois é, nós não conseguimos o turco. Em compensação, pusemos um negro para agredir'.

Eu cometi o desatino de contar isso ao Professor e ele tomou como ofensa.

Depois, o ex-aluno concordou comigo que a troca foi

muito melhor, pelo que ambos fizeram ao Brasil!"¹

E interessante notar como a atitude dos alunos, que no momento da irreverência procura nivelar ambos, Buzaid e Cesarino, pelo estigma de cada um, um turco, outro negro.

Quando Cesarino Júnior, em sua autobiografia, abre o capítulo a respeito do Direito do Trabalho, refere-se à formatura da turma de 1954, dizendo:

" Acabada a cerimônia, passava eu pela sala dos professores quando ouvi alguém não identificado passar por mim dizendo: 'Ruy Barbosa proferiu a Oração dos Moços, o Cesarino acaba de pronunciar a Oração dos Velhos.' O motivo de tão honrosa comparação foi certamente o fato de meu discurso, que intitulei " A função Social do Jurista e a reforma do Ensino de Direito" , ser uma crítica severa aos velhos sistemas de ensino jurídico, que, como 'leit motiv' de minha vida de professor de Direito, sempre propus modificar, conseguindo-o no Direito Social nos 38 anos em que lecionei na Faculdade de Direito".²

Verificando a documentação a respeito da cerimônia de

1. Depoimento da Dra. Marli Cardone já cit.

2. CESARINO JUNIOR, 1982. op. cit. pag. 21.

formatura dessa turma, foram encontradas várias edições de jornais com a publicação do discurso proferido por Cesarino Júnior, na íntegra, além de comentários sobre os aplausos e as repercussões.

O Jornal "O XI de Agosto", Órgão Oficial do Centro Acadêmico, abre a notícia sobre a formatura acentuando o

"arrojado discurso do paraninfo, Prof. Cesarino Júnior",

e acrescenta, no corpo da notícia:

"Pronunciou o professor Cesarino Júnior uma oração que, sem impropriedade, bem merece a classificação de arrojada. Sendo um velho batalhador pela reforma das diretrizes que norteiam o ensino jurídico entre nós, constituiu-se o seu discurso num corajoso ataque aos tradicionalismos que, ao seu ver, prendem o ensino do Direito a moldes obsoletos. Considera o professor Cesarino Jr., imprescindível a modificação do curriculum, dos programas, bem como os vestibulares... Ao finalizar sua oração, foi entusiasticamente aplaudido, não tanto em sinal de aprovação às idéias expostas, mas, sobretudo, pelo desassombro com que condenou muitas práticas,¹ vigentes na própria Faculdade de Direito".

Vê-se pois que, tal como em outros espaços, também na

1. "O XI de Agosto" 31 de Janeiro de 1955.

Faculdade de Direito as atitudes agressivas para com o Prof. Cesarino variavam entre formas ora mais, ora menos explícitas. No discurso de sua assistente,¹ por exemplo, as dificuldades eram decorrentes das posturas assumidas por ele, pela rigidez das atitudes e as referências a respeito de questões raciais nunca aparecem como causa dos problemas. Mesmo as questões que eram simples transformaram-se em problemas que foram definitivos para o rumo de suas vidas, a dele e a da assistente.

As aulas do professor Cesarino eram dadas com o auxílio da assistente, que colaborava na elaboração de seminários preparados e apresentados pelos alunos. Certa ocasião, os alunos encarregados de um seminário não haviam chegado no horário. Fechada a porta da sala de aulas, o professor Cesarino inicia a explicação do assunto que deveria ter sido tratado pelos estudantes, quando é interrompido por fortes batidas na porta; eram os alunos atrasados, que haviam ficado presos em aula de outro professor, o mesmo Pinto Antunes, diretor que havia se negado a tomar providências no incidente narrado anteriormente. Esse fato poderia ter sido resolvido de modo simples, uma vez que, pelas regras estabelecidas pela disciplina, era permitido que eles discutissem as questões do seminário com a assistente para obterem a avaliação. No entanto, a insistência desses alunos para entrar na aula e a insistência do professor para não deixar entrar, acabou desencadeando uma série de movimentos por parte dos estudantes, o que criou uma

1. Depoimento de dra. Marli Cardone op. cit.

situação tal que o diretor pediu que ambos, professor e assistente, deixassem as aulas por falta de condições, uma vez que os alunos se negavam a entrar em sala para assisti-las.

Assim, ambos deixaram a Faculdade de Direito; a assistente fez uma viagem e, quando voltou, passou a trabalhar como advogada, e o professor Cesarino manteve-se como professor na Faculdade de Economia.

O abalo que isso causou em sua pessoa deve ter sido muito grande, uma vez que em nenhum momento de seu depoimento chega a tocar nessa questão. E ele não se negava a falar a respeito de assuntos desagradáveis. Mas a questão teve grandes repercussões, pois em seu arquivo existe grande quantidade de correspondência, cartas, telegramas e cartões, com manifestações de solidariedade.

Muitos depoimentos colhidos de pessoas ligadas de alguma forma à Faculdade de Direito dão conta de que havia uma perseguição muito bem articulada contra o professor Cesarino, e a questão racial frequentemente era referida como causa do problema.

Mesmo depois de ter saído da Faculdade de Direito, Cesarino continuou lecionando na Faculdade de Economia da USP até a aposentadoria compulsória, aos setenta anos, e na Faculdade de Medicina da Pontifícia Universidade Católica, em Sorocaba, mesmo depois dos setenta anos, pois considerava que uma Instituição privada não estava obrigada a cumprir o dispositivo legal referente à aposentadoria compulsória. Aí também os depoimentos se referem à integridade mantida na condução de seu

trabalho.

Durante o pouco tempo (três anos) que lecionou na Faculdade de Direito da Universidade Católica de Campinas, viajava ele uma vez por semana para atender ao pedido de seu diretor Monsenhor Salim, que via em Cesarino Junior um dos nomes mais importantes para formar a primeira turma daquela faculdade. Aí, do mesmo modo como já foi mencionado em outros depoimentos, as demais referências são unânimes em atestar o brilhantismo com que desempenhou sua tarefa.

Embora tendo enfrentado problemas e aborrecimentos na Faculdade de Direito do Largo de São Francisco, o professor Cesarino também teve muitos reconhecimentos por seu trabalho, como fica atestado através das inúmeras homenagens que recebe, como a que é narrada em uma notícia da Gazeta de 24 de Agosto de 1950, que, sob o título "Homenagem", conta um encontro, quando foi entregue ao Professor Cesarino uma salva de prata com expressiva dedicatória pela atuação do professor na Conferência Internacional do Trabalho, em Genebra. Na ocasião, alguns acadêmicos usaram a palavra e, depois de agradecer, o professor Cesarino convidou a todos para um lanche, seguindo-se uma "brincadeira acadêmica".¹

Em sua hemeroteca há inúmeros recortes de jornais noticiando banquetes em sua homenagem, alunos que se reuniam para esperá-lo no aeroporto de volta de suas viagens ao exterior. Mas a que recebeu maior espaço foi uma emocionante comemoração

1. A Gazeta 24 de Agosto de 1975.

quando de sua aposentadoria, no ano de 1975. O Diário de São Paulo, em sua edição de 9 de Novembro daquele ano, dedica noticiário de página inteira para narrar a comemoração; a reportagem recebeu o título:

"Cesarino Jr. deixa a sala de aula e entra para a
¹
História."

E, aí, professores de renome, literatos e ex-alunos se reuniram para uma homenagem que, como foi dito, não era de "despedidas e sim, de até logo!" pois todos eram unânimes em afirmar que a aposentadoria não afastaria Antonio Cesarino das atividades acadêmicas e jurídicas. A professora Nair Lemos Gonçalves, sub-chefe do Departamento de Direito do Trabalho, do qual Cesarino havia sido chefe, lembrou:

"Há nesta casa de ensino uma obra que ele próprio fez surgir do nada_ O Departamento de Direito do Trabalho_ e que, como criador, não poderá jamais
²
abandonar".

Houve muitas emoções e lágrimas. Dentre as palavras dos presentes, estava registrada a do desembargador Marcio Martins Ferreira:

"a anunciada aposentadoria do professor Cesarino Junior faz baixar sobre a tradicional Faculdade de Direito do Largo de São Francisco uma nuvem de

-
1. Diário de São Paulo 9 de Novembro de 1975.
 2. Diário de São Paulo 9 de Novembro de 1950.

tristeza, eis que na sua cadeira, o Direito
trabalhista ganhou as culminâncias de sua
profundidade social." ...¹

Em nome dos alunos de pós-graduação falou o aluno
Francisco Ari Castelo:

" A sua obra gigantesca, de extraordinária
relevância à formação do Direito do Trabalho, ou do
Direito Social, como o professor expressivamente
denomina, torna-o merecedor da homenagem permanente
de todos, especialmente os cultores da ciência
jurídica. Incompreendido, discutido, admirado,
porém unanimemente respeitado. Cesarino Júnior é
parte daquela privilegiada estirpe de juristas a
quem o direito distingue, colocando no rol dos que
permanecem na História."²

Além dessas homenagens, também consta a notícia de que
os alunos da Faculdade de Direito entregaram a ele um pergaminho,
em nome de sua obra: 27 livros, inúmeras teses e 178 trabalhos
publicados até o ano de 1976, quando completou os setenta anos.
Nele lia-se:

"Ao incomparável mestre Antonio Ferreira Cesarino
Júnior, marco do Direito Social Brasileiro, a
homenagem dos discípulos de hoje e sempre, que
nele encontraram a sábia lição, o exemplo de amor

1. A Gazeta op. cit.

2. A Gazeta op. cit.

ao estudo e a dedicação de um verdadeiro amigo.
Arcadas. Novembro de 1975."¹

1. A Gazeta op. cit.

O DIREITO SOCIAL

‘Todos os homens são iguais’
mas só têm os mesmos direitos
nas mesmas condições”. A.C.Jr.

A nomenclatura **Direito Social** era a preferida do Professor Cesarino, como consta de seus escritos; entretanto, não era uma questão simplesmente de escolha do termo a ser empregado, pois essa preferência era decorrente de sua concepção de direito, que possivelmente tenha sido forjada na sua história, nas dificuldades enfrentadas e no quanto conhecia da realidade da pobreza e das desigualdades encerradas nos problemas sociais, assim como dos enfrentamentos que encontrou na própria Faculdade de Direito e no modo como acabou por se especializar na área. Tudo foi produto de circunstâncias, tendo como plano geral o projeto de reconversão social, de modo que acabou constituindo

um momento histórico muito particular. No entanto, Cesarino Júnior vai expressar essa preferência por uma terminologia baseada no conceito de *questão social* que vai desencadear grandes polêmicas, uma vez que era uma questão relativa à concepção que cada uma das correntes da Faculdade de Direito tinha da sociedade e do Direito .

O decreto Estadual de 15 de julho de 1937, que criou a cadeira na Faculdade de Direito de São Paulo com o nome de *Legislação Social*,¹ vinha atender as aspirações ligadas às questões trabalhistas de interesses do Estado Novo, mostrando que parcelas das elites dirigentes estavam interessadas na questão. Era o momento em que o governo central, do "ditador populista," como Cesarino Júnior se referia a Getúlio, transferia para a Universidade de São Paulo uma Faculdade de Direito Federal e abria uma disciplina que viria, por um lado, suprir uma lacuna da maior importância para o avanço do ensino de direito no Brasil, pois em países europeus as discussões sobre questões sociais e trabalhistas já estavam avançadas, e, por outro lado, veio reforçar a imagem do "Estado Protetor", que estava, assim, legitimada, e com isso tal inovação vem instalar uma grande polêmica com relação à natureza dessa nova disciplina.

É interessante registrar que, embora Cesarino Júnior em seu depoimento tivesse demonstrado clareza com relação à postura ditatorial de Getúlio e das limitações da legislação trabalhista do Estado Novo, principalmente quanto à prática e a aplicação das mesmas, ele via em Vargas a grande possibilidade

1. CESARINO JUNIOR, 1981. op. cit. pag 25.

para o Direito Social, que se tornava, para ele, uma forma de militância.

Anos mais tarde, em 1955, reconhece em declaração ao Jornal Última Hora:

"Entendo que Getúlio Vargas foi sem dúvida alguma, o próprio criador da legislação social brasileira. Quando tiverem passado os ódios políticos ninguém irá negar a verdade desse fato. Porque se nós tivemos leis sociais antes de 1930, eram essas leis praticamente inoperantes e ainda imbuídas de espírito fortemente capitalista. Foi Getúlio Vargas quem mudou completamente essa orientação, lançando o Brasil no concerto das Nações que realizavam vasto programa de política social."¹

Mas, voltando à discussão do Direito Social, de início a grande polêmica que se estabelece com a novidade dessa disciplina parece ser apenas um problema de terminologia, com relação ao nome, e que depois surge como uma questão mais complexa.

Já em 1939, Cesarino Júnior lança a primeira edição do livro "O Direito Social Brasileiro", onde traça as primeiras linhas com finalidade de esclarecer a questão. Tal obra constituiu-se na primeira sistematização do Direito Social no Brasil: em seu prefácio, Cesarino Júnior declarou, modestamente,

1. Última Hora 24 de de 1955.

que não se tratava de obra definitiva, pois

"o traçado feito por aquele que abre picadas não pode ter a precisão geométrica das auto estradas asfaltadas..."¹

As questões aí debatidas levavam em conta a legislação então em vigor, a carta de 1937 com as disposições baseadas em sistema corporativo inspirada no regime fascista italiano e posteriormente revistas nas edições seguintes, de modo que a cada nova edição a revisão era feita com base nas alterações legais e nas adequações às novas necessidades. O livro acabou por se tornar um inesperado sucesso, tendo sido publicado em várias edições e resenhado por inúmeros juristas e jornalistas importantes a cada nova edição.²

Em seu depoimento, Cesarino Júnior transmitiu uma clara convicção com relação ao problema e muita lucidez em relação à polêmica que ainda perdura. Uma vez que, para ele, até as transformações introduzidas no ensino tinham a ver com a clareza que tinha de que o direito, do modo como estava sendo considerado e ensinado, era desvinculado da realidade.

Essa é uma questão que parece ainda não resolvida para muitos advogados de outras áreas do Direito. Pois "Direito Social, para muitos, era considerado "mera perfumaria jurídica", como foi declarado por ele em depoimento dado ao Diário Popular

1. *O Jornal*, 5 de março de 1953

2. *Ultima Hora* 2 de Fevereiro de 1953 por Abner Mourão Diretor do Estado de São Paulo; *O Jornal*, 5 de Março de 1953 por J. Antunes de Carvalho e *Folha da Manhã* na coluna do tribunal de Justiça.

em 25 de abril de 1942 e ainda reafirmado em depoimento gravado em 1989. Um dos ex-alunos, que colaborou com este trabalho, em depoimento gravado, lembra que havia um Professor de renome na Faculdade de Direito que, para criticar a nomenclatura usada por Cesarino, dizia: " Como se Direito houvera que social naõ fora", expressão que acaba por ser lembrada em outros depoimentos, uma vez que se refere a uma concepção de Direito completamente diferente da pensada por Cesarino Júnior. Como se todo o Direito fosse naturalmente Social e por isso não pode haver direito senão em sociedade, e dessa forma não há sentido em especificar a terminologia nem definir seus limites.

É uma questão fundamental para se compreender a diferença entre o modo como Cesarino Júnior concebia a questão social e o modo como era entendida por grande parte dos professores da Faculdade de Direito.

Segundo depoimento dado ao Diário Popular em abril de 1942, havia naquele tempo (1939/40) apenas um círculo de estudiosos do novo direito, que se restringia quase que ao grupo dos funcionários técnicos do que ele chamou, usando termos ditos pelo então ministro do trabalho, de

" Ministério da Revolução e de algumas das mais prestigiosas associações de classe que muito fizeram para lançar as bases do Direito Social Brasileiro, num meio se naõ hostil, pelo menos profundamente indiferente".

Continua ele na declaração,

" Mas a grande campanha, em prol da elaboração da doutrina social brasileira se iniciou com a

fundação do Instituto de Direito Social, que tranquilizando aos suspeitosos com a adoção da doutrina social católica, conseguiu interessar, aos poucos um grande número de intelectuais nos problemas teóricos criados pelo aparecimento de leis sociais".¹

A expressão "tranquilizando aos suspeitosos" é sintomática, pois dá a medida do temor existente com referência à ameaça comunista, à luta de classes e, para que os suspeitosos pudessem confiar, a doutrina católica chegava para garantir a ausência de perigo.

A criação do Instituto foi, sem dúvida, o trabalho que mais atraiu Cesarino Júnior, segundo suas declarações e confirmadas pelas de seu irmão. Ai ele contou com a colaboração dos colegas do doutorado, o amigo Ruy de Azevedo Sodré, que tem o nome ligado à maioria das empreitadas por ele realizadas. A criação do Instituto de Direito Social permitiu grandes realizações, sendo a mais importante a atividade que mais orgulho deu a Cesarino a organização do Primeiro Congresso Brasileiro de Direito Social, por ele presidido.

Em seu depoimento, declara, cheio de orgulho:

" tanto quanto estamos informados, o congresso foi a primeira conferência no mundo realizada com finalidade puramente juridico-científica."

A "Revista do Trabalho" de fevereiro de 1941 já

1. *Diário Popular* 24 de abril de 1942.

anunciava que " o congresso seria instalado na capital paulista em primeiro de maio, em sessão preparatória, devendo a solenidade de abertura dos trabalhos ter lugar a 15 do mesmo mês, no recinto do Teatro Municipal de São Paulo".¹

O que realmente aconteceu. Esse congresso foi realizado em São Paulo, de 15 a 21 de maio de 1941, e representa um marco importante nas atividades da área no Brasil, não apenas pelo grande número de representantes, uma vez que reuniu 500 especialistas de todo Brasil, mas pela representatividade do empresariado brasileiro interessado na questão social, e de representantes de organizações sindicais.

Em seu depoimento de 1989, Cesarino conta que, tendo convidado o Presidente Vargas para abertura do Congresso, ele não pôde aceitar, por não poder se ausentar do Rio de Janeiro naquela data, e então o Congresso foi aberto por Adhemar de Barros, o Interventor do Estado.

Cesarino conta que levou o congresso para o Rio de Janeiro e, para isso, contratou um trem da Central do Brasil, para que Getúlio pudesse encerrá-lo.

Não existe nos discursos de Getúlio na época ² nenhuma referência a sua presença nesse congresso.

No entanto, o fato fica esclarecido no depoimento registrado em 1981, ³ onde ele explica que, durante os

1. *Revista do Trabalho* fevereiro de 1941.

1. VARGAS, G.D. *A Nova Política do Brasil* 1940/1944.

3. CESARINO JÚNIOR, A.C. *Antonio Cesarino Júnior* (depoimento, 1981). R.J. F.G.V./CPDOC - História Oral, 1992, 21p. dat.

entendimentos para a sessão de encerramento do Congresso no Palácio Tiradentes, a mediação foi feita por Lourival Fontes,¹ que transmite o recado de Vargas:

"O Presidente manda dizer a você que ele vai, mas não vai falar. Porque ele não tem tempo para escrever, você sabe que tudo que ele diz tem muita responsabilidade, e não é costume dele falar de improviso, de modo que ele não vai falar, ele só preside a sessão".

Cesarino respondeu:

"Foi para isso que eu o convidei".

E prossegue na narrativa:

"Então, no encerramento houve vários discursos, um do Pe. Sabóia de Medeiros; um do Ataliba Nogueira e o meu discurso apresentando as conclusões do Congresso. Quando eu terminei, e pensei que o Getúlio ia dizer: Está encerrado... ele fez um discurso de improviso. O que mostra como ele achou importante o Congresso."²

Para Cesarino, foi esse fato, e o sucesso do Congresso, que lançou seu nome na vida pública.

A grande preocupação com a questão social e com

1. Lourival Fontes, político brasileiro, muito ligado a Getúlio, foi diretor do Departamento de Imprensa e Propaganda (D.I.P.) durante o Governo Vargas.

2. CESARINO JUNIOR, A. 1981. Depoimento op. cit.

questões de terminologia aparece com grande ênfase nos anais do I Congresso de Direito Social, que acabou sendo publicado em quatro volumes.

Para o encontro de especialistas, Cesarino discute a questão que envolve o significado do próprio congresso, demonstrando a necessidade, naquele momento, de esclarecer a respeito e deixar claro de que tipo de Direito o congresso trataria.

Nas propostas retomadas de seu livro já publicado, Direito Processual e do Trabalho,¹ Cesarino Júnior levanta as questões que discutem as várias terminologias referentes à área na literatura do Direito de outros países, e o significado de cada uma das implicações que cada diferença supõe, principalmente aquelas relativas à legislação italiana, uma vez que, até aquele momento, aqui no Brasil, ainda não havia bibliografia suficiente para tal embate, embora a polêmica já estivesse instalada. Essa análise acaba mostrando que, realmente, não era apenas uma questão de nomenclatura, mas que as diferenças de forma tinham a ver com diferenças também de conteúdo. Naquele momento, entre outras coisas, o que se questionava era se a denominação mais adequada era: Legislação Social ou Direito Social, sendo que em outros países a questão passa pelos termos: Direito Operário, Direito Industrial e Legislação do Trabalho, Legislação Trabalhista ou Direito

1. CESARINO JÚNIOR, A.F. Direito Processual e do Trabalho S.P. Livraria Freitas Bastos, 1942. Esse livro é parte do Tratado de Direito Social Brasileiro.

Laboral, que se referia ao

" conjunto de medidas legais e regulamentares, visando a proteção dos assalariados, de modo particular, e, de um modo geral, de todas as classes desprotegidas da sociedade".¹

Havia uma preocupação em encontrar uma terminologia que contemplasse o maior número possível de desprotegidos, ou hipossuficientes.

Mostrando sua importância, a questão social que estava embutida nas discussões a respeito de terminologia, e que de início se referia apenas aos trabalhadores manuais, das fábricas e das usinas, que eram os que mais necessitavam de amparo oficial, posteriormente foi estendida a outros trabalhadores.

As referências mais importantes citadas por ele naquele momento são relativas a autores Italianos que consideram que

" o Direito Social se criou para resolver as questões surgidas com o aparecimento da grande indústria, entre patrões e operários, teve ele a princípio os nomes de *Direito Industrial* e de *Direito Operário*, com as correspondentes finalidades de regular as relações oriundas desses problemas. Entretanto, a grande expansão que tiveram as leis reguladoras das relações entre o

1. CESARINO JUNIOR, A.F. Direito Social, Denominação, Conceito e Conteúdo in Anais do I Congresso de Direito Social, Serviço de Estatística da Previdência e Trabalho, Ministério do Trabalho Indústria e Comércio, 1943. vol.IV pag. 16.

capital e o trabalho, em todo mundo, no segundo quartel do presente século, especialmente na Italia, depois do advento do regime fascista, fizeram com que se passasse a denominar o novo direito de *Direito ou legislação do Trabalho*, por isso que ele abrangia novas formas do trabalho que não as puramente industriais, aplicando-se não somente aos operários das fábricas e usinas, mas também aos trabalhadores técnicos e intelectuais."1

Já nesse tempo, embora ainda não claramente explicitada, a grande preocupação de Cesarino Júnior era a procura da harmonização entre capital e trabalho, com influência nítida da encíclica papal "Rerum Novarum"; há nas entrelinhas de seus escritos uma grande preocupação, um temor, com a luta de classes.

Há uma publicação datada de 1953, no aniversário da Encíclica, onde Cesarino considera o documento católico o mais importante do mundo:

"É esse um dos mais importantes documentos na evolução política do mundo. Nele Leão XIII abordou de maneira mais completa, pela primeira vez, a questão social, condenando os erros do capitalismo e compendiando os principais fundamentos da doutrina social católica. É tão importante esse documento que 40 anos mais tarde, isto é, em 1931, um outro Papa, Pio XI, nada pode fazer senão

1. Anais do I Congresso de Direito Social op. cit. pag.16.

desenvolver esses princípios numa outra encíclica que se denominou *Quadragesimo Anno*".¹

Essa discussão, para Cesarino Júnior, reveste-se de grande importância, pois revela no seu interior as linhas centrais que conduzirão seu trabalho ao longo de toda a carreira. A polêmica em torno da terminologia, mesmo no tempo do primeiro Congresso de Direito Social, teve que ser enfrentada, pois abria caminho para definir as linhas do que tornaria o *Direito Social Brasileiro* uma categoria de Direito tão polêmica quanto respeitável.

A importância desse Novo Direito pode ser percebida pelo espaço que lhe é dedicado nos anais do primeiro congresso de Direito Social, já referido anteriormente, pois, além do trabalho de Cesarino Júnior, que trata especificamente do assunto, há também um outro texto de sua autoria que discute um aspecto trabalhista em torno de uma discussão a respeito de um artigo da constituição de 1937, relativo ao modo como estava sendo interpretado o texto da lei referente à demissão de trabalhador. O encaminhamento dado por ele revela a preocupação com o "caráter social" da legislação trabalhista.

Ainda nos anais do mesmo congresso. aparece também um trabalho de outro advogado, já referido anteriormente, e grande amigo de Cesarino, Ruy de Azevedo Sodré, que apresenta uma comunicação revelando preocupações semelhantes. Só que trata de aspectos mais filosóficos da questão, reportando-se a questões relativas à natureza do Direito Social à luz dos ensinamentos da

1. *Folha da Noite* 14 de Maio de 1953.

Igreja, dos princípios da moral cristã, em especial de Leão XIII, com sua encíclica *Rerum Novarum*, como entendida por ele,

"contendo sábios preceitos da ordem social, que ainda hoje são reivindicados sob forma e bandeiras diversas, de roldão com erros, malícias e ignorâncias.

Acentuando a gravidade do problema social, preconizou Leão XIII a sua solução, afastando-se do individualismo exagerado e do socialismo dissolvente... e que da imortal encíclica depreende-se que, também naquela época, a solução do problema era, essencialmente, de ordem moral."¹

Ruy Sodré ainda estabelece a relação entre os fundamentos filosóficos do Direito Social e a noção de pessoa humana, contrapondo os interesses individualistas ao conceito de sociedade. Chama atenção para a idéia de dignidade da pessoa humana e adverte que

" o trabalhador é uma pessoa humana, cuja dignidade a própria lei terá que restitui-la . E para isso é que se decretam leis regulando o horário de trabalho, o descanso semanal, as férias anuais, a alimentação, a higiene do lar, o trabalho e a educação do menor, o da mulher e o da parturiente, etc..."²

1. SODRÉ, R.A. *Direito Social, seu conceito Filosófico, Sociológico e Jurídico, conteúdo e definições*, in Anais do I Congresso de Direito Social já cit. vol. IV pag 36.

2. SODRÉ, 1942. op. cit. pag. 42.

Como se pode depreender dessas considerações, os participantes do I Congresso de Direito Social, embora reconhecendo em Getúlio Vargas a responsabilidade da "doação das leis trabalhistas", tinham claro que essas leis, na prática, não incidiam do mesmo modo sobre patrões e empregados. No entender de Cesarino Júnior, a aplicação das leis era desigual e sua luta foi toda em direção de combater essa desigualdade.

Havia, nessa época, nos escritos e nas palestras de Cesarino Júnior, uma preocupação em procurar desvincular a idéia de que Direito Social estaria ligado ao fascismo. Em um pronunciamento feito em Porto Alegre e transcrito pelo Diário da Noite de 9 de setembro de 1942, lê-se:

" A idéia de que a legislação Social da Itália é a mais perfeita do mundo serve para associar legislação Social com totalitarismo. O que não é verdadeiro. A legislação social tem origem, antes, em sentimento universal do catolicismo e do cristianismo, por isso a carta internacional do trabalho(que) foi consagrada no Tratado de Versalhes nada mais é do que a tradução da carta cristã do trabalho, da encíclica Rerum Novarum, do Santo Padre Leão XIII.(e) diz respeito aos direitos trabalhistas.¹

É interessante contextualizar essas colocações para aquele momento político: no Brasil, em pleno Estado Novo, e que coincidia com compromisso de Cesarino Júnior com a propaganda de

1. *Diário da Noite* 9 de Setembro de 1942.

Getúlio Vargas, como será visto mais adiante, e até mesmo como o momento de lançamento de seu livro : Direito Processual do Trabalho, que era o sexto volume do Tratado de Direito Social Brasileiro, por ele organizado em colaboração com muitos outros especialistas, cada um responsável por um volume. O volume escrito por Cesarino Júnior foi entregue pessoalmente a Getúlio Vargas, (foto em anexo) recebendo farta cobertura jornalística com publicações de fotos em quase todos os jornais importantes da época. Há pelo menos dez jornais publicando a foto. Na fotografia da entrega do livro também aparece o então ministro do trabalho, Marcondes Filho. Tal publicação lhe rendeu ainda uma sessão de homenagem do Instituto de Direito Social, na sala João Mendes Júnior da Faculdade de Direito, em solenidade presidida pelo Dr. Jorge Americano, então reitor da Universidade de São Paulo e com direito a elogioso pronunciamento de Roberto Simonsen, então presidente da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo, que será referido mais adiante. Tal solenidade foi amplamente coberta pela imprensa.

Mas a questão referente à terminologia, ou à questão conceitual do Direito Social, que preocupou Cesarino desde o início, não fica facilmente resolvida. Todas as oportunidades possíveis são aproveitadas para deixar claro que

"O Direito Social é uma especialidade do campo do Direito, ainda nova, podemos dizer, revolucionário. Até hoje os juristas sustentam que só há pessoas jurídicas de direito público ou de direito privado. Entendo todavia, que atualmente, há uma classe intermediária representada pelos poderes jurídicos

de Direito Social".

O Instituto Brasileiro de Direito Social foi adquirindo grande prestígio junto às entidades trabalhistas. Foi um espaço de grandes realizações de Cesarino Júnior.

Dentre as realizações mais importantes do Instituto está a organização dos cursos de Educadores Sociais, idealizado por Cesarino e que contou com o patrocínio do Serviço Social da Indústria.

A reportagem que noticia a aula inaugural atribui "a iniciativa de extraordinário alcance e que deve à tenacidade e ao patriotismo do sr. Roberto Simonsen, presidente da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo," ¹

embora Cesarino Júnior estivesse presidindo a cerimônia, e explicou que

"o curso de educadores sociais procurará formar técnicos para a difusão das doutrinas sociais construtivas através do estudo intensivo técnico e prático de: Doutrinas Sociais, Economia Social, Política Social, Psicologia Social e Técnicas de Educação Social, procurando dar aos alunos aptidão prática para a propaganda da doutrina aconselhável, notadamente através do desenvolvimento da capacidade sugestiva da arte oratória popular". ²

Em 1951, há uma publicação: Suplemento dos Arquivos do

1. *A Manhã* R.J. 17 de Agosto de 1947.

2. "*A Manhã*" op. cit.

Instituto de Direito Social, com regulamento e programas dos cursos de Técnicos de Direito Social, dirigido a trabalhadores e lideranças sindicais, com os objetivos sensivelmente alterados, pois o enfoque desse curso era mais Legislação Social.¹

Nessa ocasião, a trajetória profissional de Antonio Cesarino encontra-se com a de seu irmão mais moço, João Clímaco, que se forma na primeira turma de educadores sociais.² Seu percurso havia sido completamente diferente do irmão mais velho, ou seja, ele havia cumprido sua trajetória modal, a trajetória esperada para a maioria dos jovens negros que tiveram apenas "algum estudo", não chegando à Universidade.

Tendo João Clímaco ficado livre da pressão familiar para estudar, não conseguiu obter o mesmo sucesso profissional e financeiro do irmão. Em seu depoimento, declara que, muito embora não tão instruído quanto o irmão, era considerado mais popular e menos formal.

Quando Antonio Cesarino inicia a organização dos cursos de direito social, pode contar com o irmão, que chegou a trabalhar junto ao programa como técnico de Direito Social.

As informações de João Clímaco a respeito das atividades do irmão dão conta da proximidade das relações de Cesarino com Roberto Simonsen, da Federação das Indústrias de São Paulo. Como já foi contado, a admiração que se estabeleceu entre ambos teve início quando do primeiro curso no "Novo Direito", no

1. O exemplar utilizado foi gentilmente cedido pelo sr. João Clímaco Cesarino.

2. Justiça do Trabalho - Setembro de 1948.

início da carreira de Cesarino na Faculdade de Direito.¹

Não se tem informação exata do programa desse curso, uma vez que se tratava de início de carreira do professor e de uma disciplina ainda não consolidada, mas, pelos admiradores que despertou, o curso deve ter posto em discussão aspectos da questão social até então não referidos em outra situação. Era o ano de 1939 e a "Questão Social" começava a interessar tanto ao Estado Novo quanto a certa parcela da elite, dona dos meios de produção, que havia se sentido ameaçada pela articulação dos movimentos de trabalhadores antes do Estado Novo. Como é enfocado por Gisálio Cerqueira Filho, em obra chamada "A questão Social no Brasil", em que questão social passa a ser vista como uma questão legítima, uma vez que, até então, não era nem mesmo reconhecida.

"De fato, após essa data (1930) a intervenção dos poderes públicos nas questões trabalhistas crescerá continuamente visando a desmobilização/ /despolitização da classe operária e culminando com a Consolidação das Leis do Trabalho em 1943." ²

Logo depois do primeiro curso do Novo Direito, Cesarino conta em seu depoimento que foi convidado a emitir pareceres jurídicos para Roberto Simonsen. São suas palavras:

" Ele (Roberto Simonsen) era muito seguro e me havia pedido um parecer a respeito de uma questão

1. Depoimento gravado do sr. João Climaco Cesarino já cit.

2. CERQUEIRA FILHO, G. *A Questão Social* R.J. Civilização Brasileira 1982 pag. 75.

complicada, na hora de pagar perguntou: _'Quanto é?' e eu respondi:_ 'Um mil cruzeiros!' dinheiro daquele tempo já nem me lembro se era cruzeiro. No que ele disse:_ 'Seu parecer vale dois mil!' e me pagou. Daí ficamos grandes amigos."¹

Para demonstrar esse grau de amizade, Cesarino Júnior conta que, quando a Federação das Indústrias do Estado de São Paulo estava preparando a mudança para o prédio da Avenida Paulista, Cesarino foi com Roberto Simonsen escolher o terreno. Mas a questão é compreender essa aproximação: embora Roberto Simonsen fosse um empresário grande e poderoso, uma vez que ocupava postos importantes, e era representante da elite dominante, pelos discursos e referências pode-se supor que se diferenciava da maioria de empresários de então. Originário de rica família inglesa, teve sua formação em Engenharia na Inglaterra, onde recebeu influência da " Sociedade Fabiana, uma associação de tendência socialista, que propunha reforma social por meio de mudanças graduais no sistema capitalista."² Entre suas inúmeras atividades de início de carreira, constam trabalhos em projetos de casas populares em Santos, como melhoria das condições de vida para os trabalhadores.

1. Depoimento Gravado, 1989. op. cit.

2. Dicionário de Economia S.P. Abril Cultural, 1985, pag. 409. "Os Fabianos rejeitavam por princípio a luta revolucionária e forneceram bases ideológicas para a fundação do partido trabalhista inglês em 1900. Achavam que as propriedades particulares deveriam ser socializadas por meio de leis, que ocorreria uma progressiva identidade de interesses entre trabalhadores e patrões, que o socialismo viria com o tempo".

Esses elementos mostram um empresário incomum para a época e ajudam a compreender a admiração surgida entre ele e Cesarino Júnior.

Embora os discursos de Roberto Simonsen representem um volume considerável, há referências à pessoa de Cesarino Júnior em pelo menos dois deles: um, já referido, quando do lançamento do livro Tratado de Direito Social, outro, quando da formatura da primeira turma de Educadores Sociais.

O primeiro discurso, publicado em exemplar editado pela Federação da Indústrias do Estado de São Paulo, aparece também na edição de "A Evolução Industrial do Brasil e Outros Estudos," publicado pela Companhia Editora Nacional. Ai, Roberto Simonsen, ao fazer referências ao trabalho de Cesarino Júnior, escreve:

" A Federação das Indústrias do Estado de São Paulo teria sido, talvez, a primeira associação patronal do país, que consignou, em seu programa inicial, proposições e anseios já hoje corporificados em preceitos do direito social brasileiro.

Na casa da Indústria, conseguimos abolir o espírito imediatista. Não se formam, ali, conluíus entre os detentores de capitais, para comprimir os menos afortunados ou combater justas reivindicações sociais que visem o bem comum. Exatamente porque ali se pesquisa a verdade, esteja onde estiver, e contrarie, embora, por vezes a sua constatação ricos ou poderosos é que sua diretoria convidou para participar do corpo de seus grandes

consultores jurídicos o homenageado desta noite, e isso quando alguns espíritos prevenidos pretendiam vislumbrar, nas aulas iniciais do erudito professor, uma feição esquerdista, que julgavam prejudicial aos interesses patronais. (o grifo é meu)

Continua ainda o discurso:

É que enxergamos e aprendemos, nas lições do ilustre mestre, a mesma preocupação que nos dominava.....

Acompanhando, de perto, a elaboração da nossa legislação social, as classes patronais de São Paulo vem procurando incessantemente fazer crítica construtiva, visando sempre conciliá-la com a nossa realidade, acentuando que a distribuição não pode anteceder a criação, orientando patrões mais atrasados sobre a necessidade de harmonizar os seus ideais de lucro com as aspirações sociais mais alevantadas, realçando a unidade dos fatores, que integram a produção, e concorrendo, enfim, para que se fortaleça a consciência do necessário entendimento entre os vários elementos, que contribuem para o equilíbrio da vida nacional.

... nossa associação de classe ... por mais de uma vez, provocou a desconfiança entre muitos

responsáveis pelas coisas públicas.¹

A partir desse discurso, é possível compreender a aproximação de Cesarino com Simonsen, principalmente porque ambos compreendiam a questão social de modo muito semelhante, contrário ao pensamento liberal que antecedeu o Estado Novo e não completamente em acordo com o pensamento hegemônico, principalmente no que diz respeito às práticas legais.

Escritos posteriores de Cesarino trazem reflexos desse pensamento. Em reportagem do Diário do Povo de Campinas de Janeiro de 1955, Cesarino Júnior aparece como "um dos primeiros que levantou em nosso país, o problema da participação dos trabalhadores nos lucros e na direção das empresas antes mesmo de ter sido convidado pelo senador Roberto Simonsen para a consultoria jurídica da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo."

Nessa reportagem, publicada diante da ameaça de derrubada de um dispositivo constitucional da Constituição de 1946, que ameaçava a participação nos lucros, que para Cesarino se constituía em uma grande conquista, declara ele:

_"Entendemos que a participação nos lucros se baseia no fato de ser o salário uma retribuição insuficiente da colaboração prestada pelo empregado à obra da produção. Sendo quatro os fatores da produção (natureza, ou seja matéria prima; capital; trabalho e organização, ou seja o trabalho

1. SIMONSEN, R. *Ensaio Sociais Políticos e Econômicos* S.P. Federação das Indústrias do Estado de São Paulo, 1943.

do empresário) é lógico que o produto deve ser repartido pelos representantes dos quatro fatores. Entretanto não é assim que se procede."1

E continua:

..." o valor da participação nos lucros está em transformar paulatinamente o empregado em sócio do empregador, em virtude de torná-lo co-interessado no êxito da empresa... Não consigo compreender porque um homem normal, física e psiquicamente, que trabalha suas oito horas diárias, não possa ter tudo o que é necessário, já que, não direi para o sustento, mas para o conforto da sua família. Não entendo por que os lucros da produção para a qual ele concorre com o seu trabalho, devem ser entregues na sua totalidade ao patrão."2

Há uma outra entrevista de Cesarino Júnior, dada a uma revista intitulada "Publicidade e Negócios", no ano de 1954, na qual ele coloca as questões nos mesmos termos, fazendo considerações, acrescentando que, em 1950, como membro da Comissão do ante-projeto do Código de Trabalho, nomeado pelo ministro Honório Monteiro, apresentou projeto de lei regulando a participação nos lucros, propondo que fossem atribuídos aos empregados 25% dos lucros das empresas, e oferece maiores

1. *Diário do Povo* 8 de Janeiro de 1955.

2. *Diário do Povo* op. cit.

detalhes desse projeto, ao mesmo tempo que apresenta as objeções que eram feitas. Uma delas era de natureza técnica, referindo a questão de que a Constituição considerava que a participação nos lucros devia ser direta e imediata. A outra objeção era com referência ao direito de propriedade privada do empregador, que era visto como sendo violado. Contra ambas as objeções, Cesarino apresenta defesa. Ainda nessa entrevista, Cesarino compara sua proposta de participação nos lucros com a proposta de Juarez Távora sobre o fundo de melhoramento e ampliação da empresa, em que os empregados participavam da empresa como entidade corporativa.¹

Percebe-se uma certa satisfação, por parte de Cesarino, pelo fato de ter conhecido o então coronel Juarez Távora na cidade de Santiago do Chile, em 1942, quando de sua primeira incursão internacional, e, mais ainda, por partilhar de posições semelhantes no que se refere à visão da questão social.

O II Congresso Brasileiro de Direito Social, organizado pelo Instituto, aconteceu em 16 de maio de 1946, com menor aparato e menor cobertura da imprensa que o primeiro. Contou com a participação do interventor Macedo Soares e do secretário da Agricultura Malta Cardoso. O encerramento foi noticiado pelo Correio Paulistano de 21 de maio de 1946 e contou com a presença das autoridades já mencionadas. Aconteceu, então, a tarefa mais importante do congresso: na sua sessão final, o Dr. Ruy de Azevedo Sodré leu as conclusões que seriam enviadas como propostas à Assembléia Nacional Constituinte. Não foi possível

1. *Publicidade e Negócios* 20 de Dezembro de 1954.

recuperar esse material, mas, pelas entrevistas fornecidas por Cesarino aos jornais da época, as propostas diziam respeito à autonomia sindical, à participação dos operários nos lucros das empresas e a questões relativas ao imposto sindical. Nessa mesma sessão de encerramento do Congresso, Macedo Soares sugere que fosse enviada uma mensagem à Organização Internacional do Trabalho, dizendo que na sessão de encerramento do congresso as figuras de Albert Thomaz e Harold Buthler foram lembradas, e Cesarino Júnior propõe que fosse reafirmada a confiança do Congresso na continuação dos trabalhos da O.I.T. e na ação do diretor Edward Felan.¹

Nesse ponto dos fatos, a partir das mudanças políticas que configuraram o fim do Estado Novo, os escritos de Cesarino vêm acompanhando o desenrolar da história e já manifestam uma visão mais crítica em relação aos rumos do trabalhismo. Essa é uma característica de sua pessoa, uma vez que, em sua trajetória, percebe-se nitidamente o modo como reflete sobre o próprio pensamento, constantemente revendo suas posições e contextualizando-as a cada situação, a cada momento histórico, sem, contudo, jamais abrir mão de seus princípios. Este é o caso da questão sindical.

Por volta de 1948, havia uma questão noticiada pelo Diário da Noite de 23 de Fevereiro, relacionada a um juiz que declarou a introdução de imposto sindical como cobrança de bi-tributação, uma vez que uma das partes já pagava imposto de renda, e que, portanto, era inconstitucional.

1. *Correio Paulistano* 21 de Maio de 1946.

Cesarino Junior defende a cobrança porque não a considera como um imposto, uma vez que "não é arrecadado de toda coletividade e com objetivos de servir a manutenção dos serviços públicos de interesse geral. Nem é taxa, pois não constitui remuneração imediata de serviços prestados efetivamente a quem paga. E, evidentemente, uma contribuição realmente *sui generis*."¹

Mais adiante, frente a projetos que tramitavam na Câmara Federal, relativos à introdução de um fundo sindical, que seria administrado pelo Ministério do Trabalho, a manifestação de Cesarino é veementemente contrária, pois acreditava ele que esse dinheiro não seria aplicado em benefício do trabalhador e serviria para exploração política.

Na mesma notícia do Correio Paulistano de 16 de outubro de 1955, há outra manifestação de Cesarino, contrária a um projeto de Carlos Lacerda, que propunha a extinção da contribuição sindical. Alegava ele que "no Brasil, o movimento associativo é dos mais fracos. Se deixasse que os sindicatos e federações viessem a subsistir apenas com as contribuições dos associados, seria um fracasso total. Haveria uma desmobilização do movimento vitorioso em grande parte do mundo."²

No ano seguinte, vai continuar sendo solicitado a emitir opiniões a respeito de política sindical, uma vez que era considerado uma das maiores autoridades no ramo. Desta vez, foi frente a projeto de Bilac Pinto, que pretendia transformar as entidades privadas, autônomas, e sindicatos em instituições

1. *Diário da Noite* 23 de Fevereiro de 1948.

2. *Correio Paulistano* 16 de Outubro de 1955.

públicas. Suas manifestações procuram explicar que

"a teoria deve ser construída para explicar a realidade e não é a realidade que deve ser adaptada à teoria preconcebida".

Para ele, as instituições, tornando-se públicas, acabariam por se transformar em "viveiros de empregos", e lembra que, no Brasil, os abastados não se preocupam com a questão social, acentuando que:

"...Muitos dos atuais colegas de Bilac Pinto têm sustentado, como constituintes que foram, que a Constituição de 1946 representa uma reação ao espírito fascista da Constituição de 1937. Ora, se assim é, é evidente que ela deve ter marchado no sentido de mais liberdade sindical, isto é, no sentido de plena autonomia sindical. Como entender-se isso, em face de um dispositivo que reduz os sindicatos a meras repartições públicas"?

1

Com essa defesa, Cesarino queria também defender entidades de caráter privado, como o SESI, SENAI, que mereceram dele atenção especial e que, no seu entender, só funcionavam bem porque não dependiam daquele tipo de Estado.

Cesarino também é chamado para opinar a respeito de coisas aparentemente de pouca importância, mas que, para ele, assumem aspectos relevantes. Como, por exemplo, a respeito da presença de milicianos, plantados às portas da repartição da

1. *Diário de São Paulo* 26 de junho de 1956.

Justiça do Trabalho, para impedir a entrada de trabalhadores sem paletó. Ele, indignado, escreve:

"É um absurdo. O operário que geralmente é despedido, não recebe indenização e fica em camisa."

Há ainda em seu depoimento uma referência a respeito da UNITRA, ou seja, da Universidade do Trabalhador, criada por ele em 1962, com a colaboração dos professores Diva Benevides Pinho, Nair Lemos Gonçalves e Valentin Carrion. O curso chegou a ser publicado em fascículos e foi suspenso com o golpe de 1964. Há, em 1962, um jornal que noticia a publicação, no Diário Oficial, de uma Portaria do ministro do Trabalho, então Franco Montoro, que reconhece e autoriza o funcionamento dos cursos.¹

O objetivo do curso era ministrar

" aulas de Direito Social para trabalhadores, principalmente para os sindicalizados, que tinham oportunidade de entrar em contato com a legislação trabalhista vigente. Esse curso também preparava pessoas para ministrar aulas e reproduzi-las em suas entidades. Eram muito importantes porque dirigiam-se a uma clientela diferente da universitária".²

Cesarino declarou que gostava dessas aulas, pois parece

1. Última Hora de 16 de junho de 1962. Ao lado do recorte de jornal, há uma anotação a lápis, do professor Cesarino, que observa que os cursos foram realizados em Campinas, Ribeirão Preto, Sorocaba e Santos.

2. Depoimento Gravado, 1989. op. cit.

que tinha especial habilidade para lidar com o programa, o que realmente confere com a observação de sua assistente, doutora Marli Cardone, em artigo que lembra suas atividades quando de sua morte:

"A mais complicada teoria jurídica era colocada em linguagem acessível por meio do processo de "redução fenomenológica".¹

Cesarino Júnior conseguia, assim, realizar a *prática do Direito Social* que tanto pregou em seus cursos.

Em Agosto de 1964, com os cursos da UNITRA já suspensos pelo golpe militar, Cesarino Júnior, em uma entrevista ao jornal Última Hora, demonstra um grande otimismo com relação aos rumos do Direito Social no Brasil, quando afirmou ao repórter:

"Não tenho dúvidas em afirmar que 'no relógio do tempo' não soou a hora da direita... seja qual for a aparência do contrário, aqui ou em outros países. Em completa oposição ao que alguns afirmam, as reivindicações dos trabalhadores, o Direito Social, não serão extintos ou restringidos mas, ao contrário profundamente ampliados...o Direito Social evolui de Direito Social tuitivo, isto é, meramente protecionista, para um direito social estrutural que tem por objetivo a reforma da

1. *Folha de São Paulo* 22 de março de 1992. Homenagem da Dra. Marli A. Cardone.

empresa no sentido de dar ao trabalhador uma participação cada vez maior nessa unidade da economia moderna".¹

A manchete da reportagem onde aparecem essas declarações é a seguinte: CESARINO: LÍDERES ACUSADOS TEM DIREITO DE DEFESA. Aí, continua otimista na medida em que estava acreditando que os alto dirigentes do Ministério do Trabalho iriam garantir o direito de defesa aos dirigentes sindicais presos. Ainda alimentava a esperança de que

... a revolução deveria , aproveitando as condições de trabalho impostas ao Congresso Nacional, pelo Ato Institucional, proceder a uma reforma completa da atual legislação sindical, que tem quarenta anos, pois foi inspirada na legislação fascista".

O jornalista indaga a respeito do baixo número de trabalhadores sindicalizados no Brasil, e Cesarino responde:

Sempre dividimos os brasileiros em dois grupos: comunistas em pequena minoria e comodistas grande maioria, com as exceções de costume. Ora, os comodistas tendo ainda em vista o pouco espírito associativo dos brasileiros geralmente deixaram nos sindicatos campo livre para a atuação dos comunistas. E depois se queixavam de que não convinha entrar para os sindicatos, porque era dominado por comunistas, sempre com as exceções

1. *Ultima Hora* de 6 de agosto de 1964.

naturais".

Falando a respeito da Campanha de Sindicalização do Democrata, desenvolvida pelo Ministério do Trabalho, ele a acha necessária

..."por serem os democratas comodistas, não podendo o trabalhador democrata autêntico ser comodista nem pelego."

Mesmo nos anos iniciais do período da Ditadura Militar são encontradas notícias da presença atuante de Cesarino Júnior nas questões relativas ao Direito Social, como sua participação na campanha de defesa da estabilidade no emprego como melhoria das relações patrão/empregado.

No jornal Última Hora de 20 de Abril de 1966 há uma notícia que traz como manchete: PARECER DE CESARINO FULMINOU AS INVESTIDAS CONTRA O DIREITO DOS TRABALHADORES. Nesse momento, ele havia participado de uma comissão de defesa da estabilidade no emprego; para ele,

"estabilidade no emprego não é privilégio nem regalia mas um direito sagrado que é preciso preservar para o trabalhador o emprego reepresenta a razão de sua vida".¹

Mesmo diante de toda mobilização, o governo "propõe" a opção ao Fundo de Garantia por Tempo de Serviço, e vai tornando mais claros os rumos que seriam dados ao direito dos trabalhadores. Há um certo desânimo nas palavras de Cesarino, a

1. Última Hora, 20 de Abril de 1966. A campanha pela estabilidade no emprego teve grande repercussão, com cobertura de muitos jornais da época.

partir de então, com relação à opção ao Fundo de Garantia. Ele apenas diz:

"Propor a opção é desconhecer os fundamentos do Direito Social".¹

Antes do golpe militar, em janeiro de 1964, Cesarino Júnior dá um depoimento para o jornal do Frei Carlos Josapha, op., o Brasil Urgente,² retomando as velhas questões pelas quais estava lutando há tanto tempo. Fazendo comparações entre a Constituição de 1937 e a de 1946, chega a admitir que sobrevivia em ambas

"aspectos mais ou menos fascistas, principalmente no que tange à organização dos sindicatos".

Continua comparando as Constituições de 1937 com a de 1946, chamando esta de Contituição inominada,

"porque não tomou uma posição definitiva em relação aos problemas fundamentais do Direito Social".

Referindo-se à velha questão da participação dos trabalhadores nos lucros das empresas, chama a atenção para o fato da Constituinte de 1946 ter repellido o projeto de lei do deputado João Amazonas, que estabelecia a co-gestão, embora admitisse a participação dos trabalhadores nos lucros, o que,

1. *Utima Hora* de 6 de maio de 1966.

2. BRASIL URGENTE jornal ligado à Ação Católica, "espécie de testemunho cristão, em nível mais popular e mais radical, ao mesmo tempo. Sua sede foi saqueada em 10. de Abril de 1964, no mesmo dia do saque ao prédio da UNE no Rio de Janeiro. BEOZZO, Pe. J.O. *Cristãos na Universidade e na Política* Petrópolis, Vozes 1984.

para ele, fatalmente levaria à co-gesta_o.

E acrescenta:

"Até aqui... as leis sociais são meras concessões dos empregadores aos empregados".

.....
A solução a meu ver é a coletivização da empresa, sem a sua estatização, o que pode ser realizado sem perturbação, através da regulamentação dos princípios constitucionais que estabelecem a participação nos lucros."¹

No final dos anos sessenta, as notícias de sua atuação vão se tornando mais esparsas a partir de então, pois Cesarino começa a atuar com mais intensidade no Direito do Trabalho nos organismos internacionais.

1. *BRASIL URGENTE*, Ed. Veritas Ltda. Ano I - no. 42, de 5 a 11 de Janeiro de 1964.

MIRAGEM POLITICA

Com este titulo, "Miragem Política", Cesarino abre em suas memórias o capítulo a respeito de suas pretensões de militante político,¹ procurando justificar seu interesse através da influência da trajetória de seu bisavô, o velho Antonio Cesarino, que era membro do Partido Republicano, e marcou sua trajetória com posições políticas bem conhecidas, como foi dito no início da história. Há referências de sua participação até mesmo em uma " subscrição em favor dos franceses vítimas da guerra franco-prussiana,"² com a qual o velho Cesarino contribuiu com 5\$000, ao lado de Campos Sales, que subscreveu a quantia de 10\$000, sendo que a maior contribuição alcançava 200\$000 e a menor, 2\$000. Esses números mostram que, mesmo na sua pobreza, sua participação não era com a menor quantia e, guardadas as proporções, não distanciava muito da de Campos Sales. Mas deixava clara sua posição frente ao conflito de guerra.

1. CESARINO JUNIOR, 1982. op. cit. pag.30.

2. *A Gazeta de Campinas* 19-03-1871.

Outra influência foi de seu tio Aprígio Cesarino, que era jornalista e "deixou marcas de seu pensamento e de sua atividade". Foi ele quem deixou a Cesarino Júnior uma pasta com recortes de jornais, através dos quais pôde

"conhecer sua ação politicamente corajosa, não poupava adversários, inclusive os poderosos da época, os quais perseguiram-no, chegando ao ponto de fazê-lo internar por insanidade mental. Talvez fosse essa influência que me levou a participar temporariamente das atividades políticas por puro idealismo."¹

Outra influência na atividade política, que aparece nas memórias, foi a participação na revolução constitucionalista de 1932 .

"Terminada a revolução, com nossa derrota militar, não desapareceram com ela os nossos ideais e os idealistas. Daí que, na primeira eleição municipal que houve em Campinas, tivéssemos organizado uma chapa intitulada "Idealistas de 32", com a qual conseguimos eleger um vereador, o Dr. João Penido Burnier."²

Durante toda sua trajetória, Cesarino Júnior tinha clara a dimensão política de sua participação, tanto no magistério quanto nas atividades de seu escritório de advocacia. Entretanto, também tinha clara a necessidade de intervir de modo

1. CESARINO JÚNIOR, 1982, op. cit. pag.30.

2. CESARINO JÚNIOR, 1982 op. cit. pag. 31.

mais amplo na vida política do país.

Essa clareza pode ser percebida em depoimento obtido pelo arquivo do CPDOC, em que inicia:

" Logo que eu entrei para a Faculdade de Direito como catedrático, em 38, pensei que devia fazer alguma coisa quanto à atividade pública. E comecei a me preparar para isso. Tive, durante todo esse tempo, relações com políticos, inclusive por causa de minha cátedra, que era Direito Social, a senhora vê que essa era uma tônica do Governo Vargas. De forma que eu fui muitas vezes procurado, e fundei em 1939 o Instituto de Direito Social, dedicado ao estudo, à atuação e à difusão do direito social."¹

Com a fundação do Instituto de Direito Social fica evidenciada a compreensão que tinha Cesarino para o que hoje se chama de "luta organizada", pois o Instituto vai permitir a ele abrir outras frentes e, em todas as futuras áreas de atuação, vai dar início à organização de entidades que perduram até hoje.

As atividades no Instituto de Direito Social e o compromisso com a justiça social de defesa dos mais fracos aproximam Cesarino Júnior de grupos getulistas, com discussões para os primeiros esforços no sentido de operacionalizar instrumentos de organização partidária e possibilitar a transição para uma fase menos autoritária do Estado Novo.

A compreensão da necessidade associativa que tinha

1. CESARINO JUNIOR, A. *Antonio Cesarino Júnior* (depoimento, 1981). R.J. F.G.V./CPDOC- História Oral, 1992, 21 p. dat.

Cesarino fica ainda mais clara num episódio narrado por ele no depoimento acima referido. Conta ele que, quando da organização do I Congresso de Direito Social, enquanto tratava da sessão de encerramento, no Rio de Janeiro, com Getúlio, conheceu Eptácio Pessoa, filho de João Pessoa (que havia sido assassinado), o Eptacinho, que era o nome pelo qual ele chamava aquele que era conhecido como "o Príncipe da República Nova," com quem passou a ter grande relação de amizade e para quem certa vez observou:

"Olha, o Presidente está muito enganado, porque como ele fez as leis trabalhistas, ele (pensa) que tem apoio dos trabalhadores, mas (é um apoio) desorganizado. Como é que se exprime esse apoio? Com quem que ele pode contar? Ele teria que ter um partido, e aí sim, ele estaria com uma entidade".¹

No que Eptacinho respondeu:

"Mas o Presidente acha que ainda é cedo para dar liberdade..."

Ao que Cesarino retoma:

"Então, a gente podia fazer o seguinte, fundar já uma entidade cultural ... e organizar no Brasil inteirinho".

Tal entidade era inspirada na União Cívica Radical que havia na Argentina, e a União Cultural Brasileira seria o partido do presidente.

E foi o que aconteceu, de acordo com Angela de Castro Gomes, que se utiliza da mesma fonte documental para a obra "A

1. CESARINO JÚNIOR, 1981. Depoimento. op. cit.

Invenção do Trabalhismo:

"Tratava-se de começar a montar uma organização cuja fachada deveria ser cultural, mas cujo objetivo prioritário seria constituir-se numa grande base de apoio político para o Presidente Vargas."¹

Ainda segundo a fonte original, depoimento de Cesarino Júnior registrado em 1981, foi ele quem assumiu a paternidade do projeto; Vargas concordou com o início dos movimentos. Mas Cesarino percebeu que era uma grande responsabilidade e, como se sentia sem experiência política, foi até Marcondes Filho, antigo deputado paulista e homem mais velho e experiente.

Desse encontro ficou combinado que Cesarino faria os estatutos da União, e Marcondes Filho, o manifesto. Depois, em uma reunião de portas trancadas, no escritório de Marcondes Filho, ocorreu o seguinte diálogo:

Marcondes Filho:

"Eu tenho que ser o primeiro, podia ser seu pai".

Cesarino respondeu:

"Não tenha dúvida, eu estou disposto a ser o segundo, mas não o terceiro".

Então, ficou combinado que Getúlio seria o presidente honorário. Diziam, ainda, que um deles seria ministro do Trabalho, o que ocorreu com Marcondes Filho, que disse a Cesarino que ele poderia ser o Ministro da Justiça depois de

1. GOMES, A.C. *A Invenção do Trabalhismo*, R.J. Vertice 1988 pag 290.

organizado o partido, porque, naquele momento, ele teria que correr o país para dar início aos trabalhos da organização e, para tal, acabou sendo nomeado Corregedor Geral da Justiça do Trabalho, cargo que foi criado para esse fim.

Ao dar início aos trabalhos, Cesarino achou que deveriam convidar os interventores estaduais, ao que Marcondes Filho foi contrário, achando que poderiam perder o controle do partido.

Alguns convites começaram a ser feitos. Marcondes Filho insistia em que não fossem convidados os interventores. Ocorre que os interventores ficaram sabendo das articulações, voltaram-se contra a idéia e, reunidos, foram até Araxá, onde Getúlio fazia uma estação de águas, e manifestaram sua oposição.

Continua Cesarino, em seu depoimento:

"Resultado, diante dessa reação dos interventores, o Getúlio pôs uma pedra em cima. Mas o Marcondes já estava no Ministério do Trabalho. E ele foi muito incorreto comigo, porque ele pôs a culpa em mim. Ele ficou bem e eu mal. Tanto que depois ele passou ao Ministério da Justiça e eu ... é que ele organizou o partido trabalhista e eu fiquei excluído. Completamente excluído, eu que fui o idealizador."

Mais tarde, já em 1953, o jornal A Tribuna de Minas de 11 de abril publica uma coluna que comenta os problemas do P.T.B., responsabilizando o então Senador Marcondes Filho pela "Degringolada do P.T.B. Paulista", criticando sua atuação naquele

momento e lembrando que ele

" abocanhou a pasta do Trabalho_ em detrimento de um candidato que estava naturalmente indicado a ocupá-la, por ser um dos grandes luminares do direito trabalhista, o verdadeiro autor da Consolidação das Leis do Trabalho, penas de pavão com que se enfeita o Marcondes.¹

O mesmo comentário ainda retoma:

"Se nos reportarmos à história política paulista, mais de uma vez depararemos com a ação nefasta do Marcondes, que poderia ter concorrido para elevar o sr. Getúlio Vargas se, em vez de cooperar não tivesse solapado, por pura ambição pessoal, a União Cultural Brasileira, luminosa idéia que nasceu quando o Ditador vinha de acabar com todos os partidos. A U.C.B. seria o primeiro grande partido do país então. Mas o Marcondes tantas fez que provocou a reação dos interventores, os quais foram incorporados a Poços de Caldas, protestar junto à Vargas, contra os vãos do então bi-ministro."²

Embora esse evento não apareça nas memórias de Cesarino Júnior, possivelmente por ter sido uma investida que não deu certo, e cuja lembrança deve causar-lhe um desconforto que não

1. *A Tribuna de Minas Gerais*, 11 de abril de 1953.

2. *A Tribuna de Minas Gerais*, op. cit.

mereceu muita atenção, é detalhadamente contado no depoimento de 1981, onde ele reconhece que saiu perdedor frente a Marcondes Filho e a Getúlio Vargas. No entanto, essa notícia mostra, de certo modo, um reconhecimento de que a posição de Marcondes Filho havia prejudicado o partido e sugere o perfil de um personagem ambicioso apenas interessado no poder.

Por acontecimentos dessa natureza é que se pode perceber a razão pela qual Cesarino denomina o capítulo de *Miragem Política*, pois todas as pretensões políticas, como se perceberá, sempre se desvanecem em meio a interesses, de acordo com a rigidez de princípios que ele se impunha, aliada à pouca habilidade para composições políticas, além de obstáculos suscitados por sua cor.

O certo é que para as memórias, neste momento, Cesarino Júnior deixa transparecer uma vontade de "reabilitar a política" com as propostas de sua nova investida.

Assim, no momento em que se iniciavam as discussões para a eleição da Assembléia Nacional Constituinte, que, por sua vez, iria eleger o Presidente da República, Cesarino Júnior se sentia insatisfeito com o modo como "os políticos" estavam se conduzindo e com as alternativas políticas que se apresentavam.

" Os dois partidos importantes eram o P.S.D. (Partido Social Democrata) que era governista, e a U.D.N. (União Democrática Nacional) que fazia oposição. O Primeiro apoiou o General Eurico Gaspar Dutra e o segundo, o Brigadeiro Eduardo Gomes. Em nenhum deles eu encontrava em seus programas as propostas sociais que me preocupavam, como por

exemplo a participação dos empregados nos lucros das empresas para quem trabalhassem."1

Sentia, através de suas atividades nos meios trabalhistas, que interesses de ordem pessoal, na grande maioria das vezes, acabavam prevalecendo sobre interesses coletivos nas reivindicações políticas. Sentia-se insatisfeito com as agremiações partidárias existentes. Assim, juntamente com outras personalidades que pensavam como ele, resolve criar um novo partido: o Partido Democrata Cristão.

Cesarino Júnior havia recebido forte influência da Igreja em sua formação; os conhecimentos sobre posição doutrinária que tinha aprendido foram suficientes para fazê-lo optar por uma linha política ligada a esses princípios. Embora fizesse questão de deixar claro o caráter aconfessional do Partido.²

Na Europa, o partido havia surgido com a introdução da doutrina da "terceira força", entre a doutrina comunista do Exército Vermelho e um perigoso conservadorismo responsável por estruturas superadas.

No Brasil também vai pretender ter função semelhante, como analisado por uma reportagem da Folha de São Paulo de 8 de Agosto de 1965, que acrescenta que aqui nasceu "encerrando um parênteses na Ditadura Vargas."³

1. CESARINO JÚNIOR , 1982. op. cit. pag 33.

2. Entrevista ao Diário de São Paulo de 21 de abril de 1954.

3. *Folha de São Paulo* de 8 de agosto de 1965.

Assim, Cesarino Junior reuniu-se com alguns colegas do Instituto de Direito Social e outros amigos que compartilhavam as mesmas idéias e fundou o partido. Entre esses estava Alceu Amoroso Lima, o Tristão de Atayde. E aí, novamente, a experiência se repete. Pois, tal como ocorreu com Marcondes Filho, com Amoroso Lima também ficou combinado que ele iria redigir o manifesto do partido, enquanto o próprio Cesarino se dedicaria a organizar o programa.

Há, no depoimento já citado, dado ao CPDOC da Fundação Getúlio Vargas do Rio de Janeiro, uma pergunta referente à origem do partido, que era devida a união de duas correntes, uma do Rio, liderada por Alceu Amoroso Lima, e outra de São Paulo, liderada por Cesarino Júnior, o que ele contesta e afirma que foi ele quem procurou Amoroso Lima para formar o partido. A reportagem, da Folha de São Paulo de 8 de agosto de 1965, já referida anteriormente, afirma que o movimento surgiu inicialmente em São Paulo, por obra de um grupo de intelectuais que tinha à frente Cesarino Júnior, que foi seu primeiro presidente.¹

No depoimento já referido, existe uma alusão a uma notícia publicada pelo O Globo, que, sem maiores detalhes, se refere a Alceu Amoroso Lima como autor do programa do partido, e há uma certa confusão no depoimento a respeito da noção de estatuto, de manifesto e de programa.

O certo é que, mais uma vez, as idéias de Cesarino aparecem creditadas a outra pessoa.

A instalação do P.D.C. ocorreu no Teatro Municipal de

1. Folha de São Paulo op. cit.

São Paulo, em 9 de julho de 1945, data alusiva à revolução constitucionalista de 1932, perante numerosa assistência e grandes festejos. Cesarino Júnior declara instalado o partido; logo após, o decano e modelo dos advogados brasileiros, Dr. Heráclito Sobral Pinto, proferiu magnífica conferência, houve ainda a execução do hino do P.D.C., cuja música fora composta pelo maestro Spartacco Rossi, recebendo a letra de Monsenhor José de Castro Neri, que havia sido colega dos tempos do Culto à Ciência.

O "Jornal de São Paulo" de 10 de Julho de 1945, ao publicar a notícia da solene posse do Diretório provisório do P.D.C., inclui informação a respeito de uma sabotagem na transmissão da solenidade. Na ocasião, depois do discurso de Cesarino Júnior, o diretor da Rádio Cruzeiro do Sul, que deveria transmitir a solenidade, toma a palavra para comunicar que havia recebido uma ligação telefônica da estação transmissora comunicando que uma avaria estava impedindo a transmissão, e informava também que tal avaria havia sido proposital, uma sabotagem. E continua

... o que estava acontecendo já havia acontecido por ocasião da transmissão do discurso de Luís Carlos Prestes, quando se ouvia constantemente na linha uma voz estranha que dizia: "Alô, alô São Paulo". As palavras foram interrompidas por apertes vindos da platéia que diziam: "Isso é obra do queremismo", só mesmo o queremismo teria o desplante de fazer uma coisa dessas!" Ouviu-se uma voz forte que gritou "Abaixo Getúlio!", sendo

essa expressão abafada com uma vibrante salva de palmas que ecoou longamente por todo o teatro."1

Depois disso, durante os tempos de preparação do Partido Democrata Cristão, Cesarino Júnior publica inúmeros artigos em jornais, para explicar suas convicções e divulgar seus princípios, como o longo artigo que escreveu para a Folha da Manhã em 5 de agosto de 1942, onde aparece muito claro aquilo que ele entendia por democracia:

" é um Sistema político que tem por base no governo a vontade e autoridade do povo manifestas por eleições (seleção) da maioria e por fim o bem comum da totalidade desse mesmo povo."2

No mesmo artigo, traça os objetivos que imaginava para o partido que queria organizar:

"O P.D.C. visa estabelecer na prática política o mesmo respeito moral que deve presidir a vida particular. Ora, ninguém nega que a moral do mundo ocidental é a moral cristã. É justamente porque esta moral não tem sido aplicada tanto como deve na vida política, seja interna, seja internacional, que a humanidade tanto tem sofrido com os erros políticos." 3

Mas a grande força do programa estava na:

-
1. *Jornal de São Paulo*, 10 de julho de 1945.
 2. *Folha da Manhã* 5 de Agosto de 1942.
 3. *Folha da Manhã* op. cit.

" reivindicação mais imediata (que) era a elaboração pelos legítimos representantes do povo brasileiro de uma nova constituição de moldes inteiramente democráticos; supressão do Departamento de Imprensa e Propaganda, do Tribunal de Segurança Nacional e revogação das leis de opressão..." 1

Como já foi citado outras vezes, uma das grandes preocupações de Cesarino Júnior, que aparece desde os escritos dos tempos do I Congresso de Direito Social, diz respeito à participação dos trabalhadores nos lucros das empresas, estabelecendo um novo tipo de relações de trabalho, idéia que passa a fazer parte do programa do partido, juntamente com uma preocupação com direitos de trabalhadores rurais. Essa preocupação, para Maria Vitória Benevides, que foi quem elaborou as questões do depoimento, é assim comentada:

"Isso me interessou porque é bastante novo. Durante esse período, mesmo no período mais democrático, de 45 a 64, isso nunca conseguiu ser feito, essa extensão de leis trabalhistas ao campo."2

A esse respeito, Cesarino lembra, no depoimento, que, certa vez, foi a Porto Alegre para uma Semana de Direito do Trabalho e falou sobre a questão do trabalho rural; dizia ele na ocasião que não compreendia

1. *Diário de São Paulo* de 21 de abril de 1945.

2. CESARINO JUNIOR, 1981. Depoimento. op. cit.

"por que o trabalhador urbano tem direito à indenização por despedida injusta e o rural não tem.

O que existe é uma tremenda pressão por parte dos fazendeiros. Toda vez que se fala em fazer alguma coisa pelo trabalhador rural, os fazendeiros vêm dizer: nós é que precisamos de proteção, de financiamentos etc.

E. O nosso fazendeiro ainda vive num regime de feudalismo. Não quer responsabilidade com o empregado e é tremendamente reacionário. Fui convidado a fazer uma conferência e expor meus pontos de vista na Associação Rural e não aceitei de forma alguma, explicando: "Se eu for vou dizer verdades que vocês não gostarão de ouvir. ...nossos trabalhadores do campo não têm ninguém por eles. E eu apelo para os estudiosos do Direito Social...que formem esse verdadeiro apostolado que para nós tem consistido no combate em favor de uma Legislação Social para o trabalho agrícola." 1

O discurso teve tal repercussão, que o jornal publica no dia seguinte uma reportagem a respeito, com uma grande manchete: "NOSSOS FAZENDEIROS SÃO TREMENDAMENTE REACIONARIOS", o que causou um grande impacto na política gaúcha, uma vez que, na Câmara dos Deputados, houve dois discursos contra a fala de

1. *A Hora* (Porto Alegre) 9 de Agosto de 1955.

Cesarino Júnior.

O partido vai se desenvolvendo, despertando grande entusiasmo. Os companheiros do Instituto de Direito Social, segundo depoimento de João Clímaco, irmão de Cesarino, acabaram tomando parte ativa no partido, entre eles o padre Sabóia de Medeiros e o grande amigo Ruy de Azevedo Sodré. Cesarino Júnior faz inúmeros convites aos colegas da Faculdade de Direito que ainda não tinham vinculação partidária e recebe alguns apoios importantes, inclusive a adesão do mais tarde diretor, Prof. Dr. Alvinho Lima, e do presidente da associação Comercial na época, cujo nome aparece ilegível no original das "Memórias de um Pajem". Entretanto, Cesarino Júnior parece fazer questão de deixar registrado que, ao convidar outros dois colegas, como os professores Mário Masagão e Honório Monteiro, estes disseram que não pretendiam filiação a nenhum partido e que, por fim, "mudaram de opinião", como acentua Cesarino, e acabaram entrando em outras agremiações.¹

O partido desperta também interesse no embaixador da Itália, berço da democracia cristã, que veio a São Paulo e ofereceu a Cesarino Júnior um jantar no Hotel Esplanada, como forma de expressar apoio à iniciativa de organizar o partido aqui no Brasil.

Para Cesarino Júnior, a democracia cristã era a arma contra o comunismo. Aparece em um jornal, "O Imparcial", uma declaração sua:

"O comunismo está tentando destruir no Brasil tudo

1. CESARINO JUNIOR, 1982. op. cit.

o que temos de belo , construtivo e respeitável, é uma séria ameaça a nossa ordem interna".¹

Entretanto, admirava as manifestações democráticas, como sua declaração publicada no Diário de São Paulo de 3 de dezembro de 1945, quando opina sobre um debate triangular proposto por Oswald de Andrade:

"Penso que numa democracia a luta deve ser entre idéias e até mesmo entre ideologias. Isso é prova de educação democrática pois os combates personalistas entre grupos ou indivíduos, é a negação da democracia. Assim sendo, vi com intensa satisfação a sabatina entre o padre Saboia de Medeiros e o senhor José M. Crispim, como vejo com satisfação a repetição desses debates com a participação do senhor Oswald de Andrade. Entendo que os adversários de idéias devem ser convencidos pela força dos argumentos, não pelo argumento da força"²

Ainda como parte das memórias, conta Cesarino que, logo depois de instalado o partido, recebeu, na qualidade de presidente, dois convites muito interessantes e com idêntico teor: ambos envolviam o apoio do P.D.C. às candidaturas do P.S.D. do General Dutra, e da U.D.N. do brigadeiro Eduardo Gomes, em troca da indicação de Cesarino para ministro do Trabalho no

1. *O Imparcial* 11 de Dezembro de 1946.

2. *Diário de São Paulo* 3 de Dezembro de 1945.

futuro governo Federal.

Declara ele:

"Respondi com apoio de meus companheiros da direção que o P.D.C. dava liberdade a seus membros para votarem no candidato à presidência que preferissem, fazendo questão apenas de eleger deputados à Constituinte, a fim de colocar seus princípios na futura Carta Magna e nada mais".¹

Outro ponto que é tratado em sua narrativa com muito cuidado é com referência a sua saída do P.D.C.. Ele conta que, depois de

"uma infeliz aliança com políticos de Pernambuco, o P.D.C. obteve 70.000 votos, elegendo dois deputados à Assembléia Nacional Constituinte, um por Pernambuco, outro por São Paulo, ficando eu com a suplência, à qual renunciei em virtude dos rumos tomados pelo partido em total oposição aos meus princípios."

No entanto, outros depoimentos narram com maiores detalhes esse acontecimento.

Em seu depoimento de 1981 há maiores detalhes sobre os políticos de Pernambuco:

"Antes da eleição eu recebi uma adesão de um grupo muito grande de Pernambuco, chefiado por Monsenhor

1. CESARINO JUNIOR, 1982. op. cit. pag. 33.

Arruda Câmara, que eu não sabia quem era. Eu fui duas vezes enganado. Política... por isso que eu me afastei, porque no fundo a política é mais sujeira que outra coisa....Com o grupo de Pernambuco o partido ganhou a eleição e tivemos 70 mil votos, fizemos dois deputados, em Pernambuco o Monsenhor Câmara, que depois vim saber que era político daqueles que eu detestava, e aqui em São Paulo o Manuel Vitor, locutor de rádio do programa Ave Maria , que pediu votos em nome de Nossa Senhora...eu fiquei suplente dele. Ele era radialista e eu um reles professor da Faculdade de Direito."¹

O depoimento de seu irmão mais moço, João Climaco, que se tornou secretário do partido, vem esclarecer alguns detalhes:

"Antes da eleição, aparece no partido, querendo entrar para o P.D.C., o Manuel Vitor, que tinha o programa da Ave Maria todos os dias no rádio. Ele não tinha grande competência, mas era muito conhecido como o "Homem da Ave Maria"! e queria ser candidato a Deputado.² O partido era democrático e

1. CESARINO JÚNIOR, 1982. Depoimento op. cit.

2. Para mostrar o modo como a Igreja participou da eleição, Cesarino diz em seu depoimento: "Havia uma tia, uma senhora que foi criada em nossa família e que nós tratavamos como tia e que eu sustentava, cuidava dela, muito idosa, ela votou no Manuel Vitor e não em mim, porque os padres mandaram."

ninguém podia impedir, meu irmão era muito fechado, achava que os de fora tinham que reconhecer seu valor e não se projetou na campanha. Mas o Partido reconhece que "o homem da Ave Maria" não tinha preparo para projetar o nome do partido. Assim, no colégio Paulistano, fizeram uma assembléia, onde foi feita ao Manuel Vitor uma proposta, que não partiu do meu irmão, para que o Manuel Vitor se afastasse da Câmara, para o Cesarino assumir sem os vencimentos que seriam repassados ao Manuel Vitor, que não aceitou. Então Cesarino se levanta e diz alguma coisa como: "Embora eu seja o fundador do partido, este seja a menina dos meus olhos, eu renuncio à menina dos meus olhos!" e deixa o partido muito desanimado."

A renúncia de Cesarino Júnior causa muitas surpresas nos meios políticos de então, assim como recoloca alguns aspectos de sua personalidade que estavam sendo cogitados, como aparece nesta pequena coluna do Diário da Noite de 17 de junho de 1946, que merece ser transcrita. Com o título: "Quem Diria?" diz o jornal:

"Assoalhavam as más línguas que o professor Cesarino Jr. tinha pendores pela ascensão na política, e que, por isso, seria, de vez, incapaz de renunciar a qualquer ensejo de lançar-se nas hostes de sua agremiação, com papel preponderante. Recente notícia, todavia, desmente aquele comentário maldoso, pois o sr. Cesarino Jr. acaba

de renunciar ao lugar de lo. suplente de deputado pelo P.D.C., em favor do sr. Jaime de Moura, residente em São Vicente. Aqui está um episódio significativo de sagacidade. Certamente o operoso professor de Legislação Social já teve conhecimento de que o pintam com tintas muito carregadas, no que tange a não por de lado ensejos de aparecer e fazer sentir a pujança de seu talento. E, agora, pois, para contrariar tudo quanto vai de maldoso nos que assim pensam dele, resolveu categoricamente demonstrar que os seus inimigos íntimos estão enganados, razão por que renunciou à suplência, que, como quer que seja, não sendo cadeira parlamentar propriamente dita, é uma gorda expectativa disso. Foi sagaz e inteligente no gesto. Nesta altura, os seus inimigos íntimos estão dizendo:_"Ora vejam só! Mas quem diria, Hein?"¹

Essa sua atitude, embora dramática, não aparece referida em noticiários, não aparece de modo explícito nos documentos, mas podemos compreender o modo como estava encarando a situação por seus escritos subseqüentes. Como em um artigo publicado em A Gazeta de 5 de Setembro de 1955, em que acentua:

"... nosso sistema eleitoral de maneira alguma nos poderá levar a uma verdadeira democracia.

... os métodos de escolha de candidatos, de propaganda e até mesmo de apuração e recepção dos

1. *Diário da Noite* 17 de Julho de 1946.

sufrágios são absolutamente imprestáveis para a obtenção de tão elevado "desideratum."

A escolha dos candidatos é feita , tendo em vista, geralmente, apenas as conveniências partidárias, muitas vezes sem nenhuma preocupação séria com as aptidões dos pretendentes aos cargos públicos para seu exercício consciente e eficiente".¹

Mesmo tendo sido derrotado, o nome de Cesarino Júnior tinha se tornado respeitável no meio político, pois carregava a competência em questões ligadas ao direito do trabalho e prestígio político partidário decorrente de sua experiência.

E, dias mais tarde, em coluna publicada pela "Tribuna" de Santos de 23 de Setembro, aparece o seguinte comentário de Cesarino Júnior :

"A eleição deve ser uma seleção, obviamente dos melhormente dotados para as atividades governamentais. Os candidatos deverão apresentar atestados de sanidade física e mental e certidão negativa de antecedentes criminais, folha corrida da polícia e fazer provas de português, geografia e de história do Brasil ... além de conhecimentos da Constituição Federal, da Constituição do Estado e do Código Eleitoral...Assim como a arquitetura deixou os velhos estilos de edificios de fachadas imponentes ocultando alcovas escuras e anti-higiênicas, também a nossa democracia deve

1. A Gazeta 5 de Setembro de 1955.

abandonar as velhas formas palavrescas e demagógicas para se transformar numa democracia funcional."¹

Com a retirada de Cesarino Júnior do Partido Democrata Cristão, numerosos amigos e companheiros saíram com ele, inclusive seu filho Nelson Luiz, já advogado e militante político, em quem o pai depositava grande esperança, provocando sensível esvaziamento do quadro partidário.

Em uma coluna do jornal "A Última Hora" de 1 de fevereiro de 1954, intitulada Nos bastidores da Política, cujo autor não pôde ser identificado, devido a um corte na notícia do jornal, aparece em uma nota, com o título: "Antropófagos cristãos", uma lembrança de 1945, quando Cesarino organizava o P.D.C. e havia convidado o articulista para aderir à agremiação. Este quis, antes de decidir, examinar a relação dos nomes que já participavam; diante deles, advertiu a Cesarino:

"Deixe esses planos, se vai mesmo pô-los em prática tome cuidado para que seus companheiros não o expulsem do partido".

E continua,

"poucos meses depois o fundador era devorado e, hoje, milita na seção estadual de P.T.B. Parece que os novos cristãos ao menos diferem dos primitivos; comem a si próprios e comem até mesmo os leões na

1. *A Tribuna* (de Santos) 23 de Setembro de 1955.

arena."¹

Logo que saiu do P.D.C., Cesarino Júnior foi assediado por inúmeros outros partidos. Conta o depoimento de seu irmão que Hugo Borghi, do P.T.B., oferecia o que ele quisesse e prometeu que o elegeria apenas com os votos de Campinas, onde ambos desfrutavam de muito prestígio. Adhemar de Barros chegou a oferecer cargos, caso alguma aliança fosse concretizada.

Como celebridade que acabava de se tornar, Cesarino Júnior foi vítima de inúmeros boatos, entre eles o de que entraria para o partido Integralista. Diante disso declara:

"Quanto à afirmação de ter eu passado para as fileiras do antigo partido integralista, posso garantir que, se devesse escolher um partido extremista, nunca seria o da direita".²

A manchete dessa notícia anuncia que Cesarino estava defendendo os comunistas.

Há uma notícia na Folha da Manhã de 14 de Janeiro de 1949 referente a um convite para que Cesarino entrasse para o partido, e sua resposta é de que ficaria fora da luta partidária.³

Cesarino Júnior não queria mais saber de política, a miragem já havia se desvanecido, até que seu filho mais velho, Nelson Massaroto Cesarino, que havia militado com ele no P.D.C.,

1. *Última Hora* 1 de Fevereiro de 1954.

2. *Folha da Noite* de 10 de Outubro de 1946.

3. *Folha da Manhã* de 14 de Janeiro de 1949.

"muito relacionado e desejoso de voltar a atividade política, ele e aqueles companheiros procuraram ingressar em outros partidos, para neles serem candidatos a deputados. Em todos recebiam a resposta de que somente seriam neles admitidos se eu concordasse em acompanhá-los. Depois de várias recusas, ouvi do meu próprio filho que eu estava sendo um obstáculo à sua carreira política e não tive outro remédio senão o de ingressar por duas vezes em partidos trabalhistas, juntamente com aqueles companheiros, e o de concordar em que meu nome fosse incluído em suas chapas, embora lhes houvesse várias vezes reafirmado minha total indiferença.¹

A entrada de Cesarino no P.T.B. é registrada pela imprensa como "uma verdadeira fusão", e ele explica as "vantagens da adesão do P.D.C."

"Diversos fatores farão com que seja vantajosa a adesão do P.D.C.. Primeiro: a demonstração de que o P.T.B. nada tem que ver com o comunismo, nem é hostil aos próprios elementos patronais que seguem as leis do Trabalho, pois que nosso programa não é de hostilidade a todos os patrões, mas apenas aqueles que não cumprem as leis trabalhistas".²

1. CESARINO JÚNIOR, 1982. op.cit. pag.34.

2. *Jornal Trabalhista* de 31 de outubro de 1946.

É nessa ocasião que Cesarino se candidata a Deputado Federal pelo PTB e que aparecem na propaganda política, pintadas nos muros da cidade, inscrições como: "*Não vote em branco, vote em Cesarino Júnior!*", numa nítida referência à condição racial do candidato.

Em sua propaganda há sempre referências à sua origem humilde, ao fato de ter sido feito pelo próprio esforço. Na maioria das fotografias de propaganda eleitoral ele aparece com beca bordada da Faculdade de Direito. Mesmo estando desanimado com a política, participou de grandes comícios antes de se retirar definitivamente da vida partidária.

A miragem estava definitivamente desvanecida!

Embora desiludido com política partidária, Cesarino militava intensamente na vida política do país, defendendo acirradamente os direitos dos trabalhadores, participando do Congresso Brasileiro para as Reformas de Base como delegado de São Paulo, reafirmando:

" a participação nos lucros se baseia no fato de ser o salário uma redistribuição insuficiente da colaboração prestada pelo empregado à obra da produção".¹

Nessa época, há notícias de um acalorado debate entre Suplicy de Lacerda e Cesarino Júnior, sobre reforma constitucional.

"Enquanto o reitor defendia a tese lacerdista de

1. *Folha de São Paulo* de 15 de Janeiro de 1963. Como se pode observar, essas reivindicações de Cesarino datam do início de sua carreira pública.

que pode haver reforma agrária sem alteração da Carta Magna , o professor Cesarino mostrava a fraqueza desses argumentos. Quem assistiu, achou que o reitor esteve menos magnífico que o professor.¹

Quando em narrativa de suas memórias, Cesarino Júnior conta que, certa vez, em viagem a Porto Alegre, em 1942, recebeu no hotel a visita de Raul Pilla, político brasileiro, ligado ao Partido Libertador, parlamentarista convicto, que defendeu sempre a instituição desse sistema de governo no país, tendo apresentado no congresso várias emendas constitucionais com esse objetivo. Raul Pilla era adversário político de Getúlio Vargas. Tal visita foi considerada por Cesarino como grande honra, por poderem discutir a questão do parlamentarismo, que era também o sistema de sua predileção.

No entanto, na eleição de 1962, vota contra o parlamentarismo, afirmando:

"Parlamentarismo é um regime ideal para os países que já tem educação política desenvolvida, onde o número de partidos é reduzido".²

Demonstrava ele, aqui, seu conhecimento de que, naquele momento, a providência parlamentarista era ilegítima se apenas implantada. Assim, defende o plebiscito já:

"Só assim (com o plebiscito) o parlamentarismo

1. *Ultima Hora* de 19 de maio de 1963.

2. *Correio Paulistano* de 26 de maio de 1962.

adotado como solução de emergência poderia ter legitimidade".¹

Em seu depoimento de 1989, reafirma essa predileção, assim como também faz comentários otimistas com relação à política brasileira, uma vez que estávamos às vésperas das eleições presidenciais e ele declara que é com grande entusiasmo que via Lula, Luis Inácio da Silva, um ex-operário, candidato à presidência da República.

Observa ele na ocasião:

Hoje estamos numa situação bem diferente, agora os trabalhadores já estão mais esclarecidos, agora temos um candidato a presidente da República que é operário, o Lula. Isso me deixa muito satisfeito, porque mostra a elevação cultural.

O trabalhador antes era substituto do escravo, não era ninguém. Hoje estou entusiasmado com o progresso da classe trabalhadora. Eu fico contente por ver que a base disto tudo está naquela idéia nossa. Eu me orgulho de ter interferido no espírito de um homem público tão importante." ²

Ouvindo essas palavras, nem parece que foram ditas pela

1. Declaração dada para a Última Hora em 5 de Setembro de 1962, e mostra que havia uma expectativa com a vitória do presidencialismo.

2. Nesse momento, Cesarino estava se referindo a Roberto Simonsen.

mesma pessoa que anos atrás se mostrava tão exigente com o preparo escolar dos candidatos a cargos político-administrativos, como já foi relatado. Ele também havia mudado!

A CARREIRA INTERNACIONAL E A MEDICINA

"Mens sana in corpore sano in ambiente sano".

máxima de Juvenal, sátira X, 356.

completada por A. Cesarino.Jr.

A epígrafe acima revela o modo como Cesarino Júnior compreendia a "questão social" e via a vida do trabalhador de modo global. Disse em seu depoimento que

"as discussões a respeito de questões trabalhistas não podiam prescindir de aspectos ligados as condições de saúde do trabalhador".

Assim, manteve vivo interesse no assunto.

Esse interesse, que sempre esteve muito presente em sua carreira, é documentado em 1942, quando aparecem nos jornais artigos referentes ao compromisso do Estado com questões de saúde, com relação ao seguro doença e a busca de uma forma de maior eficiência para garantir a saúde do trabalhador.

"É um truismo ser a saúde um dos maiores bens para o homem. Daí que, dado o intervencionismo hoje vigente em todo mundo, deve ser a proteção à saúde do povo, seja na forma de prevenção a moléstias, ou higiene (profilaxia), dos enfermos, maximé se de

moléstias contagiosas, um dos principais deveres do Estado".¹

Mas suas preocupações aumentam justamente quando de suas primeiras viagens internacionais.

Foi em 1942, logo depois do grande sucesso do I Congresso de Direito Social, que os primeiros convites internacionais começaram a aparecer. O primeiro foi do Presidente Alessandri, em nome do Governo do Chile, para participar da I Conferência Interamericana de Previdência Social, em que ele trataria de segurança social, que é considerada uma ciência pluridisciplinar," pois necessita de subsídios não somente de Direito, mas também de _ e às vezes, principalmente _ da Medicina e das Ciências Atuariais".²

Antes de chegar ao Chile, passou por Porto Alegre, onde fez conferência, denominada "Conquista que a Guerra não conseguirá destruir", em que ele discute aspectos da legislação social brasileira, já tratados anteriormente, em que procurou mostrar que nossa legislação não era fascista³. Chegou a ser efusivamente aplaudido por uma platéia gaúcha quando disse:

" A legislação Social brasileira só copiou do ponto

1. *A Manhã* Rio de Janeiro, 11 de Novembro de 1942.

2. CESARINO JÚNIOR, 1981. op. cit. pag 25.

3. O jornal *Diário de Notícias* de Porto Alegre, de 9 de Setembro de 1942, publica reportagem sobre esse discurso e passagens onde Cesarino explica que tanto na legislação italiana quanto na Brasileira o Trabalho é um dever Social, mas para o fascismo isso significa contribuição para o reforço da potência nacional; para a legislação brasileira o trabalho é considerado meio de subsistência e por isso é protegido pelo Estado.

de vista técnico certas normas da Carta do Trabalho italiana. Não copiou, nem poderia te-lo feito, na alma, porque a alma brasileira é profundamente diferente!"¹

Nessa mesma ocasião, há uma notícia a respeito dessa mesma conferência, que seria repetida para uma platéia de Ribeirão Preto. Ai todos os jornais da cidade noticiam com dias de antecedência a chegada na cidade de uma celebridade. Mas o Jornal "O Diário da Manhã" de 21 de Agosto, ao anunciar sua chegada, chama a atenção para "O ilustre jurista **patricio** que falará amanhã ..." e o "A Cidade" de 23 de Agosto que fala de "brilhante intelectual **patricio**..." Ambas as notícias tecem os maiores elogios a sua personalidade; no entanto, ao usarem um eufemismo com a palavra patricio, estariam, como diria Bourdieu, "impondo uma censura à manifestação aberta de violência, tornando-a simbólica." ²

Quando passou pela Argentina, foi recebido por professores da Universidade de Santa Fé, entre eles Mariano Tissembaum, que vai participar de entidades fundadas por ele, e participou de uma aula sobre o Direito Social Brasileiro na Universidade. Ambas as passagens foram amplamente noticiadas pela imprensa, com cobertura fotográfica, sempre com palavras

1. *Diário de Notícias* de Porto Alegre op. cit.

2. BOURDIEU, *Les Sens Pratique* op. cit. pag. 217.

elogiosas à pessoa de Cesarino Júnior.¹

Em Santiago, foi recebido por um professor com quem já havia mantido correspondência científica, Prof. Francisco W. Linares. Na conferência, como tinha sido convidado, não deveria passar de observador, mas a delegação do Brasil acabou por incorporá-lo e, assim, ele participou como único representante do país em muitas situações. E aí, em uma situação em que representava o Brasil sozinho, e tinha que discutir aspectos médicos da questão social, sentiu que a sua intervenção "era mal vista pelos esculápios",² tendo, com isso, recebido um tipo de tratamento que ele classificou em suas memórias como

" antipático ao mesmo tempo em que me fazia reconhecer mais ainda a ligação da Medicina com a minha especialidade me levou à idéia de me diplomar médico, para deixar de ser um intruso em futuras oportunidades semelhantes. Por isso quando voltei ao Brasil comecei a me preparar para tanto."³

Assim, em 1946, decidiu prestar vestibular para a Escola Paulista de Medicina, tomando para isso alguns cuidados: o primeiro deles foi escolher uma escola particular, para não tirar a oportunidade de outro estudante em escola gratuita; outro cuidado foi o de prestar vestibular e de nunca prevalecer-se de

-
1. *La Mañana* de Santa Fé 22 de setembro de 1942.
El Litoral de Santa Fé de 22 de Setembro de 1942 .
El Ordem de Santa Fé de 22 de Setembro de 1942.
 2. CESARINO JÚNIOR, 1981. op. cit. pag. 57.
 3. CESARINO JÚNIOR, 1982. op. cit.

sua condição de professor catedrático para ter qualquer tipo de facilidade. Declara ele que jamais imaginou as repercussões dessa sua atitude.

Na Escola Paulista de Medicina, desde os exames vestibulares, os professores se mostravam meio constrangidos com o aluno doutor, procurando tratá-lo de modo especial. No entanto, acabaram se acostumando, pois ele insistiu em comportar-se como um aluno comum: usando o mesmo tipo de armário e frequentando o pátio com a mesma simplicidade de qualquer outro estudante. Assim, tal como em outras experiências que de início pareciam difíceis, acabou por conquistar simpatias e teve esse reconhecimento comprovado por uma homenagem concretizada em um pergaminho que recebeu, assinado por todos os colegas. A esse respeito, declara em suas memórias:

“E, para mostrar que não tive nenhuma facilidade especial durante o curso, devo confessar meio envergonhado, que tive de fazer duas matérias em segunda época: Microbiologia e Farmacologia.”¹

Cesarino Júnior, dessa vez, foi escolhido para proferir o discurso de formatura, quando pôde demonstrar sua preocupação com Medicina Social e do Trabalho, pronunciando um discurso intitulado *“O médico na era da Medicina Integral”*

A formatura, desta vez, surpreende pela excepcionalidade: aos 46 anos, um doutor advogado também se torna médico. A surpresa fez merecer grande cobertura nos jornais da

1. CESARINO JUNIOR, 1982. op. cit.

época e uma série de reportagens no jornal O Tempo. ¹ O repórter escreve:

"O fato de um professor receber o diploma de médico não diz muita coisa. Mas acontece que o homem é Cesarino Júnior, dono de movimentada banca de advocacia, consultor de uma dezena de entidades, professor de duas faculdades, diretor de institutos, orientador de seminários, e com livros no prelo.

Cesarino fez o curso de Medicina com assiduidade acima da média ..".²

Antes disso, mas nesse mesmo ano, enquanto dava uma entrevista a respeito de conferências que havia feito em universidades alemãs sobre a legislação social brasileira, numa nítida manifestação de seu espírito pioneiro, lembrou que:

" Em dezembro próximo termino o meu curso de medicina, indo lecionar na Faculdade de Medicina a cadeira de Medicina do Trabalho, ali introduzida. É a primeira instalada no Brasil e talvez em toda América Latina".³

1. Tal reportagem foi baseada em entrevista de Cesarino Júnior concedida ao jornalista Vergniaud Gonçalves entre 30-12-1952 e 4-1-1953, em 4 sessões. As informações aí obtidas foram de grande importância porque recuperam a história da família Cesarino desde os tempos do velho tropeiro, a partir do ponto de vista de Cesarino Júnior.

2. *O Tempo*, dezembro de 1952/Janeiro de 1953 já cit.

3. *A Tribuna* (de Santos) 31 de Outubro de 1952.

Nesta ocasião, já havia publicado trabalhos sobre a importância da Medicina do Trabalho para os cursos de Medicina, já havia visitado, em Londres, experiências semelhantes às que pretendia implantar aqui, e acabou por ingressar na Faculdade de Higiene e Saúde Pública da Universidade de São Paulo, tendo se formado Médico Sanitarista com muitos cursos de especialização e vários artigos publicados.¹

No entanto, nunca trabalhou como médico, limitando-se a dar aulas na Faculdade de Medicina da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, que funcionava em Sorocaba, onde trabalhou até mesmo depois da aposentadoria compulsória na Universidade de São Paulo, uma vez que, em se tratando de uma Universidade particular, isso era possível.

Como no Direito, a Medicina do Trabalho, para Cesarino, constituiu-se em um espaço de importantes realizações. Fundou e participou de entidades associativas, ocupando cargos importantes, como presidente eleito da Sociedade Paulista de Medicina Social e do Trabalho, realizando cursos patrocinados pela Escola Paulista de Medicina, com nomes reconhecidos nos meios acadêmicos.

Ainda fundou a Associação Nacional de Medicina do Trabalho, tendo sido presidente da entidade e participou da fundação do Centro Nacional de Higiene e Segurança do Trabalho . Todas essas atividades conduziram Cesarino Júnior a uma carreira de projeção internacional, visitando universidades, dando cursos e muitas vezes sendo recebido fora do Brasil como celebridade. De

1. CESARINO JUNIOR, 1981. op. cit. pag.29 e 29a.

acordo com depoimento de sua mulher, D. Flora, foram recebidos em Coimbra com grandes homenagens, e os estudantes estenderam as capas no chão para que passassem por cima.¹

Ainda de acordo com o depoimento de seu irmão, o grande prestígio que tinha no exterior colaborou para que ele negociasse a permanência, lá fora, de inúmeras pessoas, durante o período da repressão.²

Embora a carreira internacional de Cesarino Júnior tivesse começado com a viagem para o Chile em 1942, ela já vinha sendo cultivada através de correspondência científica e sobre assuntos relativos ao Direito do Trabalho.

Em 1950, Cesarino Júnior funda a Sociedade Internacional de Direito Social, e a sua dupla carreira se junta. Pois, como já foi mostrado, a concepção de " questão social", tal como ele expressa desde o início da carreira, não permitia compreender trabalho e saúde separadamente. Nessa entidade ele se encontra com " juslaboristas latino-americanos e europeus", nomes altamente conceituados, com quem desenvolve uma relação de amizade . E, assim, passa a frequentar os mais importantes encontros internacionais.

Em 1951, Cesarino participou do I Congresso Internacional de Direito do Trabalho, organizado por um professor italiano, Renato Balzarini, quando presidiu uma das

1. Conversa dona D. Flora Massaroto Cesarino em cerimonia de homenagem ao Professor Cesarino, em 4 de Novembro de 1992 promovida pelo Instituto Brasileiro de Direito Social, na sala da Congregação da Faculdade de Direito do Largo de São Francisco.

2. Depoimento do Sr. João Climaco Cesarino op. cit.

sessões.

Em 1954, ele próprio organiza e preside em São Paulo o I Congresso Internacional de Direito Social, organizado pela Sociedade que ele havia fundado e tem o companheiro Ruy Azevedo Sodré como secretário geral; era o IV Centenário da Cidade e ocorrem grandes festividades, com a presença do Ministro do Trabalho da Venezuela e do vice-presidente da Organização Internacional do Trabalho.

Quando ocorre o II Congresso, no ano de 1967, em Genebra, Cesarino não comparece, embora tivesse sido convidado. Declara em suas memórias que se ausenta porque seria discutida a fusão de entidades de Direito Social e do Trabalho, que envolvia interesses da Sociedade Internacional de Direito Social, da qual ele era presidente, e, com sua ausência, o grupo reunido no encontro ficaria livre para decidir.¹

Em 1958, o Congresso ocorre na Bélgica e aprova os estatutos da Sociedade Internacional de Direito do Trabalho e Segurança Social. São eleitos: para presidente, o Prof. Paul Durand; para secretários: Profs. Alexandre Berenstein e Ruy Azevedo Sodré. Ambos tinham se tornado muito amigos de Cesarino Júnior, que acabou sendo eleito como presidente honorário da entidade.

De 1963 até 1978, a Sociedade Internacional de Direito do Trabalho e Segurança Social promoveu cerca de cinco congressos, sendo que Cesarino Júnior só não compareceu a um, o que ocorreu em Varsóvia. No X congresso, que foi realizado em

1. CESARINO JUNIOR, 1982. op. cit. pag.37.

Washington, em 1982, Cesarino Junior foi eleito novamente presidente da entidade.

Por volta de 1976, quando estava recebendo as homenagens pela aposentadoria na Faculdade de Direito, foi comunicado que estava sendo indicado como membro da comissão de peritos da Organização Internacional do Trabalho, sendo reconduzido ao cargo por três mandatos.

Dai para a frente, Cesarino Junior, mesmo aposentado, dá aulas na universidade, continua atuando intensamente na área Internacional do Direito do Trabalho, publicando obras e participando de encontros. A última referência a esse trabalho, registrada em suas memórias, é datada de 1982, e trata-se de uma menção muito superficial à sua participação numa conferência da Organização Internacional do Trabalho como Presidente da Sociedade Internacional de Direito do Trabalho e Segurança Social.¹

No entanto, no momento da gravação de seu depoimento, em 1989, (Cesarino Júnior estava, portanto, com 83 anos), fez questão de retomar esses fatos, que, segundo ele, ainda não haviam sido registrados.

Embora algumas pessoas da família houvessem me advertido de que sua memória poderia apresentar algumas falhas devido a problemas de saúde, ocorridos exatamente no momento desse congresso, elas não aconteceram, principalmente no que se referia a antigos acontecimentos, pois aí suas lembranças eram muito nítidas e referendavam a documentação já consultada em

1. CESARINO JUNIOR. 1982. op. cit. pag. 39.

jornal. Ele se recordava dos nomes de pessoas, de situações, e de passagens pitorescas com muita precisão.

Mas, no que se refere à lembrança de sua saída da Organização Internacional do Trabalho, a memória a respeito do fato parecia estar sendo construída no decorrer da entrevista, pois, sempre que, no meio da conversa, surgia alguma referência ao Direito do Trabalho, ele mesmo retomava o assunto.

Havia acontecido qualquer coisa que o incomodava e que agora ele estava disposto a enfrentar..

Na primeira referência ainda não aparecem muitos detalhes, ele apenas conta que:

"Há uma coisa engraçada, a vida inteira eu tive paixão pela Hungria, desde menino eu sempre quis conhecer a Hungria. Aí, me deu a idéia de fazer um congresso na Hungria. Falei com o Presidente (da República da Hungria), ele aceitou e deu todo apoio e o congresso foi lá. Ia indo tudo bem, no meio do Congresso eu me senti tão cansado, estava fora de casa há tanto tempo, que resolvi vir embora."

A segunda vez que Cesarino retoma a questão em seu depoimento, as lembranças já aparecem mais nítidas:

"Percorri toda Europa fazendo encontros e pequenos congressos, dei cursos e cheguei na Hungria, já lhe contei que eu tinha especial fascínio pela Hungria. Tinha muita vontade de conhecer a Hungria! Não havia razão especial, era uma atitude romântica. Me vali de apoio do Governo, do presidente, da OIT e começamos o congresso. Devo muito a um professor de

Genebra, o Alexandre Berenstein. Éramos como irmãos, trabalhamos juntos por muitos anos, mas nesse último ano foi muito cansativo.

Quando cheguei a Budapeste estava cansadíssimo, o Berenstein era o vice-presidente do congresso, e o da Venezuela também era vice-presidente. Então eu presidi a abertura e uma das reuniões que tinha gente do mundo inteiro. Não sei o que houve com Berenstein, não me lembro, porque fiquei perturbado, houve qualquer coisa, tive a impressão de ter respondido mal a ele. Nós éramos muito amigos, então, eu suspendi a sessão, provisoriamente, é claro, parei para pensar, voltei, reabri a sessão, fui até o fim e, quando terminou, resolvi vir embora. Não falei com ninguém, fui ao presidente e comuniquei que no dia seguinte eu ia embora. Faz quatro anos."

E o relato é retomado pela terceira vez, agora enriquecido de outros detalhes:

"Quando lhe contei do Congresso, do último, em Budapeste, eu estava tão cansado! O ano inteiro passei na Europa, estava aposentado e trabalhava com mais liberdade, eu me cansei muito, tanto que, como lhe contei, numa das sessões desse congresso, o Alexandre Berenstein, éramos como irmãos, foi o cansaço, ele fez qualquer objeção, pediu qualquer coisa, eu era o presidente e respondi qualquer coisa, e suspendi a sessão, mas fiquei com a

impressão de que eu o tinha maltratado, eu estava cansado e tinha sido grosseiro com ele, eu o estimava tanto! e estimo ainda, embora não tenhamos mais relações, por que eu diante disso resolvi abandonar tudo. Acabou a reunião e eu fui ao presidente da república e disse que não ia mais continuar e não falei mais com ninguém, a senhora é a primeira pessoa para quem estou contando isso.

O quadro estava quase inteiro , as lembranças já faziam sentido para ele, que completa:

"Estávamos em Budapeste e tínhamos que passar por Genebra, quem me acompanhou foi o meu amigo da Venezuela, agora me lembro é o Rafael Caldera, ele tinha me dito que precisava antecipar sua volta; quando acabou a reunião sentei-me à mesa de almoço com ele, fui até ele e disse que ia voltar. Mas para a senhora ver como foi o golpe que eu senti. Eu levo as coisas muito a sério, e a impressão que eu ofendi o Berenstein, que era como um irmão para mim, e não falei mais com ele. Não falei mais com ninguém. Então no dia seguinte eu vim embora, e eu nem conheci Budapeste, porque fui direto para o Congresso. O Rafael Caldera foi quem me fez passear, me levou para conhecer a embaixadora da Venezuela, fomos a um banquete e depois fiquei dois dias sozinho no hotel."¹

1. CESARINO JUNIOR, 1989. Depoimento. op. cit.

Como a transcrição do relato indica, a lembrança dos detalhes vai gradualmente recuperando o quadro total. A seqüência demonstra o crescimento da memória, que quase se completa.

A impressão que fica é de que, se a conversa tivesse continuado, ele teria conseguido lembrar exatamente qual foi o fato que o traumatizou naquela ocasião. Mas a' entrevista precisava ser interrompida, e, na segunda sessão, outras preocupações surgiram e uma última versão não ocorreu.

Mas o que quer que tenha acontecido, foi o suficiente para transtorná-lo a ponto de fazê-lo abandonar a atividade de que mais gostava.

Nesse ponto, vale a pena retomar Ecléa Bosi:

" A memória das pessoas também depende desse longo e amplo processo, pelo qual sempre "fica" o que significa. E não profundamente alterado...o efeito seria o de esquecer tudo que não fosse "atualmente" significativo para o grupo de convívio pessoal".¹

Essa passagem sugere que o excessivo rigor de que os antigos alunos tanto reclamavam, não era aplicado só aos outros; a saída drástica do congresso tem um sentido de auto-punição, como um castigo pela indelicadeza cometida contra o amigo.

1. BOSI, E. *Lembranças de Velhos* S.P. EDUSP/T.A. Queiroz 1987 pag. 27.

A TRAJETORIA E A RECONVERSAO

"Tendo assim reunido numerosas experiências existenciais, principalmente as de um bisneto de tropeiro que, de menino tão pobre a ponto de andar descalço, chegou a professor emérito da prestigiosa Faculdade de Direito da U.S.P., presidente de Sociedade Internacional de sua disciplina, e membro da comissão mais importante da O.I.T., pensei que estas memórias poderiam ser úteis a alguém, principalmente no sentido de mostrar que os preconceitos de raça e de classe podem ser vencidos pela dedicação ao estudo e ao trabalho e pela constância no esforço do próprio aperfeiçoamento, não obstante as dificuldades que se lhe oponham".¹

1. Transcrição das palavras finais da Introdução de Memórias de um Pagem, A. F. Cesarino Júnior. 1982. op.cit. pag. 3.

Diante da trajetória de vida de Cesarino Júnior, a de um negro pobre que nasceu em uma família para quem a escola era muito valorizada e que consegue ajustar-se a ela desenvolvendo mecanismos de superação dos problemas sociais e raciais que teve que enfrentar, demonstrando um grande empenho enquanto estudante e competência enquanto docente, fica-se com a tarefa de desvendar os elementos que regeram as escolhas para tornar o percurso tão excepcional, ou, em outras palavras, é preciso descobrir porque sua trajetória modal não foi cumprida.

Entre esses elementos, deve ser considerado um aspecto, que, sozinho, não é suficiente para esclarecer a questão, e que é bastante controvertido, pois há muitas dificuldades de se definir claramente quem é negro num país muito mestiço.

Em princípio, a palavra negro, aqui utilizada, refere-se a qualquer não-branco, independentemente da tonalidade da pele, principalmente porque a documentação histórica do passado mais remoto não facilita a identificação: são fotos de jornais muito antigos, mas suficientes para se perceber que se tratava de não-branco.

No entanto, à medida em que a trajetória de Cesarino Júnior vai sendo construída, torna-se possível perceber que o tom da pele importa: a dele "não era muito carregada".

Como bem lembra Maria Isaura Pereira de Queiroz, quando chama a atenção para que " a posição social dos mulatos, dos mais acentuados aos mulatos mais claros foi sempre no Brasil diferente da posição dos indivíduos cuja pele é muito escura. As pessoas de traços negróides (nariz achatado, lábios grossos,

cabelos encarapinhados) mas cuja cor da pele não é carregada, tiveram sempre mais facilidade na ascensão socio-econômica; auferiram privilégios, em relação àqueles cujos traços podem ser finos, mas cuja cor da pele tende para o negro." 1

Esse modo de pensar a questão a respeito da importância da tonalidade da pele na situação racial brasileira vai ao encontro das considerações de Oracy Nogueira, que acredita que, no Brasil, o que existe é o preconceito racial de marca, que determina uma preterição, em oposição aos Estados Unidos, onde ocorre o preconceito de origem, que determina a exclusão do não branco "em situações pelas quais poderia competir com os membros do grupo discriminador".² No Brasil, continua esse autor, a concepção de branco varia em função do grau de mestiçagem, de indivíduo para indivíduo, e acrescenta que aqui a experiência decorrente do problema de cor varia com a intensidade das marcas e com a maior ou menor capacidade que tenha o indivíduo de contrabalançá-la com outras características e condições como elegância, talento, polidez, instrução etc.

Para Roger Bastide, a tonalidade da pele parece fundamental, uma vez que ele considera que, no Brasil, "uma gota

1. PEREIRA DE QUEIROZ, já cit. pag. 648. (parcela dessa citação já foi referida anteriormente.)

2. NOGUEIRA, O. *A Questão racial vista por três Professores* uma publicação a partir de uma entrevista que o autor referido, juntamente com Florestan Fernandes e João Baptista Borges Pereira, deram ao jornal "A Gazeta" em 27-08-1966 a respeito da Questão Racial no Brasil.

de sangue branco é suficiente para classificar o indivíduo no grupo dos brancos. Como consequência, um mulato claro não será considerado como um negro, mas exatamente como um branco." 1

A trajetória de Cesarino Júnior está indicando que a situação racial dos mulatos não é assim tão tranquila, uma vez que, mesmo com uma carreira de sucesso, sofrem discriminação, mas, de qualquer forma, o tom da pele acaba sendo um elemento importante para possibilitar sua reconversão.

Com isso, tem-se um primeiro elemento que pode ter influído na excepcionalidade da trajetória.

Outro dado definidor da trajetória foi, sem dúvida, o fato de Cesarino Júnior ter se mostrado um menino intelectualmente bem dotado, desde criança, uma vez que a família, embora tradicionalmente ligada à escola, não garante sucesso escolar para todos os seus membros. O peso que recaiu sobre os ombros do menino Antonio Cesarino parece ainda maior quando se percebe que era todo o projeto de reconversão da trajetória da família que ali estava. Essa sobrecarga fica mais nítida quando se descobre que ele era a única esperança, uma vez que, realizada a reconversão, com a garantia do seu sucesso, o projeto pareceu terminado, pois o irmão mais moço havia sido preservado do fardo familiar.

Além disso, como foi mostrado, a atitude da família em relação à escola, que Bourdieu considera um importante elemento para o sucesso escolar da criança, também desempenhou relevante

1. BASTIDE, R. *Le Prochain et le Lointain* Paris, ed. Cujas 1970. pag. 18.

papel, o que pode ser percebido pelo estímulo familiar na memória do bisavô, na presença da tia que o alfabetizou, no gosto pela leitura influenciado pelos livros do pai, no papel da mãe impedindo que o menino largasse a escola para ir trabalhar, mesmo nos momentos extremamente críticos.

Entretanto, pressionado pelas expectativas da família, Cesarino soube buscar e aproveitar todas as frestas abertas no sistema, frestas que se concretizaram nos concursos: 1) no do Culto à Ciência, em que seu concorrente não preenchia os requisitos necessários; 2) posteriormente, na Faculdade de Direito, em que seu conhecimento da Carta Del Lavoro foi providencial.

Essas frestas existem para reforçar o mito da democracia racial: era preciso dar a impressão de que "as portas estavam abertas", como lembra Borges Pereira. "A existência de personalidades que se destacam em vários planos da vida nacional, 'a despeito de suas características étnicas' . Essas personalidades, sempre citadas, funcionam como personagens-mito a reforçar a idéia de democracia racial".¹ No entanto, como foi visto, apenas uns poucos conseguem passar. Contudo, Cesarino Júnior não saiu ileso em toda essa luta, as frestas eram estreitas demais, e o preço foi igualmente alto. Pois o processo de reconversão que vai transformar o capital cultural (escolar) da família em capital econômico vai esbarrar na questão racial em suas várias formas de manifestações preconceituosas.

1. BORGES PEREIRA, J.B. *A construção da Pluralidade étnica e racial brasileira* UNESCO, Paris, (no prelo) pag. 03.

A trajetória de Cesarino Júnior, nesse sentido, é especialmente esclarecedora, na medida em que o sucesso de seu percurso não garantiu imunidade com relação às manifestações de preconceito racial, que continuam a aparecer em diferentes formas, mesmo depois de consolidada a reconversão. Essas manifestações podem ser confundidas com a questão de classe, mas, muitas vezes, são explicadas como uma reação à rigidez de seus princípios. São manifestações de difícil identificação, uma vez que aparecem apenas em relação àqueles poucos negros que conseguem atingir posições de relevância na vida social e profissional. De qualquer modo, são manifestações preconceituosas que têm recebido da literatura especializada formas de tratamento com o objetivo de definir e compreender as diferentes nuances da manifestação.

No prefácio da obra de Teófilo de Queiroz Júnior "O preconceito de cor e a mulata na literatura brasileira," afirma Ruy Coelho: "Sabemos como a mentalidade preconceituosa se forma na situação colonial, como pesa sobre ela a herança do sistema escravocrata, de como se liga às relações de dominação-subordinação, tanto no interior de uma sociedade nacional quanto no contexto de civilizações que se interpenetram." ¹

A propósito das explicações para o preconceito e racismo de modo amplo, Pierre-André Taguieff apresenta o "termo *preconceito* como polêmico em essência: ele serve primeiro para deslegitimar (*délégitimer*) uma opinião, uma tese ou uma teoria da

1. COELHO, R. *Prefácio* in Queiroz Júnior, T. *Preconceito de cor e a Mulata na Literatura Brasileira*, S.P. Atica 1975.

qual o sujeito não partilha e recusa." 1

É o mesmo autor que considera que... "os preconceitos são enraizados nos estereótipos inscritos no inconsciente. Pode-se dar ao preconceito uma definição centrada nos efeitos sociais (discriminação) a ele reputados, ou sobre a função ideológica de legitimação que ele preenche. E Taguieff cita Roger Bastide: "É um conjunto de sentimentos, de julgamentos e naturalmente de atitudes individuais que provocam, ou, pelo menos, favorecem e até algumas vezes simplesmente justificam a medida de discriminação(...) trata-se sempre de atitudes, sentimentos e julgamentos que justificam ou que provocam fenômenos de separação de exploração de um grupo pelo outro". 2

Assim, como produto de uma construção ideológica ligada à situação colonial, "no Brasil atual, as atitudes de preconceito e de imagens estereotipadas são tão fortes como em outras áreas (Estados Unidos e Africa colonial). Mas é ao nível do comportamento que a diferença parece notável." 3

As manifestações de preconceito, identificadas na história antiga da família de Cesarino Júnior, e em sua

1. TAGUIEFF, P.A. *La force du préjugé - Essai sur le racisme et ses doubles* Paris, Ed. La Découverte, 1988. pag. 227.

2. BASTIDE, R. "Le préjugé racial" in ___. *Le Prochain et le Lointain* ED. Cujas, 1970, p. 16-17 citado por TAGUIEFF, Pierre-André, *La force du Préjugé - Essai sur le Racisme et ses doubles* Ed. La Découverte - Paris, 1988. p. 249. Para Taguieff, o preconceito se define como um julgamento empiricamente não fundamentado - "falso" segundo a determinação empirico-realista da verdade -, mas respondendo a uma necessidade de orientação prática. p. 249.

3. MUNANGA, K. *Preconceito de cor: diversas formas, um mesmo objetivo* (21) 2a. parte, pag. 145/153, 1978

trajetória em particular, revelam que tentativas foram feitas para se lidar com os problemas de natureza racial que, muitas vezes, nem eram admitidos e quase nunca eram visíveis.

Diante dessa situação, enfrentar o preconceito racial, em certas circunstâncias, significa desenvolver uma luta consciente contra o inimigo incerto, indefinido e que, na maioria das vezes, é despercebido.

Assim, vale a pena retomar a lembrança da luta do velho Antonio Cesarino, diretor do Colégio Perseverança, que desenvolvia dois projetos simultaneamente: um, ligado ao jogo da burguesia dominante, de concordância com a regra, que ia de encontro aos "interesses oficiais" e, outro, desenvolvido ao mesmo tempo em que, estrategicamente, procurava a escolarização das jovens negras, mesmo sem deixar explicitado nenhum vestígio documental de sua militância.

O velho Antonio Cesarino, nome de rua, figura importante e respeitável no cenário escolar da cidade de Campinas em fins do século passado, deixa entrever nas entrelinhas de sua história manifestações de preconceito expressas de diferentes formas: como exemplo, entre outras, a reportagem do jornalista Henrique de Barcelos, que deveria ter sido de homenagem, mas que, ao acentuar aspectos pouco lisonjeiros da vida de Antonio Cesarino quando criança, não lhe confere o valor devido, nem reconhece seu esforço como trabalhador, ao atribuir sua luta em busca de emprego à instabilidade profissional, além de não fazer justa menção aos aspectos relevantes de sua carreira. A manifestação de preconceito fica ainda mais nítida na medida em que o autor sequer menciona a cor do "homenageado".

E aí, é a manifestação do interdito, uma vez que, como lembra Borges Pereira:

"O mito da democracia racial, do qual o país muito se orgulha, expressa-se e comprova-se através de certas evidências cuidadosamente selecionadas, entre elas a da existência de um sistema de etiqueta extremamente polido, que preceitua não ser de bom-tom ser indelicado com as pessoas, fazendo referências a seus eventuais "defeitos" ("defeitos" referem-se, nesse caso, às peculiaridades raciais ou culturais). Neste plano periférico, as relações sociais e individuais no Brasil são realmente muito cordiais, pois a cordialidade é um valor positivo muito cultivado no país".¹

Na trajetória de Cesarino Júnior, bisneto do velho Antonio Cesarino, a explicitação das manifestações preconceituosas ficam ainda mais visíveis, e aparecem principalmente nas experiências no campo educacional.

Alguns silêncios são expressivos e reveladores, como no momento em que, no primeiro dia de aula, pai e filho, embora tensos, caminham lado a lado, em silêncio. Um silêncio tão importante que permaneceu na memória do menino e é revelado quando de seu depoimento. Um silêncio que continua após a interpelação, manifestações expressas, uma vez que estas chegam a ser ditas.

Como nas interpelações ao pai, já contadas, quando inúmeras vezes foi perguntado a ele se " não tinha vergonha de

1. BORGES PEREIRA, J.B. *A construção Histórica da pluralidade étnica e racial brasileira* UNESCO, Paris, no prelo.

ser contínuo da classe do filho", ou diziam que "o Colégio Culto à Ciência era lugar de gente graúda!", voltava-se ao silêncio.

Todas as vezes em que as interpelações foram narradas, não foi mencionado nenhum comentário posterior.

Outra manifestação não dita aparece no primeiro dia de aula, quando o menino Cesarino é chamado pelo professor de italiano: o único negro e pobre é o primeiro aluno a ser chamado, muito embora tivesse sido segundo classificado no exame de admissão; portanto, o critério do professor para essa chamada não pode ter sido o da nota no exame de admissão, e, sim, o fato do filho do bedel negro e pobre ter sido tão bem classificado no exame de admissão, além do que deve-se considerar que essa chamada acabou sendo extremamente constrangedora para o menino, que, ao narrar nas memórias esse fato, menciona a palavra crueldade, que depois acaba por riscar, uma vez que o referido professor acabou se tornando um amigo. Entretanto, o ressentimento fez com que o jovem Cesarino promettesse a ele mesmo tornar-se o melhor aluno, o que indica o mecanismo de superação que frequentemente passaria a utilizar.

O silêncio continua, no pátio, na hora do recreio, no isolamento da biblioteca.

Há outros momentos em que, muito embora sem ser claramente explicitada, a manifestação preconceituosa aparece expressa verbalmente e é dita, embora não se refira diretamente à cor ou a características raciais, mas carrega um tom depreciativo. É o que se percebe no comentário que é feito ao pai de Cesarino Júnior, na ocasião em que o jovem arranja um emprego no bar da Companhia Mogiana de Estrada de Ferro, quando

dizem: "Agora ele está em seu lugar!"

É uma manifestação do mesmo tipo daquela dirigida ao jornalista Aprígio Cesarino (tio de Antonio), que é referido como "esse pessoal!", uma fala que deprecia e ignora as qualidades da pessoa a quem é dirigida. Nem mesmo é preciso que se diga !

Nos concursos prestados por Cesarino, para se tornar professor do Culto à Ciência, a interdição da palavra deixa as marcas nas entrelinhas dos acontecimentos. Do mesmo modo como Cesarino encontrou problemas, e soube identificá-los nos personagens que representavam resistência a sua admissão, evidenciados na arbitrariedade das notas, também encontrou apoios. Quando são comparadas as notas atribuídas nos concursos em que Cesarino tomou parte com as de outros concursos constantes no mesmo livro de atas, pode-se perceber que a congregação do Culto à Ciência estava dividida em dois blocos muito nítidos e que essa divisão mantinha-se em outros concursos, independente de quem deles participasse.

Esse fato também vai repetir-se nos concursos da Faculdade de Direito, em que os apoios representavam muito mais a conseqüência de um confronto entre facções internas do que uma manifestação de admiração dirigida diretamente a Cesarino Júnior, muito embora, nesse momento, ele tivesse recebido manifestações de apoio por parte de um professor fora do ambiente público, em sua casa.

As dificuldades encontradas por Cesarino em todos os concursos que prestou deixam mais evidenciadas as discriminações, na medida em que sempre houve necessidade de se lançar mão de recursos para fazer valer seus direitos.

A Faculdade de Direito foi o espaço onde as manifestações de preconceito chegaram a ser expressas abertamente, ditas, e que acabaram concretizadas em discriminação explícita, não disfarçada. Ai, as questões pareciam confundidas com outras resistências: o fato do professor Cesarino ter mantido uma posição de independência política com relação às diversas facções internas existentes na escola; as tentativas bem sucedidas de transformação do curso de Direito, introduzindo trabalhos práticos e institucionalizando o departamento e o extremo rigor com que se conduziu diante das dificuldades surgidas com alunos.

Esse rigor era utilizado em relação à própria conduta de Cesarino: era extremamente rigoroso com ele mesmo.

Essas manifestações são ditas, como quando os estudantes descontentes manifestavam-se em arruaça, em um dia treze de maio; como na escolha do paraninfo, onde fica evidenciada a intenção de protesto, tanto na escolha do professor Cesarino, quanto na de Alfredo Buzaid, quando ambos estavam sendo nivelados pelas marcas étnicas de cada um.

Fora do campo educacional, na carreira política, embora não houvesse nenhuma manifestação explícita de preconceito, Cesarino tem, novamente, uma série de experiências frustrantes, permeadas por interditos, uma vez que, como se pôde perceber em suas tentativas de participação, sempre tentando executar projetos a partir de idéias que lhe eram muito próprias, acaba sendo excluído dos espaços por ele idealizados.

A carreira de Cesarino Junior aparece realmente consolidada no Direito do Trabalho e na carreira internacional e

Medicina: nesses espaços não foi identificada nenhuma manifestação preconceituosa. Ali, ele se movimentava com muita desenvoltura, pois havia conseguido firmar-se e conquistar uma grande respeitabilidade. Era um nome reconhecido internacionalmente, ajudava a projetar o nome do país lá fora.

Os depoimentos de Cesarino Júnior revelam tanto que ele tinha clareza das situações que poderiam gerar manifestações preconceituosas e era capaz de antever que haveria problemas ao se dispor a enfrentar determinada situação, quanto sabia claramente explicar as situações enfrentadas, como deixa claro no depoimento em que narra o acontecido nos concursos do Culto à Ciência.

Não obstante todo o sucesso de sua carreira, Cesarino Júnior mostrava muita dificuldade para lidar com as situações em que tinha que enfrentar a questão racial. As referências à cor incomodavam-no. Embora em seu próprio depoimento ele demonstrasse estar à vontade para falar a respeito da própria cor, sua assistente, que foi quem acompanhou os momentos traumáticos da saída da Faculdade de Direito, conta que:

"O professor, apesar de todo o sucesso que teve na carreira, eu acho que isso não tinha sido suficiente para ele, provar para ele mesmo que ele era uma pessoa igual às outras, porque, sempre que se falava em pessoas de cor ele ficava muito sensibilizado, em 1973 eu acho, que vieram uma dúzia de rosas brancas, com um cartão branco, que eu guardei, esse fato não sei se seria pejorativo... ele ficou muito sensibilizado."

A história de Cesarino Júnior apresenta um percurso realizado basicamente no campo escolar. A escola é o locus onde, ao mesmo tempo, os mais sérios confrontos raciais ocorrem, e onde Cesarino encontrou as brechas do sistema social por onde tentou passar, a fim de conseguir consolidar o processo de reconversão social, dele e de toda sua família.

Cesarino Júnior soube, a partir de ações e reações, principalmente contra aquela fração do grupo dominante que procurava se manter no poder através das estratégias de reprodução,¹ e que constituíram os grupos em que as manifestações preconceituosas aparecem mais evidenciadas, conquistar uma posição relevante.

Vê-se, pois, que, mesmo não tendo sido cumprida a trajetória modal que seria esperada para alguém com origem em seu segmento social, e, talvez, principalmente por isso, os problemas raciais não deixaram de aparecer, mesmo depois de consolidado o processo de reconversão social; o que variava a cada situação era a tônica da discriminação preconceituosa.

Assim, a escola mostrou-se como o espaço mais difícil de ser conquistado, o espaço onde a competição é mais acirrada, e, portanto, onde os problemas de discriminação racial aparecem exacerbados.

A fala de Cesarino Júnior transcrita no início deste capítulo revela o modo como ele representava a própria situação,

1. BOURDIEU, P., BOLTANSKI, L. e SAINT-MARTIN, M. 1973 op. cit.

ele sabia ter consolidado sua reconversão sozinho, por seu próprio esforço, a única forma permitida pela sociedade inclusiva. Ele estava sozinho, e sua luta se dirigia contra um sistema de ensino que mostrou, durante todo seu percurso, que tinha como objetivo assegurar a reprodução da estrutura de relações entre as classes. Bourdieu "mostra que a mobilidade controlada de uma categoria limitada de indivíduos cuidadosamente selecionados e modificados pela e para a ascensão individual, não é incompatível com a permanência estrutural podendo até mesmo contribuir, através da única modalidade concebível em sociedades que pretendem democráticas, para a estabilidade social e, por esta via, para a perpetuação da estrutura das relações de classe." 1

O que temos é uma sociedade que "se pretende democrática", pois esta pretensão conta até mesmo com o reforço do mito da democracia racial.

Diante desse quadro de desigualdades, Bourdieu considera que seria ingênuo esperar que, do funcionamento de um sistema que define ele próprio seu recrutamento, impondo exigências mais eficazes exatamente por serem implícitas, surgissem contradições capazes de determinar uma transformação profunda da lógica de funcionamento desse sistema e de impedir a instituição encarregada da conservação e da transmissão da cultura legítima de exercer suas funções de conservação social.

1. BOURDIEU, P. *Reprodução Cultural e Reprodução Social* in ____ .
A Economia das Trocas Simbólicas, org. Sérgio Miceli, S.P.
Perspectiva 1974. pag. 295.

Concordando com Bourdieu, pode-se pensar a escola como perpetuadora das desigualdades que ela mesma legitima. Conferindo uma sanção que se pretende " neutra " e que é amplamente reconhecida como tal, ela trata as aptidões socialmente condicionadas como desigualdades de "dom" ou de mérito. Transforma as desigualdades de fato em desigualdades de direito, as diferenças econômicas e sociais em *distinção de qualidade* e legitima a transmissão da herança cultural. Assim, a escola exerce uma função mistificadora. Além de permitir à elite ser e justificar o que é, *a ideologia do dom*, princípio básico do sistema escolar e do sistema social, contribui para encerrar os membros das classes desfavorecidas no destino que a sociedade lhes determinou. Nesse sentido, o sucesso excepcional de alguns indivíduos que escapam ao destino coletivo dá uma aparência de legitimidade à seleção escolar, dá crédito ao mito da escola libertadora junto aos próprios indivíduos que ela eliminou, fazendo crer que o êxito nada mais é que o resultado do esforço e do dom. Assim, segundo Bourdieu, " o sistema educacional pode, por sua lógica própria, servir à perpetuação dos privilégios sem que os privilégios tenham que se servir dele." ¹

1. BOURDIEU, P. op. cit. 1966 pag. 342.

BIBLIOGRAFIA REFERIDA

AFFONSO, Cleide M.L. e PINTO, Maria N. Culto À Ciência, cento e treze anos a serviço da Cultura. Campinas, Tacla, 1986.

AZEVEDO, Fernando de. A Cultura Brasileira. São Paulo: Melhoramentos.

BASTIDE, Roger. A Imprensa Negra no Estado de São Paulo in ____ .
Estudos Afro-Brasileiros São Paulo: Perspectiva, 1973.

____ . e FERNANDES, Florestan. Branços e Negros em São Paulo
São Paulo: Nacional, 1971.

BARBOSA, Irene M.F. Socialização e Relações Raciais: Um Estudo

de Famílias Negras em Campinas São Paulo: F.F.L.C.H.
U.S.P.1983.

BENEDETTI, Luis R. Os Santos Nômades e o Deus Estabelecido São
Paulo: Paulinas, 1984.

BERTAUX, Daniel, L'Approche Biografique: sa validité
méthodologique, ses potencialités Cahiers Internationaux de
Sociologie Paris: vol.LXIX, 1980.

BORGES PEREIRA, João Baptista. Cor, Profissão e Mobilidade São
Paulo. Pioneira, 1966.

_____ .A Cultura Negra: Resistência de Cultura à Cultura de
Resistência. São Paulo. Dedalo, 23:177.188, 1984.

_____ . A criança Negra: Identidade Ética e Socialização São
Paulo: Cadernos de Pesquisa no. 63 1987.

_____ . A Construção Histórica da pluralidade étnica e racial
brasileira Paris UNESCO (no prelo)

BOURDIEU, Pierre. Le Sens Pratique. Paris Ed. Minuit 1980.

_____ . L'école Conservatrice - les inégalités devant la
Culture Revue Francaise de Sociologie VIII, 1966.

_____ . Economia das trocas Simbólicas. São Paulo:

Perspectiva, 1974.

_____ . O Poder Simbólico Lisboa, Difel, 1989.

_____ . Coisas Ditas São Paulo: Brasiliense, 1990.

_____ . Questões de Sociologia. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1980.

_____ . e PASSERON, Jean Claude. A Reprodução Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1982.

_____ ., BOLTANSKI, Luc. e SAINT-MARTIN ,Marie. As estratégias de Reconversão in org. DURAND, JOAO G. Educação e Hegemonia de Classe. Rio de Janeiro: Zahar, 1973.

BRIOSCHI, Lucila e TRIGO, Maria Helena B. Relatos de Vida em ciências Sociais: Considerações Metodológicas Ciência e Cultura. São Paulo: 39(7), 1987 pag. 632.

CARDOSO, Fernando Henrique. Capitalismo e Escravidão no Brasil Meridional São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1962.

CARNEIRO DA CUNHA, M. Manuela. Negros Estrangeiros São Paulo: Brasiliense, 1985

CASTRO, Ruy . O Anjo Pornográfico São Paulo: Schwarcz, 1992.

- CERQUEIRA FILHO, Gisálio. A "Questão Social" no Brasil. Rio de Janeiro: Cilibização Brasileira, 1982.
- CESARINO JUNIOR, Antonio F. Direito Social. São Paulo: LTR. 1980.
- _____. Direito Processual e do Trabalho. São Paulo: Freitas Bastos, 1942.
- DEMARTINI, Zeila B. Cidadãos Analphabetos: proposta e realidade do ensino rural na Primeira República Cadernos de Pesquisa São Paulo: Fundação Carlos Chagas, n.º 71, 1989
- DUARTE, Raphael. Campinas de Outrora. Campinas, 1965.
- FERNANDES, Florestan. A Integração do Negro na Sociedade de Classes. São Paulo: Dominus, 1965.
- _____. A Questão Racial vista por três professores: F. Fernandes, J.B. Borges Pereira e Oracy Nogueira São Paulo: Universidade de São Paulo, Escola de Comunicação e Artes 1971.(circulação restrita)
- FERREIRA, Salete B.B.X. A expansão Escolar Campineira e a Grande Lavoura no fim do Império. Campinas S.P. Diss. Mestrado Faculdade de Educação, UNICAMP, 1982.

- FREYRE, Gilberto. A Ascensão do Bacharel e do Mulato in__ .
Sobrados e Mucambos. São Paulo: José Olympio. 1951. pag.
573/631.
- GOFFMAN, Erving. Estigma: notas sobre a manipulação da Identidade
deteriorada. Rio de Janeiro: Zahar 1975.
- HUISMAN, Denis e VERGEZ, André. Curso de Filosofia Moderna São
Paulo Freitas Bastos, 1965
- Haidar, Maria L. M. Ensino Secundário no Império Brasileiro. São
Paulo: Edusp/Grijalbo, 1972.
- MACIEL, Cleber da Silva. Discriminações Raciais - negros em
Campinas (1888-1921) Campinas, S.P.: UNICAMP 1987.
- MARIANO, Júlio. Campinas de Ontem e Anteontem. Campinas, S.P.
Maramate, 1970.
- MARX, Karl. A Ideologia Alemã. Lisboa: Presença/Martins Fontes
- MELO PUPO, Celso M. Campinas, seu berço e Juventude .São Paulo:
Rev. dos Tribunais, 1969.
- MOREIRA, Maria Silvia C.F. Homens Livres na Sociedade Escravista
São Paulo: IEB, 1962.
- MORIN, Françoise. Pratique Anthropologique et Histoire de Vie

Cahiers Internationaux de Sociologie. Paris: vol. LXIX, 1980
pag.328.

MUNANGA, Kabenguele. Preconceito de cor: diversas formas, um
mesmo objetivo. Revista de Antropologia São Paulo: 2a. parte
(21) pags. 145/153, 1978.

NOGUEIRA, Oracy. O " Estatudo de Puritate Sanguinis" e o racismo
Brasileiro , Rev. Universidade de São Paulo. São Paulo.

OCTAVIO, Benedito. Apontamentos Históricos e Estatísticos de
Campinas. Campinas S.P.: Casa Mascote, 1907.

_____ . e MELILLO Vicente. Almanach Histórico e
Estatístico de Campinas Campinas, S.P. Casa Mascote 1912
e 1914.

ORTIZ, Renato. Pierre Bourdieu. São Paulo: Atica, 1983.

PAULA, Carlos F. de Culto Á Ciência - Monografia Histórica
Campinas, S.P. 1946.

PEREIRA de QUEIROZ, M.Isaura. Coletividades Negras. Ascensão
socio-econômica dos negros no Brasil e em São Paulo. Ciência
e Cultura. São Paulo 29, julho de 1977

_____ . Relatos Orais: do "indizível" ao "dizível" in
Experimentos com Histórias de Vida ,org. VON SIMSON, Olga
M. M. São Paulo: Vertice, 1988.

PIRATININGA JR. Luis Gonzaga. Dietário dos Escravos de São Bento.
São Paulo: HUCITEC/Prefeitura Municipal de S. Caetano do
Sul, 1991.

PLATON, La Republique Paris: Societé d' Edition "Les Belles
Letres " tome VII 1ère. partie, 1933.

PRADO JÚNIOR, Caio. História Econômica do Brasil. São Paulo:
Brasiliense, 1973.

QUEIROZ JUNIOR, Teófilo. Preconceito de cor e a Mulata na
Literatura Brasileira. São Paulo: Atica, 1975.

RIBEIRO DA SILVA, Raphael. 1a. Turma do Novo século São
Paulo: Revista dos Tribunais, 1971.

RODRIGUES, João Lourenço. Monografia Histórica do Município de
Campinas. Rio de Janeiro : I.B.G.E. 1952.

SIMONSEN, Roberto C. Evolução Industrial do Brasil e outros
Estudos. São Paulo: Nacional/U.S.P. 1973.

_____. Ensaio Sociais, Políticos e Economicos São Paulo.
FIESP, 1943.

SODRÉ, Nelson Werneck. Ideologia do Colonialismo. Petropolis,
R.J.: Vozes 1984.

- STAVENHAGEN, Rodolfo. Estratificação Social e Estrutura de Classes in Estrutura de Classe e Estratificação Social orgs. VELHO, Otávio G., PALMEIRA, Wladimir e BARTELLI, Antonio R. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.
- TRIGO, Maria Helena. Ser e Parecer- Estudo de Reprodução Social no Grupo de Cafeicultores Paulistas. São Paulo: Diss. Mestrado F.F.C.H. U.S.P., 1989.
- VARGAS, Getúlio D. A Nova Política do Brasil. Rio de Janeiro: José Olympio, 1938/1942.
- VIDIGAL DE MORAES, Carmen Silvia. Os ideais Republicanos e a Educação - O Colégio Culto à Ciência (1869-1892). São Paulo Diss. Mestrado Faculdade de Educação. U.S.P. 1981.
- VON SIMSON, O.R.M. Branços e Negros no Carnaval Popular Paulistano Tese Doutorado F.F.L.C.H. U.S.P. 1989.
- _____ . Folguedos Carnavalescos. Memória e Identidade Socio-Cultural (mimeo.) 1980.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

- AMARAL, Leopoldo. A cidade de Campinas em 1901. Campinas, S.P.:
Casa Livro Azul
- AZEVEDO, THALES de As Elites de Cor.. Rio de Janeiro: Nacional,
1954.
- BERTEAUX, Daniel. Destinos Pessoais e Estrutura de Classe Rio de
Janeiro: Zahar, 1979.
- BOURDIEU, Pierre. Esquisse d' une Théorie de la pratique Geneve:
L. Droz, 1972
- CARNOY, Martin. Educação, Economia e Estado São Paulo: Cortez,
1984.

- CARDOSO, Fernando Henrique e IANNI, Octavio. Cor e Mobilidade Social em Florianópolis. São Paulo: Nacional 1960
- CARONE, Edgar. O Estado Novo (1937-1945). São Paulo: Difel, 1978.
- CHALUB, Sidnei. Medo Branco de Almas Negras: Escravos, Libertos e Republicanos na Cidade do Rio Rev. Brasileira de História São Paulo: vol. 8. n. 16, pags. 83-105 mar. 88/ago.88.
- _____. Visões da Liberdade São Paulo: Cia. das Letras, 1990.
- CHAUI, Marilena. Racismo e Cultura São Paulo: Aula inaugural na F.F.L.C.H. - U.S.P.
- DECCA, Edgar de. 1930 O Silêncio dos Vencidos. São Paulo: Brasiliense, 1992.
- EISENBERG, Peter. O homem esquecido: O trabalhador livre nacional no Século XIX - Sugestões para uma pesquisa Anais do Museu Paulista São Paulo: 1977/1978 - U.S.P.
- FAORO, Raimundo. Os Donos do Poder Rio de Janeiro: Globo, 1989
- FREYRE, Gilberto Ascensão do Bacharel e do Mulato in .
Sobrados e Mucambos São Paulo: José Olympio, 1951. Pag. 573/633.

- GINZBURG, Carlo. Morelli, Freud and Sherlock Holmes: Clues and Scientific Method History Workshop. London, (9) 1980.
- HASENBALG, Carlos e SILVA, Nelson V. Estrutura Social, Mobilidade e Raca. São Paulo: Vertice 1983.
- IANNI, Octávio. Raças e Classes Sociais no Brasil São Paulo: Brasiliense, 1987.
- _____. As metamorfoses do Escravo S.P. Hucitec (2a. Ed. revista) 1988.
- KLEIN, H. S. Os Homens Livres de Cor na Sociedade Brasileira Dados. Rio de Janeiro: n. 17, p.3 a 27, 1978.
- LAPA, José Roberto Amaral. Primeiras notas para uma História de Campinas. Marília. S.P. F.F.C.L. 1966.
- _____. O Mercado Urbano de Escravos (Campinas - Segunda metade do século XIX). Primeira Versão Campinas, S.P. I.F.C.H. - UNICAMP no. 37 - 1991.
- LENHARO, Alcir. Sacralização da Política Campinas.S.P. Papyrus, 1986.
- LEVI-STRAUSS, Claude. O inato e o Adquirido in _____. O Olhar Distanciado. Lisboa, Ed. 70, 1983.

- MACIEL, Roque Spencer Barros. A Ilustração Brasileira e a Idéia de Universidade São Paulo. F.F.C.L. 1959
- MOYSES, Sarita M.A. Entre tempos: Alfabetização e Escravidão Campinas, S.P.: Tese de Livre Docência - Faculdade de Educação - UNICAMP, 1992.
- MUNANGA, Kabemguele. Construção da Identidade negra: Diversidade de contextos e Problemas ideológicos in Cadernos da PUCSP São Paulo.
- _____. Negritude - usos e sentidos São Paulo: Atica, 1986.
- NOGUEIRA, Oracy. Negro Político Político Negro São Paulo: Edusp, 1992.
- PEREIRA, Luís e FORACCHI, Marialice M. Educação e Sociedade, São Paulo: Nacional, 1974.
- POMPEIA, Raul. O Ateneu São Paulo. Atica 1991.
- PUPPO, Celso M. M. Campinas seu Berço e Juventude Campinas, S.P.: Academia Campinense de Letras, 1969.
- QUEIROZ JUNIOR, Teófilo Impasses na busca da Identidade pelos Negros Brasileiros . Cadernos da PUCSP. São Paulo.
- RIBEIRO, Maria Luiza S. História da Educação Brasileira São

Paulo: Cortez, 1987.

ROYCE, Anaya P. Ethnic Identity -Strategies of Diversity Indiana Univ. Press 1982.

SCARANO, Julita. Devocão e Escravidão Rio de Janeiro: Nacional, 1978.

SKIDMORE, Thomaz. Preto no Branco, raca e nacionalidade no pensamento brasileiro Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1976.

_____. Bi-racial U.S.A. vs. Multi-racial Brazil: Is the Contrast Still valid? Journal Latin American Studies 25, 373-386, May - 1993, Cambridge University Press.

THOMPSON, PAUL. Des Récit de vie a l'analyse du changement social in Cahiers Internationaux de Sociologie, Paris: vol. LXIX, 1980.

_____. La voz del pasado - Historia Oral Valencia, Espanha: Alfons El Magnánin, 1988.

WILLIAMSON, B. Continuities and Descontinuities in the Sociology of Education in FLUDE, M. e AHIER, J. "Educability. Schools and Ideology, London, Croom Helm, 1978.

FONTES PRIMARIAS E AFINS

CESARINO JUNIOR, A. F. Memórias de um Pagem São Paulo: 1982
(original datilografado).

PINTO, Diogo M. Relatório Sobre Instrução Pública da Província de São Paulo em 1866 S.P. Typografia Imparcial de J.R.Azevedo Marques,

LISBOA, J.M. Almanach de Campinas para 1871, Typografia a Gazeta de Campinas.

ARQUIVOS DO COLEGIO CULTA A CIENCIA

Atas de Matrícula - Livro de 1916/1922

Atas de Notas - Livro de 1916/1924

Atas de Congregação - 1876/?

Livro de Ponto - 1926/1932

Correspondências (arquivo morto)

ARQUIVO ROBERTO SIMONSEN - FIESP/CIESP

ARQUIVO CESARINO JUNIOR - CENTRO DE MEMORIA DA UNICAMP.

ARQUIVO DO CARTORIO DE TERCEIRO OFICIO - CX. 219 (4510) Centro de

Memória da UNICAMP

LIVRO DE ATAS DO I CONGRESSO BRASILEIRO DE DIREITO SOCIAL R.J.
e ANAIS DO I CONGRESSO BRASILEIRO DE DIREITO SOCIAL
publicados pelo Serviço de Estatística da Previdência e
Trabalho, Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio,
1943.

REGULAMENTO E PROGRAMAS DOS CURSOS TÉCNICOS DE DIREITO SOCIAL,
S.P. E. Gráfica da Revista dos Tribunais, 1951.

DEPOIMENTOS

CESARINO JUNIOR - 1989 gravação pessoal.

CESARINO JUNIOR - 1984/85 gravação feita por Dra. Marli Cardone.

CESARINO JUNIOR, A. Antonio Cesarino Júnior (depoimento ,
1981) R.J. F.G.V./CPDOC - História Oral, 1992. 21 p.
dat.

HEITOR REGINA - 1991 gravação pessoal.

AGLAYDE F. FREIRE - 1992 gravação pessoal

BENEDITO EVANGELISTA - 1991 gravação pessoal.

CARLOS FERREIRA - 1992 gravação pessoal

RENATO CONSORTE - 1991 gravação pessoal.

JOAO CLIMACO CESARINO - 1992 gravação pessoal

MARLI A. CARDONE -1992 gravação pessoal.

IBOTY BARBOSA - 1991 gravação pessoal

PERIÓDICOS

Revistas

Cadernos de Pesquisa Fundação Carlos Chagas Nov.1987 no. 63.

Ciência e Cultura, 29 junho de 1977.

Revista dos Tribunais 1969.

Revista do Trabalho Fevereiro de 1941, no. 68.

Jornais

A Gazeta de Campinas 01 de Janeiro de 1871

29 de Dezembro de 1872

13 de Janeiro de 1874.

01 de março de 1874

23 de Janeiro de 1876
24 de Dezembro de 1878
24 de Dezembro de 1886
A Gazeta 5 de Setembro de 1955
24 de Agosto de 1975.
A Hora (Porto Alegre) 9 de Agosto de 1955.
A Manhã (R.J.) 11 de Novembro de 1942.
17 de Agosto de 1947.
A Tribuna (de Santos) 31 de Outubro de 1952
23 de Setembro de 1955.
A tribuna de Minas 11 de Abril de 1953.
Brasil Urgente Ed. Veritas Ano I no.42 de 5 a 11 de Janeiro de
1964
Cidade de Campinas 20 de Dezembro de 1910.
Correio Paulistano 21 de Maio de 1946
24 de junho de 1951
16 de Outubro de 1955
26 de Maio de 1962
Correio Popular 17 de Junho de 1942.
Correio do Povo (Porto Alegre) 26 de Setembro de 1942.
Diário de Campinas 15 de Janeiro de 1899
9 de Maio de 1900
Diário da Noite 9 de Setembro de 1942.
17 de Julho de 1946
23 de Fevereiro de 1948
26 de Março de 1975.
Diário de Notícias (Porto Alegre) 26 de Setembro de 1942.
Diário Popular 24 de Abril de 1942.

Diário do Povo 6 de Janeiro de 1955

Diário de São Paulo 21 de Abril de 1945.

3 de Dezembro de 1945.

9 de Novembro de 1950.

26 de Junho de 1956.

EL Orden (Santa Fé -Arg.) 26 de Setembro de 1942.

Folha da Manhã 5 de Agosto de 1942.

14 de Janeiro de 1949.

17 de Março de 1953.

16 de Outubro de 1953.

Folha da Noite 10 de Outubro de 1946

14 de Maio de 1953.

15 de Maio de 1953.

Folha de São Paulo março de 1953.

15 de Janeiro de 1963.

8 de Agosto de 1965.

22 de Março de 1992.

O Imparcial 11 de Dezembro de 1946.

O Jornal 5 de Março de 1953.

O Jornal de São Paulo 10 de Junho de 1945.

Jornal Trabalhista 31 de Outubro de 1946.

Justiça do Trabalho de 1937.

setembro de 1948.

Ultima Hora 2 de Fevereiro de 1953.

5 de Março de 1953.

1 de Fevereiro de 1954.

24 de Agosto de 1955.

19 de Maio de 1963.

6 de Agosto de 1964.

20 de Abril de 1966.

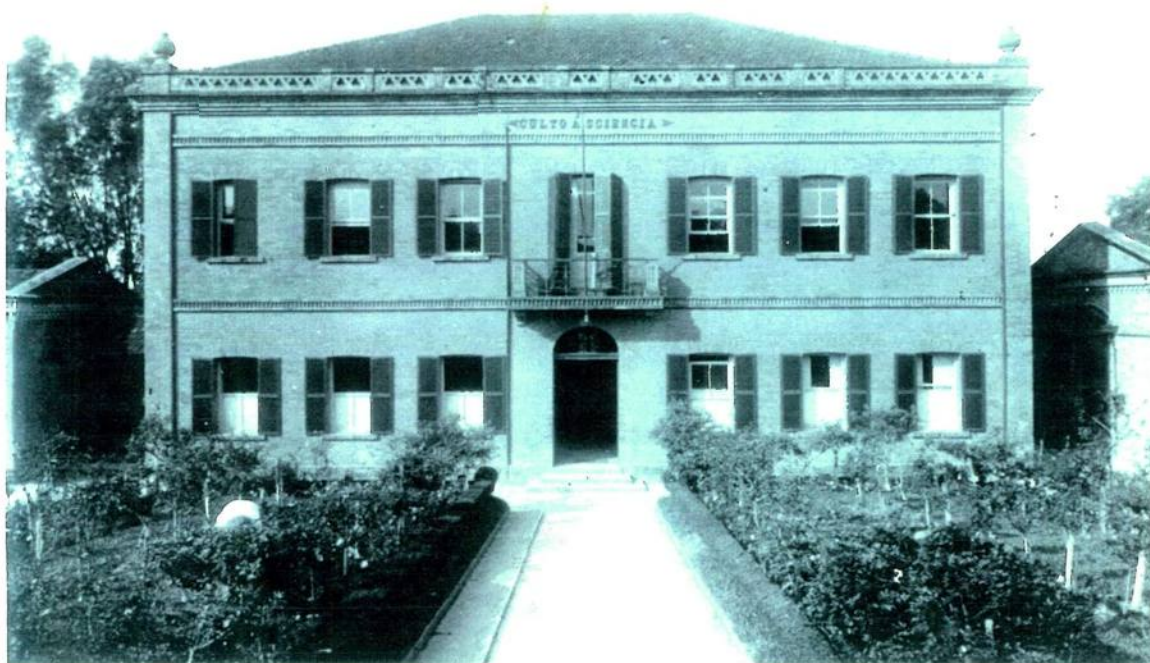
O Tempo 30 de Dezembro de 1952.

31 de Dezembro de 1952.

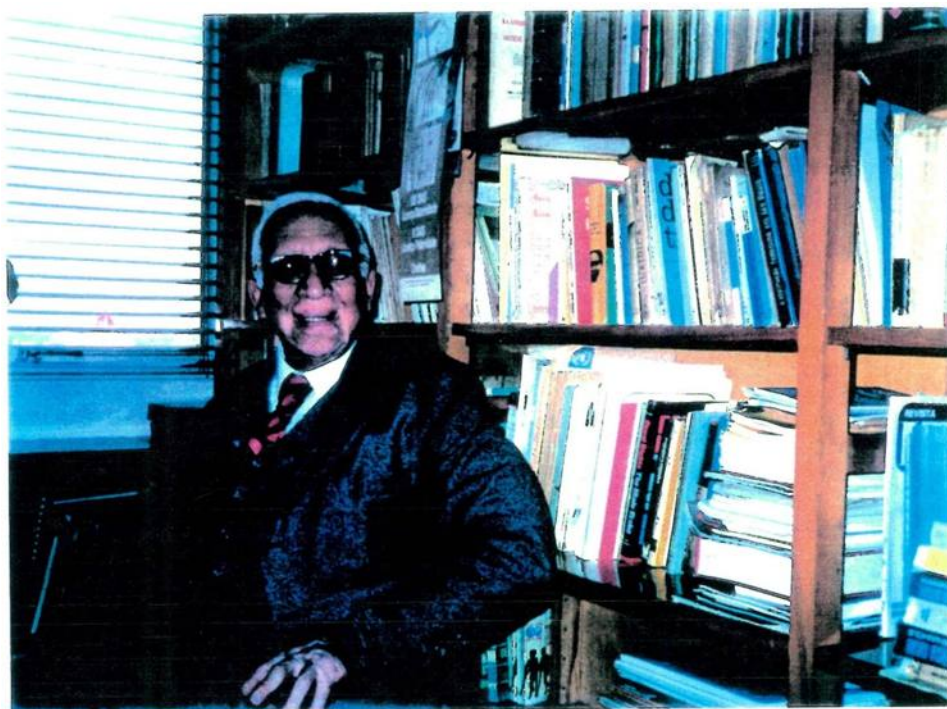
2 de Janeiro de 1953.

3 de Janeiro de 1953.

A N E X O S



COLÉGIO CULTO A CIENCIA DEPOIS DA REFORMA DE 1910



UMA DAS ÚLTIMAS FOTOS DO PROF. CESARINO JUNIOR



CESARINO JUNIOR OFERECE A GETULIO UM EXEMPLAR DO LIVRO:
DIREITO PROCESSUAL E DO TRABALHO DURANTE AUDIENCIA - 1942



ABERTURA DO CURSO DE EDUCADORES SOCIAIS - 1946

Biobibliografia

ANTONIO FERREIRA CESARINO JÚNIOR nasceu em Campinas aos 16 de março de 1906, filho de Antonio Ferreira Casarino e de Dna. Júlia Casarino.

Concluiu o curso secundário em 1923 no Ginásio do Estado de Campinas. Ingressou na Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo em 1924, onde colou grau em 1928. No ano seguinte, após concurso, foi nomeado professor catedrático de História Universal do Ginásio do Estado de Campinas. Fez ainda na Faculdade de Direito da USP o curso de doutoramento durante os anos de 1933 e 1934. Em outubro de 1938 prestou concurso à cátedra de Legislação Social criada no ano anterior, nessa Faculdade. Classificado em primeiro lugar entre vários outros candidatos, tomou posse a 8 de novembro, completando pois em 1963 seu jubileu de prata de proficiente e dedicado exercício na cátedra que escolheu.

Em 1948, após concurso de títulos, foi nomeado professor da Faculdade de Ciências Econômicas e Administrativas da USP, tornando-se professor catedrático por concurso de títulos e provas em 1960.

Foi também professor de Direito do Trabalho da Faculdade de Direito da Universidade Católica de Campinas e de Direito Civil na de Santos.

Em 1952 formou-se médico pela Faculdade Paulista de Medicina, ao mesmo tempo em que exercia atividades de advogado, jurisconsulto e professor.

Aliando o Direito à Medicina, sua atividade esteve caracterizada por maior significado social. Fundou em 1950 a Sociedade Internacional de Direito do Trabalho, da qual foi presidente. Essa sociedade transformou-se, em 1958, em Bruxelas, na atual Sociedade Internacional de Direito do Trabalho e Segurança Social, da qual foi eleito Presidente Honorário. Fundou e foi Presidente do Instituto de Direito Social de São Paulo, presidiu os I e II Congressos Brasileiros de Direito Social (São Paulo, 1941 e 1946) e da Semana de Previdência e Assistência Social (1944). Foi fundador e diretor do Instituto de Direito Comparado e Segurança Social, da Faculdade de Direito da USP. Foi idealizador e realizador da UNITRA — Universidade para o Trabalhador. Politicamente foi o fundador do primeiro Partido Democrata Cristão.

Conhecendo e falando várias línguas, francês, inglês, espanhol, italiano, alemão, sueco, um pouco de russo, o professor Cesarino Júnior estendeu sua operosidade além das fronteiras pátrias, conferenciando em alemão nas Faculdades de Direito de Heidelberg, Colônia e Múster; em espanhol, na Faculdade de Direito de Caracas em 1955, e Concepcion (Chile 1957) e, em Inglês na União Panamericana de Washington em 1953.

Foi membro da Conferência Interamericana de Segurança Social (Chile 1942); Conselheiro brasileiro na XXXIII Conferência Internacional do Trabalho (Genebra, 1950); membro da

"International Bar Association" (Londres 1950); Presidente do I Congresso Internacional de Direito do Trabalho (Trieste, 1951); membro do I Congresso ibero-americano de Segurança Social (Madri, 1951); Presidente do I Congresso Internacional de Direito Social (São Paulo, 1954); membro da 5a. Conferência Interamericana de Segurança Social (Caracas, 1955); ainda em 1955 foi eleito Professor "Honoris Causa" da Faculdade de Direito da Universidade da Venezuela; foi Presidente Honorário do I Congresso Chileno de Direito Social (Concepcion, 1957); Vice-Presidente do II Congresso Internacional de Direito Social (Bruxelas, 1958); membro honorário dos I e II Congressos Argentinos de Direito do Trabalho e da Segurança Social (Tucuman, 1960 e Córdoba, 1962); Delegado do Brasil à 46a. Conferência Internacional do Trabalho (Genebra, 1962), participou do Congresso Internacional de Direito Social (Lion)

Foi membro, entre outras, das seguintes sociedades estrangeiras: Sociedade Internacional de Direito do Trabalho e Segurança Social (Presidente Honorário); Instituto de Direito do Trabalho das Faculdades de Santa Fé, Córdoba, La Plata e Tucuman (Argentina); da "American Foreign Law Association"; Ann Arbor (Michigan); da Academia Nacional de Políticas Sociais (Venezuela); da "Academy of Human Rights" (Zurique); do Centro de Estudos Jurídicos de Cuzco (Peru).

Como médico, especializou-se em Medicina do Trabalho e Medicina Preventiva; foi eleito membro honorário da "Société de Medicine et Hygiène du Travail" de Strasbourg (França); membro da "Industrial Medical Association" (Estados Unidos) e foi presidente da "Sociedade de Medicina Social e do Trabalho" de São Paulo. Foi relator brasileiro do tema sobre Socialização da Medicina, no IX Congresso do Colégio Internacional de Cirurgiões (São Paulo, 1954) e membro da delegação governamental ao II Congresso Interamericano de Medicina do Trabalho, realizado no Rio de Janeiro em 1952. Foi, de 1959 a 1963, membro do Conselho Regional de Medicina do Estado de São Paulo.

Empreendeu o Professor Cesarino Júnior inúmeras viagens culturais, representando brilhantemente a cultura brasileira nos países que visitou. Em 1953, convidado pelo Departamento de Estado Americano, esteve por três meses no Estados Unidos, ficando dois meses no Departamento de Economia e na Faculdade de Direito da Universidade de Wisconsin e um mês em visitas às Universidades de Washington, Nova Iorque (Columbia), Chicago, Ann Arbor e Berkley; em 1942 visitou Uruguai, Argentina e Chile; em 1950, Portugal, Espanha, França, e Itália; em 1952, Holanda, Alemanha Ocidental, Austria e Suíça; 1953, Peru, Cuba e novamente os Estados Unidos; 1955, a Venezuela; em 1957, o Chile e Paraguai; em 1958, Suíça, Bélgica, Holanda, Dinamarca, Noruega, Suécia, França e Portugal; em 1960, novamente a Argentina; em 1962 outra vez os países: Argentina, Uruguai, França, Alemanha, Suíça e Peru; em 1963, a França, Suíça e Alemanha.

Bibliografia

Além de centenas de artigos, cursos e conferências, o professor Cesarino Júnior escreveu e publicou os seguintes livros:

1. *O Regime das Sociedades Anônimas no Brasil e Sua Evolução Histórica*, Saraiva e Cia. Editores, São Paulo, 1935, (esgotada).
2. *Natureza Jurídica do Contrato Individual de Trabalho* A. Coelho Branco Filho, Editor, Rio de Janeiro, 1938, (esgotada).

3. *Direito Processual e do Trabalho* vol. IV do "Tratado de Direito Social Brasileiro", Livraria Freitas Bastos, Rio de Janeiro, 1942, (esgotada).
4. *Direito Corporativo e Direito do Trabalho* soluções práticas, 10. vol., Livraria Martins Ed., 1940, (esgotada).
5. *Direito Corporativo e Direito do Trabalho* soluções práticas, 20. vol., Livraria Martins Ed., 1942, (esgotada).
6. *Sociedades Anônimas Estrangeiras* Saraiva e Cia. Editores, 1942, (esgotada).
7. *Consolidação das Leis do Trabalho* (anotada), Livraria Freitas Bastos, Rio de Janeiro, 4a. edição, 1956, 2 vols.
8. *Higiene e Segurança do Trabalho no Brasil* São Paulo, 1959.
9. *Seguro Maternidade em Direito Comparado* São Paulo, Revista dos Tribunais Editora.
10. *Direito Social Brasileiro* Livraria Freitas Bastos, Rio de Janeiro, 2 volumes, 5a. Edição.

ANTONIO FERREIRA CESARINO JUNIOR
1906-1992

O prof. Cesarino faleceu em 10 de março de 1992, e seu corpo foi velado em 11 de março, no salão nobre da Faculdade de Direito da U.S.P., no largo de São Francisco, onde advogados importantes proferiram discursos e solenes homenagens; o enterro aconteceu na tarde do mesmo dia no Cemitério São Paulo.

O *Jornal do Advogado*¹ publica, em artigo assinado pela dra. Marli Cardone, parcela das mensagens recebidas pela família e pelo Instituto Brasileiro de Direito Social, onde importantes personalidades e instituições manifestaram sua admiração pelo professor falecido. Seguem-se transcrições:

Da Congregação da Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo: "Como primeiro professor da disciplina nesta Faculdade, Cesarino Júnior assumiu a cátedra, na área do Direito do Trabalho, quando este ramo do Direito, no Brasil, ensaiava seus primeiros passos e para cujo desenvolvimento sua atividade como professor e jurista concorreu marcadamente.

Sua atividade não se restringiu ao magistério, eis que participou do Conselho de Experts e de Conferências da Organização Internacional do Trabalho, como representante do Brasil.

A ele se deve também a criação da Academia Paulista de Direito e ao seu esforço está ligada a formação do Instituto Brasileiro de Direito Social, cuja presidência ocupou seguidamente.

Em sua obra jurídica contam-se publicações que se tornaram clássicas e que ainda hoje se revestem de grande importância científica e didática, como o *Tratado de Direito*

1. *Jornal do Advogado*, 1992/187.

Social Brasileiro.

Todos quantos tiveram ensejo de conviver com o professor Cesarino Junior podem testemunhar a seriedade de seu trabalho, sua extremada dedicação ao ensino e a pertinência de seus esforços de educador e de jurista, dirigida à realização dos mais elevados ideais.

A Obra de Cesarino Júnior, suas atividades científicas e profissionais, seu magistério, por certo ficarão registrados indelevelmente nas memórias desta Faculdade".

— Da Comissão de Peritos da Organização Internacional do Trabalho (traduzido do francês):

"A lembrança de Antonio Ferreira Cesarino Júnior e suas grandes qualidades de coração e espírito permanecem vivas entre nós. Ele deixou sua marca pessoal nos trabalhos da Comissão."

— Do Prof. José Martins Catharino, da Bahia:

"Cesarino está na galeria das pessoas inesquecíveis. Desde recém-formado comecei a apreciar os seus méritos extraordinários, revelados a partir de sua obra-prima sobre o Contrato de Trabalho. Marcou uma época, firmando-se como chefe inconteste da Escola Paulista de Direito Social, com repercussão internacional. Quantas e quão vivas recordações dele tenho!"

— Da FUNDACENTRO - Fundação Jorge Duprat Figueiredo de Segurança e Medicina do Trabalho:

"O infausto acontecimento particularmente muito sensibilizou os integrantes desta Casa, não só pela conhecida contribuição dada pelo extinto à causa prevencionista e à medicina social, mas também porque seu nome sempre esteve associado à criação, à história e às lutas da Entidade, a qual, em reconhecimento público, homenageou-lhe com a outorga, em 28 de outubro de 1989, da Medalha Jorge Duprat Figueiredo, nosso patrono."

— Da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo, pelo seu presidente, Sr. Mario Amato:

"Em nome das diretorias da Federação e do Centro das Indústrias do Estado de São Paulo e no meu pessoal, apresento sentimentos de sincero pesar pelo falecimento do ilustre jurista, prof. Antonio Cesarino Júnior.

E uma irreparável perda para o nosso país e particularmente para estas entidades, que tiveram o privilégio de contar com a dedicada e competente colaboração do inesquecível professor Cesarino Júnior."

— Do Tribunal Regional do Trabalho da 8a. Região, pelo juiz Itair Silva:

"Com pesar e profunda reverência, peço consignação em ata desta manifestação, que deve ser a de todos quantos militam na grande seara do Direito Social no Brasil, requerendo ainda seja a mesma comunicada à viúva, Sra. Flora Maria Massaroto Cesarino e familiares, e ao Instituto Brasileiro de Direito Social. Fundador e presidente honorário do Instituto Brasileiro de Direito Social, o pranteado morto nasceu em Campinas, Estado de São Paulo, em 1906, bacharelando-se em Ciências Jurídicas pela Universidade de São Paulo em 1928. Em 1933 era já doutor em Ciências Jurídicas e, em 1939, tornou-se catedrático de Legislação Social da Faculdade de Direito da U.S.P., onde lecionou até 1976, quando foi alcançado pela compulsória, tendo exercido o magistério por mais de 40 anos. Era também médico, formado pela Escola Paulista de Medicina. Seu curriculum é vasto e incomprimível. Todos o conheciam, porém, pela sua magnífica

obra e pela sua condição e título incontestáveis de o *Grande Doutrinador e Sistematizador do Direito Social no Brasil*. Sua obra mestra, *Direito Social Brasileiro*, marca indelevelmente a arrancada da ciência que hoje cultuamos e dela fazemos nossa razão de viver. Por essa insubstituível perda, merece o fato registro nos anais desta Corte."

Do Tribunal Superior do Trabalho, pela pessoa do Ministro Orlando Teixeira da Costa:

"O Professor Antonio Ferreira Cesarino Júnior foi um dos pioneiros do Direito do Trabalho no Brasil, já com esta denominação mais consagrada de Direito do Trabalho. Ele publicou uma obra, que hoje é clássica, denominada *Direito Social*, porque pretendia abarcar todos os ramos do Direito Previdenciário, o Direito Processual do Trabalho, o Direito Individual e o Direito Coletivo do Trabalho. Entendo que a contribuição do professor Cesarino Júnior foi inestimável para o Direito do Trabalho. Foi ele que, realmente, o introduziu em termos modernos no Brasil, o mesmo ocorrendo com o Direito Processual do Trabalho. Poucas pessoas, talvez, hoje em dia, se lembrem do livro por ele publicado, o qual considero um clássico sobre o Direito Processual do Trabalho. Programou, durante certa época, um tratado sobre *Direito Social* e um dos volumes era o *Direito Processual do Trabalho*. Possuo este volume. Não sei se todo o tratado chegou a ser publicado, mas alguns volumes o foram. O *Direito Processual do Trabalho*, que é da autoria de Antonio Ferreira Cesarino Júnior, foi publicado porque ele programou para ser cada volume de autoria de um autor. Conforme mencionou o eminente ministro Almir Pazzianotto, solicitando que fosse feita também uma comunicação ao Instituto de Direito Social, eu gostaria de ressaltar que o professor Cesarino foi quem comprou a sede do Instituto e o fundou. Sua gestão enquanto o dirigiu foi marcante, dentre outros fatos porque uma entidade de caráter cultural, com muita frequência, não possui sede própria e este Instituto possui na Avenida Paulista, em São Paulo. De maneira que são pequenos os fatos que, realmente, mostram o papel que ele desempenhou, afora as primeiras gerações de juslaboristas, no Brasil, que foram formadas por ele. Assim sendo, entendo, Sr. presidente, que é de toda justiça este registro de profundo pesar pelo falecimento desse eminente professor."

Do Ministro Marco Aurélio Mendes de Farias Mello, do Supremo Tribunal Federal:

"Aceite sinceras condolências pelo passamento do ilustre fundador e presidente honorário desse Instituto, professor Cesarino Júnior. Uma perda tão súbita e irreparável é sempre motivo de profundas reflexões. Haveremos de encontrar consolo, no entanto, na forte lembrança do jurista incansável e idealista, no exemplo marcante de homem cuja vida foi dedicada à defesa dos interesses maiores da sociedade. Pessoas como o mestre Cesarino Júnior serão sempre fonte de estímulo ao contínuo aprendizado, na busca incessante do necessário autoaperfeiçoamento."

Do Professor Franz Gamillscheg, da Alemanha, como presidente da *Société Internationale de Droit du Travail et de la Sécurité Sociale*, em carta dirigida a 60 países que fazem parte da referida *Société* (traduzida do francês):

"Com o passamento do professor Cesarino Júnior, a Sociedade perde o último de seus membros fundadores e um pioneiro do *Direito Comparado do Trabalho* e da colaboração internacional

no campo do Direito do Trabalho e da Segurança Social, ao qual se consagra nossa Sociedade.)

Ele organizou, já em 1941, o primeiro Congresso Brasileiro de Direito Social que serviu de modelo aos nossos congressos posteriores. Em 1950, foi um dos fundadores da Sociedade Internacional de Direito Social em São Paulo, onde se realizou, em 1954, o primeiro Congresso Internacional desta Sociedade. Entre os relatores desse congresso figuravam os grandes especialistas da época: Mario Deveali, Paul Durand, Otto Kahn-Freund, Arthur Lenhoff, Hans Carl Nipperdey, Mariano Tissbaum. Em 1958, quando da fusão da Sociedade Internacional de Direito Social com os congressos internacionais de Direito de Trabalho, o professor Cesarino tornou-se o primeiro presidente honorário da nossa Sociedade, e a ela se consagrou igualmente nos anos que se seguiram.

Aqueles, entre nós, que estiveram presentes no Congresso de Washington de 1982, hão de lembrar-se da imensa alegria de nossos amigos e colegas da América Latina quando ele foi eleito o primeiro presidente latino-americano de nossa sociedade: uma eleição que lhe rendeu uma homenagem, assim como a todos os juristas latino-americanos, pela sua grande contribuição ao Direito do Trabalho Internacional.

O professor Cesarino Júnior nos deixou após uma vida longa e fecunda. A lembrança desta eminente personalidade permanecerá gravada em nossas memórias."

_ Do advogado José Turcato:

"Muito oportuno seus artigos no suplemento de Justiça dos jornais *O Estado de São Paulo* e *Folha de São Paulo* sobre o professor Cesarino Júnior. Sobre serem oportunos, refletem, de minha parte e, acredito da Turma de 58 o sentimento de gratidão, de respeito e de saudade de um mestre que tanto nos ajudou na vida. Endosso as palavras contidas nos referidos artigos e dou-lhes os parabéns pela precisão e verdade delas."

_ Do advogado Nery Mendonça, mediante manifestação em nome próprio e pela OAB - 4a. Seccional de Minas Gerais e Associação Mineira de Advogados Trabalhistas, lavrada em ata de audiência:

"Tendo em vista o falecimento do emérito prof. Antonio Ferreira Cesarino Júnior, ocorrido no dia 10 do mês corrente, foi inserida em Ata de Audiência, manifestação de pêsames pelo passamento de um dos maiores advogados trabalhistas de que se tem conhecimento neste século, emérito professor da Universidade de São Paulo e um dos advogados que deixou exemplos a serem seguidos como modelo de honestidade, transmitindo a todos a premissa de que *se não formos advogados honestos, é preferível não sermos advogados*. Não se pode olvidar que foi o ilustre desaparecido um dos construtores de toda a teoria que hoje é respeitada pelos cultores das letras jurídicas e sociais, e que jamais aceitaria a chamada Advocacia de partido, como não aceitou, para não ver tolhida sua liberdade de homem de pensamento ímpar."

_ Do Prof. Waclaw Szubert, da Polônia (traduzida do inglês):

"Não fui afortunado o suficiente para me tornar um de seus amigos íntimos, mas acompanhei suas atividades e admirei suas finas qualidades, assim como sua erudição e experiência. Lastimo sua perda como a de um eminente estudioso e advogado de grande mérito e excepcionais qualidades."

no campo do Direito do Trabalho e da Segurança Social, ao qual se consagra nossa Sociedade.

Ele organizou, já em 1941, o primeiro Congresso Brasileiro de Direito Social que serviu de modelo aos nossos congressos posteriores. Em 1950, foi um dos fundadores da Sociedade Internacional de Direito Social em São Paulo, onde se realizou, em 1954, o primeiro Congresso Internacional desta Sociedade. Entre os relatores desse congresso figuravam os grandes especialistas da época: Mario Deveali, Paul Durand, Otto Kahn-Freund, Arthur Lenhoff, Hans Carl Nipperdey, Mariano Tissembaum. Em 1958, quando da fusão da Sociedade Internacional de Direito Social com os congressos internacionais de Direito de Trabalho, o professor Cesarino tornou-se o primeiro presidente honorário da nossa Sociedade, e a ela se consagrou igualmente nos anos que se seguiram.

Aqueles, entre nós, que estiveram presentes no Congresso de Washington de 1982, hão de lembrar-se da imensa alegria de nossos amigos e colegas da América Latina quando ele foi eleito o primeiro presidente latino-americano de nossa sociedade: uma eleição que lhe rendeu uma homenagem, assim como a todos os juristas latino-americanos, pela sua grande contribuição ao Direito do Trabalho Internacional.

O professor Cesarino Júnior nos deixou após uma vida longa e fecunda. A lembrança desta eminente personalidade permanecerá gravada em nossas memórias."

_ Do advogado José Turcato:

"Muito oportuno seus artigos no suplemento de Justiça dos jornais *O Estado de São Paulo* e *Folha de São Paulo* sobre o professor Cesarino Júnior. Sobre serem oportunos, refletem, de minha parte e, acredito da Turma de 58 o sentimento de gratidão, de respeito e de saudade de um mestre que tanto nos ajudou na vida. Endosso as palavras contidas nos referidos artigos e dou-lhes os parabéns pela precisão e verdade delas."

_ Do advogado Nery Mendonça, mediante manifestação em nome próprio e pela OAB - 4a. Seccional de Minas Gerais e Associação Mineira de Advogados Trabalhistas, lavrada em ata de audiência:

"Tendo em vista o falecimento do emérito prof. Antonio Ferreira Cesarino Júnior, ocorrido no dia 10 do mês corrente, foi inserida em Ata de Audiência, manifestação de pêsames pelo passamento de um dos maiores advogados trabalhistas de que se tem conhecimento neste século, emérito professor da Universidade de São Paulo e um dos advogados que deixou exemplos a serem seguidos como modelo de honestidade, transmitindo a todos a premissa de que *se não formos advogados honestos, é preferível não sermos advogados*. Não se pode olvidar que foi o ilustre desaparecido um dos construtores de toda a teoria que hoje é respeitada pelos cultores das letras jurídicas e sociais, e que jamais aceitaria a chamada Advocacia de partido, como não aceitou, para não ver tolhida sua liberdade de homem de pensamento impar."

_ Do Prof. Waclaw Szubert, da Polônia (traduzida do inglês):

"Não fui afortunado o suficiente para me tornar um de seus amigos íntimos, mas acompanhei suas atividades e admirei suas finas qualidades, assim como sua erudição e experiência. Lastimo sua perda como a de um eminente estudioso e advogado de grande mérito e excepcionais qualidades."